

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação

Wellington Roriz de Oliveira Júnior

Integração corpo/mente na Análise Bioenergética de Alexander Lowen: a
relação entre o adoecimento corporal e as estruturas de caráter

Goiânia
2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

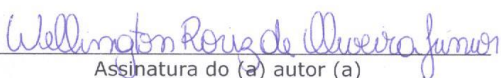
Nome completo do autor: Wellington Roriz de Oliveira Júnior

Título do trabalho: Integração corpo/mente na Análise Bioenergética de Alexander Lowen: a relação entre o adoecimento corporal e as estruturas de caráter.

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a)

Data: 21 / 09 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação

Wellington Roriz de Oliveira Júnior

Integração corpo/mente na Análise Bioenergética de Alexander Lowen: a relação entre o
adoecimento corporal e as estruturas de caráter

Trabalho final de mestrado apresentado à
Banca Examinadora do Programa de Pós-
Graduação em Psicologia – Mestrado, da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Goiás, como exigência parcial para
a obtenção do título de Mestre em Psicologia,
linha de pesquisa Bases Históricas da
Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr.
Domenico Uhng Hur.

Goiânia
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira Júnior, Wellington Roriz de
Integração corpo/mente na Análise Bioenergética de Alexander Lowen: [manuscrito] : a relação entre o adoecimento corporal e as estruturas de caráter / Wellington Roriz de Oliveira Júnior. - 2016.
IX, 159 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Domenico Uhng Hur.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Goiânia, 2016.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Corpo/mente. 2. Bioenergética. 3. Alexander Lowen. 4.
Caráter. 5. Adoecimento. I. Hur, Domenico Uhng, orient. II. Título.

CDU 159.9

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
MESTRADO DE WELLINGTON ORIZ DE OLIVEIRA JÚNIOR**

Aos vinte e cinco dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezesseis (25/08/2016), às 18:30 horas, reuniram-se os componentes da Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado: Prof. Dr. Domenico Uhng Hur, doutor em **Psicologia Social** pela USP; Prof. Dr. Sebastião Benício da Costa Neto, doutor em **Psicologia** pela Universidade de Brasília e Prof.ª Dr.ª Gisele Toassa, doutora em **Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano** pela Universidade de São Paulo para, sob a presidência do primeiro, e em sessão pública realizada nas dependências da Faculdade de Educação, procederem à sessão pública de defesa da dissertação intitulada: **“Integração corpo/mente na Análise Bioenergética de Alexander Lowen: a relação entre o adoecimento corporal e as estruturas de caráter”**, em nível de Mestrado, área de concentração em Psicologia, de autoria de **Wellington Roriz de Oliveira Júnior**, discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pelo presidente da Banca Examinadora, **Prof. Dr. Domenico Uhng Hur**, que fez a apresentação formal dos membros da Banca e deu início às atividades de apresentação, apreciação e avaliação da dissertação de mestrado. A Banca Examinadora, após a apreciação e avaliação do texto apresentado, decidiu considerá-lo **aprovado**. Os trabalhos foram até às ___: ___ horas e eu, **Maria do Rosário Silva Resende**, subcoordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FE/UFG, lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. Goiânia, aos **vinte e cinco dias do mês de agosto 2016**.

Prof. Dr. Domenico Uhng Hur– (Orient.) _____

Prof. Dr. Sebastião Benício da Costa Neto _____

Prof.ª Dr.ª Gisele Toassa _____

Maria do Rosário Silva Resende (Subcoordenadora do PPGP) _____

Dedico este trabalho à minha filha, que há poucos dias veio ao mundo: que tenha saúde para enfrentar todos os desafios que a vida lhe proporcionar.

Agradecimentos

Aos responsáveis pelo curso de Mestrado em Psicologia da UFG, pela qualidade e pelo rigor teórico com que o curso foi elaborado e desenvolvido.

Aos professores, os quais tiveram fundamental importância na minha formação como profissional e pessoa.

Ao meu orientador, prof. Dr. Domenico Uhng Hur, por ter aceitado o desafio de se aventurar nessa temática comigo, mesmo sem ser esta a sua área de pesquisa.

Ao grupo de Bioenergética, pelas experiências corporais e emocionais que pude vivenciar.

Aos meus pacientes, pela confiança que depositam em meu trabalho e pelo aprendizado que me proporcionam a cada dia.

Aos terapeutas que já tive, pelo profissionalismo e pela humanidade com que conduziram minhas questões.

Aos meus amigos e companheiros, em seus diferentes graus de intimidade e compromisso, que fizeram com que muitos momentos se tornassem inesquecíveis.

Aos amigos que, de diversas formas, me ajudaram a realizar este trabalho.

À minha mãe, pela força e coragem diante da vida e pelo suporte e apoio de sempre.

Ao meu pai, por ter me apresentado a Bioenergética.

Às minhas irmãs, pela admiração que tenho por elas como pessoas e profissionais.

A todos aqueles que me sensibilizaram durante este percurso e que, de alguma maneira, me tornaram mais humano.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre corpo e mente na obra de Alexander Lowen, no intento de discutir como o adoecimento corporal se relaciona com as estruturas de caráter. Para isso, busca-se: a) conhecer como o corpo aparece como conceito na perspectiva apresentada pelo autor; b) analisar como se dá e como se constrói historicamente a relação entre corpo e mente nessa abordagem; c) conhecer como se constroem e se fundamentam os conceitos de caráter e adoecimento em sua teoria; d) debater como o autor desenvolve a articulação entre ambos. Assumiu-se como hipóteses que o caráter se mostra como um ponto de articulação importante entre mente e corpo e que sua constituição está relacionada ao adoecimento corporal. Foi utilizada pesquisa bibliográfica, qualitativa, e o método utilizado foi a Análise de Conteúdo Categorical das obras de Lowen, assim como de seus precursores, bem como artigos atuais sobre a temática. Cinco categorias foram elaboradas para a análise dos dados coletados: o desenvolvimento infantil; o conceito de energia; a relação entre o ego e o corpo; as emoções e a sexualidade; e a relação do indivíduo com o contexto sócio-histórico em que vive. Conclui-se que o caráter se mostra como elemento fundamental e resultante na relação entre corpo e mente. Além disso, sua constituição segue a mesma função do adoecimento, que é a de reagir a um agente estressante e restabelecer o equilíbrio do organismo. Portanto, há uma relação entre ambos, uma vez que diferentes tipos de caráter lidam com a doença de formas particulares. Percebe-se que indivíduos com a combinação de traços orais e rígidos possuem características peculiares que os tornam mais propensos ao adoecimento corporal do que indivíduos com outras estruturas de caráter, embora essa forma de categorização se modifique ao longo da obra do autor. Ressalta-se a importância dos conceitos discutidos por Lowen na estruturação de sua teoria e no desenvolvimento de uma perspectiva em psicologia que aborde o corpo e a mente de forma integrada.

Palavras-chave: Corpo/mente. Bioenergética. Alexander Lowen. Caráter. Adoecimento.

Abstract

This study has the objective to analyze the relationship between body and mind in Alexander Lowen's publications to discuss how the body illness is related to the character structures. For this, we seek to know how the body appears as a concept in the perspective presented by the author; discuss how is and how historically builds the relationship between body and mind in his approach; know how the character and illness concepts were built in his theory; discuss how the author develops the relationship between both. It was assumed as hypothesis that the character appears as an important joint point between mind and body and that its constitution is related to the body illness. Bibliographic and qualitative research was used, and the method used was Categorical Content Analysis of Lowen publications, his precursors and also of current articles on the topic. Five categories were developed to analyze the collected information: child development; the concept of energy; the relationship between the ego and the body; the emotions and sexuality; and the individual's relationship with the historical and social context in which they live. We conclude that the character appears as a fundamental and resulting element in the relationship between mind and body and that its constitution follows the same function of the illness, which is to react to a stressor element and restore the body's balance. Therefore, there is a relationship between them, since different types of character handle the particular disease forms. It is noticed that individuals with a combination of oral and rigid traits have unique characteristics that make them more prone to bodily illness than individuals with other character structures. This way of categorization changes among the author's publications. We emphasize the importance of the concepts discussed by Lowen in structuring his theory and in developing a perspective in psychology that addresses the body and mind in an integrated manner.

Keywords: Body/Mind. Bioenergetic. Alexander Lowen. Character. Illness.

Sumário

LISTA DE FIGURAS.....	10
INTRODUÇÃO	12
Método	21
CAPÍTULO 1 – BASES HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA ANÁLISE BIOENERGÉTICA: A IMPORTÂNCIA DO CORPO E DO CARÁTER NO PENSAMENTO DE LOWEN	29
1.1 O Estudo do Caráter e sua Importância no Pensamento de Lowen	30
1.2 A Relação entre a Biografia e a Construção Teórica de Alexander Lowen	33
<i>1.2.1 Um breve histórico pessoal de Alexander Lowen.</i>	<i>35</i>
<i>1.2.2 Um breve histórico profissional de Alexander Lowen.</i>	<i>39</i>
1.2.2.1. O encontro de Lowen com Wilhelm Reich.	40
1.2.2.2 A relação de Lowen com John Pierrakos.	42
<i>1.2.3 A produção bibliográfica de Lowen.....</i>	<i>44</i>
CAPÍTULO 2 – A INTEGRAÇÃO CORPO/MENTE E O CARÁTER NA ANÁLISE BIOENERGÉTICA.....	51
a) O Caráter em Relação ao Desenvolvimento Infantil.....	56
b) O Conceito de (Bio)Energia.....	60
c) A Relação entre o Ego e o Corpo.....	65
d) O Papel das Emoções e da Sexualidade na Relação entre Mente e Corpo	70
e) O Caráter em Relação ao Contexto Sociocultural.....	73
CAPÍTULO 3 – SAÚDE E ADOECIMENTO CORPORAL NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE BIOENERGÉTICA DE ALEXANDER LOWEN.....	79
a) Desenvolvimento Infantil – Satisfação das Necessidades Vitais <i>versus</i> Traumas	90
b) Energia – Fluidez e Mobilidade <i>versus</i> Tensões.....	92
c) Ego e Corpo – Integração Ego/Corpo e Força Egoica <i>versus</i> Dissociação Ego/Corpo e Fragilidade Egoica	94
d) Emoções (Contato <i>versus</i> Distanciamento) e Sexualidade (Integração Amor/Sexo <i>versus</i> Cisão Amor/Sexo).....	96
e) Contexto Sociocultural – Realidade do Corpo <i>versus</i> Cultura de Ilusão	97
CAPÍTULO 4 – A TIPOLOGIA DE LOWEN SOBRE AS ESTRUTURAS DE CARÁTER E A RELAÇÃO COM O ADOECIMENTO	100
4.1 A Estrutura Esquizoide e Esquizofrênica.....	102

a) <i>Desenvolvimento infantil, a hostilidade e fragmentação vivenciadas.</i>	103
b) <i>Energia – Baixa carga energética e cisão corporal.</i>	104
c) <i>Fragilidade e Dissociação entre Ego e Corpo.</i>	107
d) <i>Emoções fragmentadas e a fragilidade na relação amor/sexo.</i>	110
e) <i>Contexto sociocultural e o precário contato com a realidade.</i>	111
4.2 A Estrutura Oral e o Adoecimento Ligado à Falta e à Fragilidade	112
a) <i>Desenvolvimento infantil e a experiência da privação e do desamparo.</i>	113
b) <i>Baixa carga de energia.</i>	114
c) <i>Fragilidade do Ego e do Corpo.</i>	116
d) <i>Emoções – tristeza e raiva, sexualidade frágil e amor dependente.</i>	117
e) <i>Cultura, anseios e privação emocional.</i>	118
4.3 A Estrutura Psicopática e a Negação da Realidade e do Adoecimento	119
a) <i>Desenvolvimento infantil, sedução e apego à imagem ideal.</i>	120
b) <i>Deslocamento superior da energia.</i>	120
c) <i>Ego inflado e relação de negação do corpo.</i>	122
d) <i>Negação das emoções e sexualidade ligada ao poder e dominação sobre o outro.</i>	124
e) <i>Cultura da imagem e do poder.</i>	124
4.4 A Estrutura Masoquista, a Sobrecarga e a Resistência ao Adoecimento	125
a) <i>Desenvolvimento infantil, sobrecarga, submissão e humilhação.</i>	127
b) <i>Estagnação e contenção da energia.</i>	128
c) <i>Contenção e supressão do ego e do corpo.</i>	130
d) <i>Emoções contidas e sexualidade reprimida.</i>	132
e) <i>Cultura de contenção e o desejo de transgressão.</i>	132
4.5 A Estrutura Rígida e o Adoecimento pela Cisão entre Amor e Sexo	133
a) <i>Desenvolvimento infantil e o período edipiano.</i>	134
b) <i>Alta carga de energia e cisão energética.</i>	135
c) <i>Força e controle do ego e do corpo.</i>	136
d) <i>Sexualidade e emoções e a cisão entre sexo e amor.</i>	138
e) <i>Cultura, adaptação à sociedade e controle dos impulsos.</i>	139
4.6 A Concepção de Hierarquia dos Tipos de Caráter	140
CONCLUSÕES	146
REFERÊNCIAS	152

Lista de Figuras

Figura 1 –	a) Esquema do corpo humano com os pontos de extremidades (esquerda). b) Utilização do diagrama (direita) como representação dos pontos extremos do corpo humano	64
Figura 2 –	Diagrama dos processos energéticos em dois níveis	66
Figura 3 –	A personalidade em relação ao id, ego, superego, ego ideal, caráter e a musculatura	68
Figura 4 –	Esquema representativo da teoria do Stress, de Hans Selye	89
Figura 5 –	Relação entre neurose e saúde emocional e entre psicose e enfermidade emocional	91
Figura 6 –	Círculo representativo da unidade do organismo em relação aos aspectos físicos, mentais, emocionais e sexuais	96
Figura 7 –	Diagrama representativo do caráter esquizoide	104
Figura 8 –	Representação do corpo e o fluxo energético na estrutura esquizoide, com os pontos de vazamento da energia representados pelos traços	105
Figura 9 –	Representação ilustrativa de um corpo do tipo esquizoide	107
Figura 10 –	Distribuição energética da estrutura oral	114
Figura 1 –	Representação ilustrativa do corpo típico e o fluxo energético da estrutura oral	115
Figura 2 –	Representação ilustrativa do corpo do tipo oral	116
Figura 3 –	Diagrama representativo da distribuição energética da estrutura psicopática	121
Figura 4 –	Representação ilustrativa do corpo típico e o fluxo energético da estrutura psicopática	121
Figura 15 –	Defesa Psicopática – perfil manipulador	123
Figura 16 –	Defesa Psicopática – perfil sedutor	123
Figura 17 –	Diagrama representativo da estrutura masoquista	129
Figura 18 –	Representação ilustrativa do corpo e fluxo energético na estrutura masoquista	129
Figura 19 –	Representação ilustrativa do corpo típico da estrutura masoquista	131
Figura 20 –	Diagrama representativo da estrutura rígida	135
Figura 21 –	Representação do corpo e fluxo energético da estrutura rígida	136

Figura 22 – Representação do corpo típico na estrutura rígida	137
Figura 23 – Esquema representativo da hierarquia dos tipos de carácter a partir das categorias de análise	142

Introdução

O estudo do psiquismo é comumente tido como objeto da Psicologia enquanto ciência. Apesar da complexidade de definição que esse objeto apresenta historicamente, e por ser considerado um termo amplo, é utilizado para designar um conjunto de categorias associadas aos aspectos mentais, emocionais e subjetivos. Por outro lado, ao se pensar a mente ou qualquer outra categoria do psiquismo, é inevitável levar em conta a importância do papel do corpo. Principalmente quando se trata do campo da Saúde, o limite entre o corpo e a mente, entre o somático e o psíquico, é tênue e delicado, pois a interação entre essas instâncias se evidencia quando se trata do ser humano em sua complexidade. Ao mesmo tempo, são poucos os mecanismos de análise que tratam das formas como essa interação se apresenta. A grande maioria das abordagens psicológicas não possui uma boa definição sobre a importância do corpo na investigação e compreensão do indivíduo em sua totalidade. O presente trabalho¹ teve como ponto de partida o interesse pela temática da integração entre corpo e mente, considerando que é uma relação historicamente complexa e controversa entre autores que discutem essa integração.

Geralmente, o corpo e os processos somáticos que o envolvem são estudados pela psicologia sob uma perspectiva subjetiva e social, que tem em mente a percepção do indivíduo sobre seu corpo e a construção de sua identidade corporal. Já o corpo objetivo, concreto, observável e palpável não costuma ser considerado como instrumento de análise psicológica, sendo comumente atribuído a outras áreas do conhecimento, como a fisiologia, a anatomia, entre outras. Essa separação evidencia a dissociação realizada entre corpo e mente e a falta de perspectivas que trabalhem com a ideia de integração entre as duas instâncias. Segundo Ávila (2012, p. 52), “o corpo do indivíduo é algo primordial das pesquisas psicológicas, considerando o enraizamento de qualquer processo psíquico na materialidade corporal”. Portanto, essa dissociação contribui para a fragmentação do conhecimento.

Além disso, o autor aponta a necessidade de se desenvolver uma concepção em que há uma relação de integração entre os aspectos subjetivos do psiquismo e a realidade objetiva do corpo. Notadamente na Universidade, essa temática geralmente é apresentada com dificuldade e percebe-se que há uma falta de aprofundamento nas discussões realizadas pelas abordagens

¹ Alguns trechos deste trabalho foram apresentados, concomitantemente ao período de escrita desta dissertação, no XX Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, bem como publicados nos anais do evento (Oliveira Junior & Hur, 2015).

tradicionais da psicologia. Essa problemática é apontada por diferentes autores que discutem a temática (Ávila, 2012; Bueno, 1997).

Em realidade, a complexa relação entre corpo e mente é uma discussão existente desde os primeiros registros escritos da civilização ocidental. As diferentes formas de pensamento sobre esse tema marcaram a filosofia clássica e a medicina ao longo dos séculos (Andrade, Castro & Muller, 2006). Essas diferenças de concepções acompanharam também o desenvolvimento epistemológico nos estudos psicológicos, os quais se estruturaram historicamente a partir de diversas linhas teóricas. Isso fez com que as concepções sobre o corpo, a mente e a interação dessas duas instâncias assumissem diferentes estruturas teóricas no campo da Psicologia.

É importante lembrar que a consolidação da psicanálise, no século XIX, contribuiu para intensificar o estudo da mente e dos processos psíquicos, o que se desenvolve a partir da observação dos sintomas que se expressavam no corpo das pacientes histéricas. Essas pacientes, antes avaliadas apenas do ponto de vista biológico, tornaram-se objeto de estudo sob o enfoque psicológico, enfrentando os preconceitos e as mudanças de paradigmas vigentes nesse período. Entretanto, por mais que as teorias psicológicas sejam cada vez mais aceitas, percebe-se que a ênfase nos aspectos do corpo ou da mente varia de acordo com a abordagem teórica utilizada na análise de dado objeto. Assume-se, tradicionalmente, um caráter de biologismo ou psicologismo. Isso significa que há pelo menos duas perspectivas: uma que considera a influência dos processos biológicos no funcionamento da mente e outra segundo a qual o que ocorre no corpo é consequência de conflitos psíquicos. É comum, de maneira geral, encontrarmos essa tradicional visão dualista, em que essas duas instâncias são vistas de forma dissociada.

A tradicional visão que se assume nos estudos sobre a subjetividade a partir de um foco nos processos mentais deve ser colocada em questão por meio de uma perspectiva crítica sobre o papel que o corpo assume nessas teorias. Teo (2009) aponta essa problemática ao falar sobre a necessidade do desenvolvimento das *embodied theories of subjectivity*, ou seja, linhas de pensamento que não excluem o corpo das teorizações sobre a subjetividade enquanto objeto da psicologia. Além disso, é importante apreender ontologicamente a relação entre mente e corpo nas ciências psicológicas (Teo, 2009), buscando analisar como essa integração ocorre ao longo do desenvolvimento das principais teorias da psicologia, de forma que possa contribuir para uma melhor compreensão da temática.

Fleck, Hoffman, Muller e Zogbi (2005) apontam que há um movimento histórico de dissociação entre mente e corpo e ressaltam a necessidade atual de construirmos uma área da

saúde em que essas instâncias fossem consideradas de forma menos dissociada. Por exemplo, o conhecimento psicológico é requisitado, em muitos casos, pela medicina, para se buscar compreender aspectos do psiquismo que possam estar influenciando processos de adoecimento. Percebe-se que o corpo é mais abordado pela psicologia quando se trata de discussões sobre o adoecimento a partir da perspectiva psicossomática.² Essa perspectiva se mostra como um modelo teórico (Cerchiari, 2000) em que a relação corpo e mente se mostra fundamental para a compreensão dos processos de adoecimento, já que os aspectos presentes no nível psicológico exercem influência sobre o adoecimento que ocorre no nível do corpo. Entretanto, mesmo os psicólogos que trabalham na área da saúde, como em hospitais, muitas vezes têm sua intervenção restrita aos aspectos psíquicos. Com isso, desconsideram-se fatores envolvidos nos processos corporais que poderiam ser extremamente importantes na compreensão do paciente como um todo.

Reflexões a partir dessa perspectiva são realizadas historicamente em maior ou menor grau, de acordo com o período e com a área de atuação. Por exemplo, na medicina ocidental, percebe-se um movimento recente de mais abertura a essa perspectiva, apesar de ser um processo que já data de séculos (Caldeira, 2003). Já na psicologia, percebe-se que a grande maioria das abordagens teóricas que se desenvolveram ao longo da história não discute diretamente essa integração.

Em contrapartida, nas últimas décadas se consolidaram as abordagens que se enquadram na denominada Psicologia Corporal, que são vertentes teóricas e metodológicas que propõem uma maior integração entre corpo e mente para as discussões sobre a teoria e a prática em psicologia. Nessas perspectivas, o corpo não é considerado apenas em relação aos aspectos subjetivos que o permeiam, mas também como expressão objetiva dos aspectos psicológicos do indivíduo.

Entretanto, em relação ao montante de produções em psicologia, ainda existem poucas pesquisas que abordam a importância do corpo e o problema da integração com a mente. Definimos como um problema por entendermos essa integração como complexa e pouco discutida. Mesmo nas abordagens corporais, são escassas as discussões a respeito dos limites das influências de um sobre o outro e sobre como se dá essa relação.

² Embora o termo “psicossomática” exista também para se referir a uma instituição do conhecimento e ramificação da medicina, conforme foi utilizado nesse momento, também pode ser usado no sentido da própria palavra. “[...] a tentativa de unidade, de complementação entre o psíquico e o somático se faz por meio da palavra psicossomático [...]. No uso da palavra psicossomática, a tentativa é de interdisciplinaridade entre o aparelho psíquico e o somático.” (Castro, 2001, p. 163). Essa definição cabe bem à nossa proposta por estarmos trabalhando com uma perspectiva teórica que considera a integração entre processos psíquicos e somáticos. Para não gerar confusões, ao longo do presente trabalho, o termo “psicocorporal” será utilizado para expressar essa combinação entre “psico” e “soma”.

Essa problemática se mostra ainda mais intrigante no que diz respeito ao adoecimento do corpo. Muitas das enfermidades físicas do mundo contemporâneo não têm suas origens orgânicas bem compreendidas. O avanço dos estudos em psicossomática tem trazido contribuições importantes para a compreensão do psiquismo humano e da relação com o corpo. Perspectivas psicossomáticas têm atribuído explicações emocionais para problemas expressos no nível orgânico, oferecendo contribuições importantes à medicina e aos estudos sobre a gênese de doenças e possíveis tratamentos. Entretanto, muitas vezes essa relação entre psiquismo e corpo assume uma dimensão de causalidade, ou seja, corre-se o risco de restringir o que ocorre no corpo apenas aos aspectos psicológicos, ficando o adoecimento físico sujeito às questões muitas vezes obscuras da mente (Donice, 2007).

Dessa forma, muitas vezes abandona-se certo biologismo vigente até então, no qual a mente humana estaria submetida a fatores orgânicos e bioquímicos, e assume-se uma posição onde há um psicologismo sobre o problema em questão, ou seja, os processos psicológicos assumem uma importância tal que acabam se tornando causa para todos os problemas físicos. Por outro lado, muitas enfermidades são tratadas apenas do ponto de vista corporal, desconsiderando-se aspectos do psiquismo que podem ter influenciado a origem, o desenvolvimento e o tratamento da doença.

Tanto uma como a outra acabam por se constituir em reducionismos, desconsiderando a possibilidade de uma integração entre soma e psique, as quais representam a totalidade do ser humano em toda a sua complexidade.

De acordo com Riechelman (2000, p. 171), a relação entre emoções e alterações orgânicas é citada em textos médicos desde Hipócrates até os fundadores da medicina moderna como Sydenham, Willis, Harvey e Saub, onde as emoções figuram como fator etiológico das doenças, cujo enfoque chamou de psicogênese. A partir da psicanálise, alguns autores como Groddeck, Deutsch, Ferenczi e Telford, entre outros, aventuram aplicar os postulados de Freud na compreensão das doenças, mas incorreu num novo reducionismo, agora o psicológico, por seguirem a lógica do método explicativo para estabelecer relações “mecânicas” de causa e efeito entre um fato psíquico e orgânico. Esse “psicologismo” representa uma visão tão distorcida do ser humano quanto o “biologismo” que imperava anteriormente (Donice, 2007, p. 14).

Nessa perspectiva, tanto o corporal quanto o psíquico se referem ao indivíduo e um é importante para a compreensão do outro. A consideração dos aspectos psíquicos é importante para que se amplie a visão sobre o que é expresso no físico. Da mesma forma, o corpo e os aspectos observáveis que o permeiam são caminhos importantes para se compreender o

psiquismo. Donice (2007) apresenta essa problemática e acredita, assim como Nascimento (2012), que a psicologia corporal faz uma tentativa de superar essa dualidade.

Além disso, não podemos deixar de questionar as razões atribuídas a muitas doenças comuns, já que são explicações que partem para uma multicausalidade, em que diversos fatores da vida do indivíduo contribuem para que aquela enfermidade ocorra. Muitas vezes se busca explicação na genética e na hereditariedade, outras vezes no estilo de vida e, ainda, no fator ambiental de exposição ao risco, porém, esses são fatores que, isoladamente, não conseguem explicar certos fatos.

Diante desse problema, surge o interesse de buscar referenciais que abordem melhor a questão do corpo em sua complexidade e em sua relação com a psicologia. Desse modo, pode-se recorrer às abordagens corporais em psicologia, as quais demonstram articular, de forma mais sistematizada, a problemática da integração entre corpo e mente. Essas abordagens possuem uma aplicação prática em intenso crescimento, contudo, são poucas as pesquisas desenvolvidas por autores que se utilizam desses referenciais no campo acadêmico, o que também se apresenta como um problema.

Dentre as abordagens corporais, escolhemos analisar o suporte teórico da Análise Bioenergética, de Alexander Lowen, que desenvolve diversos conceitos para trabalhar a questão do corpo e sua integração com a mente. Percebe-se a importância que o autor atribui ao corpo em sua afirmação de que:

No decorrer de seu desenvolvimento, a psicologia jamais conseguiu dissociar-se das manifestações físicas de conflitos emocionais. Contudo, no que respeita à função física do organismo, a atitude psicanalítica tem sido a de abordá-la através de sua reflexão psíquica. Pode-se proceder no sentido inverso com maior eficácia, ou seja, do problema físico para sua representação psíquica (Lowen, 1958/1977, p. 97).

Pode-se observar que o autor apresenta uma abordagem diferente das perspectivas analíticas tradicionais, evidenciando a tensão existente historicamente na psicologia acerca da relação corpo/mente.

É importante ressaltar que a teoria de Lowen parte do referencial da Psicanálise, de Sigmund Freud. Além disso, é sustentada pelas teorias de Wilhelm Reich, cujos desdobramentos teórico-investigativos atribuíram ao corpo importante papel no desenvolvimento do ego e do psiquismo como um todo. Entretanto, apesar de se fundamentar nesses dois autores, Lowen se utiliza apenas de alguns conceitos trabalhados por eles, pois desenvolve sua própria teoria e se diferencia de seus precursores.

Em seu primeiro livro, *O corpo em terapia*, Lowen (1958/1977, p. 97) afirma que “nem em Reich, nem em qualquer outro autor analítico, existe uma apresentação sistemática da relação entre a função somática e os problemas psíquicos”. Em seguida, o autor se propõe a preencher essa lacuna e diz que apresentará essa sistematização na segunda metade do livro, em que foca no desenvolvimento teórico dos tipos de caráter. Isso nos leva a pensar na hipótese de que, dentre os principais conceitos que Lowen utilizou de seus precursores, o de caráter se mostra fundamental para compreender o ponto de integração entre o corpo e a mente.

Em uma perspectiva analítica, de forma geral, o conceito de caráter se torna controverso em decorrência das diferentes posições teóricas assumidas pelos diferentes autores. Atribui-se mais ou menos importância ao tema de acordo com a técnica que eles desenvolvem para a prática clínica e, conseqüentemente, para a pesquisa.

O conceito de caráter foi pouco discutido por Freud (1908), e foi Wilhelm Reich (1933) que se dedicou mais especificamente ao tema e enfatizou a importância de se considerar o corpo na compreensão desse conceito. Posteriormente, Reich abandonou o estudo do caráter, de que se apropriou Alexander Lowen (Melo, 2010).

Lowen (1958/1977) considera que a história inicial de vida dos indivíduos tem uma grande importância na formação e estruturação da mente e do corpo. Na visão do autor, o caráter é uma forma de expressão das defesas que vão sendo adquiridas e se desenvolve tanto psíquica quanto corporalmente, podendo ser observado em diferentes estruturas. A definição de estruturas de caráter pode ser sintetizada como sendo a expressão resultante das defesas utilizadas pelos indivíduos para reagirem às tensões e frustrações ocasionadas ao longo do desenvolvimento infantil.

O mais importante a se considerar é que essas defesas se estruturam tanto do ponto de vista biológico quanto psicológico. Essas defesas se expressam pelas estruturas de caráter, que são as resultantes, no nível corporal e psíquico, de como essas defesas se constroem e se consolidam. Pode-se colocar como hipótese que o caráter, em seus aspectos físicos e psíquicos, é um dos pontos de encontro na relação entre corpo e mente, é uma função unitária que liga o somático ao psíquico (Lowen, 1975/1982), e isso pode ser observado na ênfase que o autor atribui ao conceito. De acordo com Lowen (1958/1977, p. 117), “A psicologia e a biologia se encontram no estudo do caráter”.

O autor apresenta uma grande contribuição ao desenvolver esses conceitos de forma detalhada. Ademais, propõe apresentar uma teoria que pretende, segundo ele, superar a concepção tradicional acerca do dualismo corpo/mente.

Mente e corpo estão sendo dualisticamente considerados. Cada um é abordado como uma entidade separada que equivale e interage com a outra. Cada ação é vista como ocorrendo em dois níveis – somático e psíquico – ao mesmo tempo. Pode-se relacionar a organização dos processos mentais com a correspondente organização dos processos corporais. Os conceitos de ego, id e superego têm seus perfeitos correspondentes na esfera somática (Lowen, 1958/1977, p. 47).

Entretanto, ao mesmo tempo em que o autor propõe uma integração, em alguns momentos parece determinar uma causalidade psicológica para o que se inscreve no nível do corpo, principalmente quando discorre sobre o adoecimento físico. Por exemplo, em alguns momentos (Lowen, 1958/1977, 1975/1982, 1980, 1988/1990), afirma que certas ocorrências de enfermidades são resultantes de conflitos psíquicos. No entanto, não explica a forma como essa relação ocorre, evidenciando a tensão existente na relação entre o corpo e a mente. Esse pensamento parece se modificar ao longo de sua produção, mas se mantém controverso entre autores que se utilizam de seu referencial teórico. Além disso, podemos encontrar, em diversos momentos, uma associação entre determinada estrutura de caráter e um tipo específico de adoecimento. Por exemplo, Lowen (1975/1982) afirma que indivíduos de determinado tipo de caráter são mais propensos a desenvolver adoecimentos e problemas específicos em determinadas partes do corpo, em contraposição a indivíduos de outras estruturas.³

Como já dito, na obra de Lowen há uma relação entre o conceito de caráter e as defesas adquiridas pelos indivíduos ao longo da vida (Lowen, 1958/1977, 1975/1982). Da mesma forma, o adoecimento do corpo parece surgir como uma forma de defesa que se assemelha à constituição do caráter.

Essa contribuição teórica de Lowen nos leva a pensar na formação do adoecimento como um evento que pode estar diretamente ligado às defesas de caráter assumidas pelo indivíduo. Essa relação é pouco discutida mesmo no próprio autor e se apresenta de maneira diluída em suas obras, o que demonstra pouca ênfase nesses aspectos.

Alguns textos de Lowen trazem fragmentos que discutem especificamente a temática do adoecimento (Lowen, 1975/1982, 1980, 1988/1990, 2004/2007), assim como existem alguns artigos atuais em bioenergética sobre essa temática (Ferreira, 2004; Gudat, 2002; Nascimento, 2012; Rego, 2008; Seguin, Roland & Sampaio, 2004), embora essa literatura

³ Lowen (1965/1977, 1975/1982) discute os tipos de caráter detalhadamente, porém, aqui eles foram citados apenas a título de exemplificação. Pretende-se analisar e discutir a tipologia do autor mais especificamente ao longo da pesquisa.

possa ser considerada escassa. Percebemos que as relações são encontradas de forma fragmentada nas obras, e que o próprio pensamento de Lowen, no que se refere ao adoecimento e às estruturas de caráter, parece se reconfigurar ao longo do tempo. Esse dado evidencia a necessidade de ampliar a discussão para uma análise que considere a forma como essa relação se construiu ao longo das produções de Lowen, assim como recorrer às bases que fundamentaram a construção dos conceitos pelo autor.

Ao considerarmos que para essa teoria há uma importante relação entre corpo e mente, e a partir da hipótese de que há uma relação direta entre as estruturas de caráter e o adoecimento do corpo, o presente trabalho parte de alguns questionamentos. Primeiramente, o intento foi compreender de que maneira o corpo é discutido nessa perspectiva teórica, como um conceito diferente das abordagens tradicionais da psicologia. Depois, aprofundar a análise de como se constrói essa relação entre corpo e mente nas obras de Lowen e como essa discussão tem sido utilizada por aqueles que usam esse suporte teórico, considerando que essa discussão é base para se pensar o caráter. Também procuramos explicar qual a gênese da relação entre caráter e adoecimento para esses autores, ou seja, identificar em que aspectos se relacionam. Para que isso fosse possível, foi desenvolvida uma discussão sobre o conceito de caráter e a concepção de adoecimento para essa abordagem. Com isso, adquirimos fundamento para que, em um segundo momento, discutíssemos como esses dois conceitos se articulam nas obras de Lowen.

Portanto, o presente trabalho propôs responder as seguintes perguntas: como se dá a relação entre corpo e psiquismo para a Análise Bioenergética de Alexander Lowen? A integração entre essas duas instâncias é realmente efetivada nessa abordagem teórica? Como se desenvolvem e se fundamentam as teorias sobre as estruturas de caráter e sobre a concepção de adoecimento para essa abordagem? Como se constroem e se desenvolvem as hipóteses acerca da relação entre caráter e adoecimento ao longo do percurso de Lowen?

A partir desses questionamentos, o presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre corpo e mente na obra de Alexander Lowen para discutir como o adoecimento corporal se relaciona com as estruturas de caráter. Como objetivos específicos, temos: conhecer como o corpo aparece como conceito na perspectiva apresentada pelo autor; discutir como se dá e como se constrói historicamente a relação entre corpo e mente na abordagem da Análise Bioenergética criada por Lowen; conhecer como se constroem e se fundamentam os conceitos de caráter e adoecimento em sua teoria; discutir como se desenvolve a articulação entre as estruturas de caráter e o adoecimento em sua obra.

O estudo justifica-se pela necessidade de se buscar referenciais em psicologia que considerem a relação entre corpo e mente, uma vez que ainda há pouca sistematização sobre o papel do corpo nas principais abordagens e nos estudos psicológicos. Na Análise Bioenergética, a importância do corpo é evidenciada, uma vez que a compreensão de um paciente se dá tanto pela coleta de dados sobre história de vida, relações familiares, etc., como pela técnica da leitura corporal, a qual serve como instrumento de análise concreta dos conflitos vivenciados pelo indivíduo. Para essas teorias, acredita-se que esses conflitos estão inscritos na estrutura corporal do indivíduo, compondo sua estrutura de caráter (Lowen, 1958/1977, 1975/1982). Entretanto, mesmo nessa perspectiva teórica há lacunas e contradições em relação ao modo como a integração entre corpo e mente ocorre, principalmente em relação ao adoecimento corporal, o que evidencia a necessidade da pesquisa.

Também é de fundamental importância buscar compreender os processos de adoecimento e a integração corpo/mente em sua complexidade, sendo o estudo também justificado pela falta de pesquisas em psicologia que abordem essa relação de forma integrada. Os constantes diálogos entre as diferentes áreas do conhecimento para discutir os processos de adoecimento evidenciam a complexidade do tema e a necessidade de pesquisas que abordem a temática de forma interdisciplinar (Castro, 1999).

Além de trabalhar extensamente com o corpo enquanto dispositivo de análise, Lowen é um dos autores neorreichianos que tentam resgatar um maior diálogo com a psicologia e com as bases freudianas, diferentemente de Reich, que propõe uma maior ruptura com os aspectos psicológicos (Rego, 2002). Discute o adoecimento do corpo fundamentando-se também em autores que o consideram sob uma perspectiva psicossomática, como Hans Selye e Friedman & Rosenman (Lowen, 1980, 1975/1982, 1998/1990). Além disso, trabalha com uma perspectiva em que corpo e mente se influenciam mutuamente.

A escolha pelo autor se deve também à sua ênfase no conceito de caráter e à forma com que ele desenvolve o papel do corpo na formulação desse conceito. A noção de caráter, em Lowen, é importante por considerar a integração existente entre os aspectos psíquicos e corporais, no que diz respeito à forma como o indivíduo estrutura sua forma de ser e reagir ao ambiente em que se desenvolve.

Por essas razões, é importante a realização de uma revisão bibliográfica na abordagem Bioenergética. O uso de teorias de base corporal oferece recursos para se pensar o tema da integração corpo/mente, uma vez que utilizam conceitos específicos para discutirem o problema. A teoria de Alexander Lowen se apresenta como importante para a discussão do

nosso objeto pela ênfase dada pelo autor na importância do corpo e na integração com o psiquismo. “Ninguém existe separadamente do seu corpo. Não há nenhuma forma de existência mental independente da existência física de uma pessoa” (Lowen, 1972/1983, p. 15). Para essa teoria, da mesma forma que há uma indissociabilidade entre corpo e mente, ao mesmo tempo um não se reduz ao outro, e isso marca a tensão existente nessa problemática.

Perspectivas reichianas e neorreichianas parecem surgir como alternativas para o estudo de doenças tidas como psicossomáticas, uma vez que mostram bons resultados no tratamento e na compreensão de pacientes que se apresentam com queixas primárias ou secundárias de sofrimento corporal (Nascimento, 2012). Essa eficácia foi demonstrada em diferentes estudos empíricos, nos quais os pacientes responderam positivamente ao serem submetidos à terapia bioenergética (Bertschi, Gerhard & Ventling, 2008; Gudat, 2002; Koemeda-Lutz et al., 2008).

Entende-se por adoecimento corporal as enfermidades que acometem o corpo físico do indivíduo, independentemente de serem diagnosticadas as alterações biológicas ou não. Ressalta-se que, para a Análise Bioenergética, há uma maior integração entre físico e mental.

Apesar de essa íntima relação entre corpo e mente ser considerada como um pressuposto da teoria bioenergética, não há uma definição, na literatura, sobre a forma com que se estabelece a relação entre caráter e adoecimento corporal e nem do processo nela desenvolvido. Portanto, mesmo que possamos nos deparar, em muitos momentos, com algumas discussões e inferências sobre o assunto (Lowen, 1958/1977, 1975/1982, 1980, 1988/1990), e apesar de esse debate existir, encontramos, como um dos problemas que justifica a pesquisa, o fato de haver uma relação delicada entre os conceitos de caráter e adoecimento e de não haver uma sistematização do assunto em questão. Além disso, a discussão é controversa e polêmica, envolvendo um debate entre psicologia e medicina e um debate filosófico em relação ao dualismo corpo-mente.

Método

O presente estudo se realizou a partir de uma pesquisa bibliográfica. Apesar de haver uma vasta produção por parte de Alexander Lowen, percebemos que a presença de artigos científicos e trabalhos acadêmicos voltados para a temática da Bioenergética, na relação com o adoecimento corporal, é escassa. A obra de Lowen pode ser analisada com o objetivo de se produzir uma melhor sistematização sobre o arcabouço teórico desse autor, destinada ao

público que se interessa por Bioenergética e também a estudantes ou profissionais da área da saúde que estudam a relação entre os processos psíquicos e o adoecimento corporal.

Segundo Gil (2008, p. 50), a pesquisa bibliográfica é uma modalidade de investigação científica que é

desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Dessa forma, foram investigados diversos trabalhos publicados sobre o assunto em questão, não se restringindo à observação de um fenômeno ou de um grupo específico.

A pesquisa foi definida como teórica e qualitativa, com revisão de literatura sobre o referencial teórico da Análise Bioenergética de Alexander Lowen. O foco de análise encontra-se sobre o tema da integração corpo/mente, a partir dos conceitos de estruturas de caráter e adoecimento em seus aspectos psicocorporais.

Segundo Gressler (2004), nas pesquisas qualitativas, o processo de pesquisa emerge do contexto estudado, ao invés de ser pré-fixado. Por isso, pôde ser construída a partir da análise dos dados coletados na revisão bibliográfica, possibilitando diferentes possibilidades de interpretação e sistematização do conhecimento. Além disso, quando o objeto de estudo não é passível de ser quantificado, ela pode ser balanceada pela riqueza de informações (Donice, 2007). Sendo assim, esse tipo de pesquisa qualitativa é a que melhor responde às perguntas formuladas a partir do problema de pesquisa do presente trabalho.

Ainda, esta pesquisa tem a especificidade de restringir-se ao arcabouço teórico de um autor específico e há uma dificuldade de se encontrar uma metodologia específica, sistematizada para se pesquisar a obra de um autor. Portanto, dentro da multiplicidade de métodos para pesquisas bibliográficas, encontramos algumas que atendem às especificidades da pesquisa de obra de autor e também propomos alguns aspectos que se mostram importantes para delinear essa metodologia.

Ao se resolver realizar esse tipo de pesquisa, é importante, primeiramente, levar em conta a relação entre o objeto a ser estudado e o autor, sendo percebidos três aspectos necessários para direcionar o nosso estudo a partir dos motivos pelos quais um ou outro autor é escolhido para uma investigação. Um desses elementos baseia-se em discutir o autor e seu percurso enquanto tema de análise propriamente dita. Desse modo, o percurso do autor é visto como o próprio objeto de análise. Um segundo aspecto busca discutir determinado conceito

de um ou de vários autores. Dessa forma, o objeto da pesquisa é o conceito como trabalhado pelos autores escolhidos. Um terceiro aspecto pretende debater determinado fenômeno ou objeto a partir da eleição de um ou mais autores para embasar teoricamente o estudo desse objeto escolhido. Pode-se dizer que todas as pesquisas realizam esse terceiro tipo de abordagem e que esse aspecto se diferencia do segundo porque há uma distinção no que se refere ao foco no autor. Por exemplo, ao se analisar o conceito de caráter para Lowen, referimo-nos especificamente ao conceito de determinado autor (segundo aspecto). Quando se pretende discutir o adoecimento corporal – um fenômeno amplo – e recorre-se a alguns autores para embasar teoricamente o estudo, usamos o terceiro aspecto. Portanto, ao se analisar o objeto, um ou mais autores surgem como suporte, dada sua importância no pensamento de determinado conceito, e, por conseguinte, a forma de ele(s) trabalhar(em) o conceito passa a ser o foco da pesquisa.

Ao considerar esses três aspectos, o pesquisador deve se perguntar, nesse primeiro momento, o porquê de tal autor ser utilizado e o grau de importância dele para sua pesquisa. Assim, poderá determinar se o objeto da pesquisa é um autor específico, assim como um conceito de determinado autor, ou se os autores surgirão como suporte para se pensar um objeto. Em nossa pesquisa, os três aspectos estão sendo considerados, visando abranger ao máximo as possibilidades de discussão, de maneira a respondermos aos nossos objetivos.

Depois de definida a relação entre o objeto e o autor, deve-se questionar: o que especificamente se quer pesquisar sobre a obra desse autor? As respostas e possibilidades podem ser várias.

São possíveis diversos recortes a partir do material disponível na obra de um autor. Da análise do conteúdo da obra de Lowen, dada a amplitude do objeto e os três aspectos que consideramos no estudo do autor, propomo-nos a realizar os seguintes recortes: no primeiro capítulo, um recorte temporal e biográfico na obra de Lowen, dividindo a sua produção por períodos e apresentando a sua vida e obra por meio de seu percurso histórico; nos capítulos seguintes, um recorte categorial da obra do autor, distribuindo sua produção por temas que tenham sido tratados com mais ênfase ou aos quais se tenha despendido mais cuidado e tempo (categorização).

Diante da multiplicidade de recortes possíveis na metodologia de pesquisa bibliográfica, diversas são as escolas que podem auxiliar o nosso processo metodológico de pesquisa de obra de autor. É necessário se ter em vista que os procedimentos escolhidos se devem a uma tentativa de melhor delimitar o universo analisado, de acordo com o problema de pesquisa e com os objetivos propostos. A sistematização dos elementos que surgem pela

análise do conteúdo do material se faz necessária a fim de delimitar a pesquisa e propiciar a compreensão dos elementos teóricos pelo leitor.

Portanto, na metodologia qualitativa, foi utilizada a análise de conteúdo, que é, segundo Vázquez (1997, p. 2), “una técnica de investigación que nos permite sistematizar información”. Para o autor, a análise de conteúdo qualitativa se diferencia da quantitativa pela ênfase no contexto dos materiais trabalhados e pela busca pela inferência de significados das informações analisadas. Dessa forma, tanto os produtos adquiridos por meio da investigação quanto a interpretação que deles fazemos são importantes para a análise (Vázquez, 1997). A escolha pela análise de conteúdo ocorreu por acreditarmos que ela seja um método que contemple os diferentes aspectos de análise necessários em uma pesquisa de obra de autor.

A análise de conteúdo, além de qualitativa, foi categorial, a partir de uma análise temática. Como materiais de análise, realizamos uma pesquisa exploratória em toda a obra de Lowen, a partir de uma **pré-análise** dos materiais, em que se buscou “identificar y determinar las dimensiones que se estudiarán y que justifican la realización del análisis.” (Vázquez, 1997, p. 4). Conforme Bardin (1977), nessa etapa se realiza uma “leitura flutuante”, buscando identificar de forma prévia os principais materiais que deverão ser analisados e que foram catalogados em temas, de acordo com os objetivos do presente trabalho. Isso foi realizado considerando a exploração do material selecionado (Bardin, 1977).

A obra de Alexander Lowen conta com catorze livros. Dentre eles, dois podem ser considerados fundamentais, por apresentarem a teoria de forma didática, enfatizando as questões específicas sobre as estruturas de caráter, sendo eles *O corpo em terapia* (1958/1977) e *Bioenergética* (1975/1982). Esses dois livros foram colocados como primordiais pela base teórica apresentada, em especial no que concerne às estruturas de caráter, o que forneceu suporte para pensarmos as defesas e os aspectos que a envolviam. Também apresentam fragmentos que discutem aspectos relacionados à saúde e ao adoecimento do corpo.

Para a seleção, buscamos identificar em quais textos o caráter e o adoecimento são tratados de forma mais específica enquanto conceitos trabalhados pelo autor. Dessa maneira, foi possível selecionar os dados que se mostraram importantes e realizarmos o passo seguinte da análise do conteúdo, chamado de codificação (Bardin, 1977; Vázquez, 1997). Nessa etapa, foram definidos os dados relevantes para a investigação, considerando os objetivos estabelecidos no presente trabalho.

La presencia de determinadas unidades de registro (identificadas mediante el objetivo de la investigación) puede ser importante por la significación que

posean, por su simple aparición en un contexto específico, por su aparición reiterada o excepcional, por su vinculación a determinados contenidos, etc. (Vázquez, 1997, p. 7).

Os dados definidos como unidades de registro foram selecionados de acordo com os temas e conceitos que mais apareceram na obra de Lowen e pela aproximação do conteúdo aos nossos objetivos. Todos os conteúdos que se referem à integração corpo/mente, às estruturas de caráter e às discussões sobre saúde e adoecimento foram definidos como unidades de registro pela codificação.

Por meio de uma revisão bibliográfica de sua obra, foi possível traçar um percurso teórico do autor, identificando como seus conceitos se constroem e se desenvolvem, de acordo com os objetivos do presente projeto. Por esse motivo, escolhemos realizar as citações de Lowen sempre com o ano da obra original, juntamente com o ano da publicação. Assim, fica mais fácil identificar de qual momento do autor estamos falando ao nos referenciarmos a ele.

A partir da seleção do material e da definição dos dados relevantes, foi feita a análise de conteúdo da questão corpo/mente na obra do Lowen, com o recorte na articulação entre caráter e adoecimento, visando identificar como tais conceitos aparecem articulados ao longo da bibliografia.

Com os dados recortados, definidos e analisados, foi realizada a categorização (Bardin, 1977; Vázquez, 1997). As categorias de análise foram desenvolvidas considerando o que foi encontrado na coleta de dados (Franco, 2003), de forma a melhor responderem às perguntas que compõem o problema de pesquisa e propiciando que a análise dos dados fosse realizada mais sistematicamente a partir das categorias surgidas.

As categorias emergiram da leitura da obra de Lowen e da análise dos dados, já que foi possível observar quais conceitos demonstravam a integração corpo/mente e apresentavam o caráter como ponto de articulação. São conceitos que consideramos estruturantes do pensamento do autor, por sistematizarem didaticamente a amplitude do arcabouço teórico de Lowen e por contemplarem, concomitantemente, os nossos dois objetos centrais (caráter e adoecimento). As categorias foram identificadas por letras (a, b, c, d, e), e não por números, para reforçar a divisão e facilitar sua identificação ao longo dos capítulos e tópicos, que já são numerados. É importante ressaltar que, embora os fatores que envolvem o caráter e a integração corpo/mente estejam assim separados, não é possível considerá-los isoladamente. Tais categorias foram criadas para fins didáticos, para melhorar a sistematização e a compreensão por parte do leitor, porém, integram-se na compreensão global do arcabouço teórico de Lowen e de seus conceitos de caráter, saúde e adoecimento.

A primeira categoria foi definida a partir do conceito de “desenvolvimento infantil”, por discutir as origens das defesas de caráter na vida dos indivíduos, como se formam, em que fase e como essa formação ocorre a partir do desenvolvimento psicocorporal. A segunda, a partir do conceito de “(bio) energia”, por demonstrar ser o principal elemento de discussão da Bioenergética, como o próprio nome já diz. A forma como a energia percorre o corpo e a mente demonstra fundamental importância na compreensão da integração entre as duas instâncias e das defesas de caráter. A terceira delas foi intitulada como “ego e corpo”, tendo sido criada para se referir ao elemento estrutural que medeia a relação entre o eu e o mundo e que se configura em bases físicas e mentais. A quarta categoria foi criada pela junção de dois conceitos importantes e delimitada como “emoções e sexualidade”; o primeiro conceito perpassa os aspectos do corpo e da mente envolvidos nas emoções e o segundo demonstra a integração entre os sentimentos e o sexo e a distribuição da energia de contato. Por fim, a quinta categoria foi explicada como “contexto sociocultural” e criada para abarcar os aspectos amplos de mediação da cultura e da sociedade na constituição do caráter do indivíduo.

Também foi necessário recorrer a um segundo grupo de obras, as quais se referem aos trabalhos de autores que fundamentaram o pensamento de Alexander Lowen e com os quais ele dialoga em suas obras. Entre eles, podemos destacar os principais textos de Freud, que trazem conceitos utilizados por Lowen, e os trabalhos de Wilhelm Reich sobre o caráter, o corpo e o adoecimento. Porém, visando uma delimitação, focamos apenas nos conceitos posteriormente apropriados por Lowen.

Além disso, procuramos trabalhos do campo da Bioenergética publicados nas bases de dados e internet por meio de buscas por palavras-chave – “caráter”, “estruturas de caráter”, “defesas de caráter”, “Bioenergética”, “psicoterapia corporal”, “adoecimento corporal”, “doença”, “psicossomática” – referenciadas nas obras de Alexander Lowen. Essa busca foi importante para que fosse possível visualizar o que tem sido produzido nesse campo e para que pudéssemos nos sustentar em outros autores. A busca foi realizada em portais de bases de dados, como o portal de periódicos e o banco de teses da Capes, Scielo e Pepsic e no Google Acadêmico. Também foi realizada uma pesquisa em anais dos centros de especialização e formação em Psicoterapia Corporal, como Libertas (Recife-PE), Ligare (Americana-SP), Centro Reichiano (Curitiba-PR), Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo (IABSP), Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética (SOBAB), Federação Latino-Americana de Análise Bioenergética (FLAAB) e *International Institute for Bioenergetic Analysis* (IIBA). Todos eles são reconhecidos centros de formação em Análise Bioenergética e neles se concentra a maioria dos artigos e produções em Bioenergética.

Além da obra de Lowen, encontramos doze trabalhos que se utilizam de seu referencial teórico e apresentam discussões referentes ao tema do adoecimento. A maioria dos trabalhos encontrados diz respeito ao caráter ou a outras temáticas. De forma geral, os trabalhos fundamentados na abordagem Bioenergética e publicados são escassos. Restringem-se, em sua maioria, aos centros reichianos, e têm, portanto, um formato menos acadêmico.

Para a realização dos objetivos específicos, buscamos, primeiramente, conhecer, na obra de Lowen, de que maneira o corpo aparece como conceito trabalhado pelo autor e como ele se integra com a mente, assim como a forma com que essas concepções se constroem e se desenvolvem ao longo do percurso do autor. Para isso, dedicamos o primeiro capítulo às bases históricas e epistemológicas que influenciaram a construção dos principais conceitos trabalhados pelo autor e ao como a integração corpo/mente se tornou uma questão importante para o autor em seu percurso biográfico.

Posteriormente, procuramos as bases que fundamentaram a construção do conceito de caráter e as discussões sobre o adoecimento corporal, partindo de concepções e conceitos da psicanálise Freudiana, passando pela construção do conceito de caráter em Wilhelm Reich, até chegar à teoria Bioenergética de Alexander Lowen. Três capítulos foram dedicados a tal objetivo.

No segundo capítulo, partimos da hipótese do caráter como elemento que une as instâncias corpo/mente. Para compreender o conceito de caráter em Lowen, dada a sua amplitude, utilizamos os dados coletados sobre a relação entre corpo e mente e definimos categorias de análise para delimitar a discussão.

O terceiro capítulo foi dedicado a compreendermos o conceito de adoecimento em Lowen. Realizamos uma discussão prévia sobre as concepções de saúde e doença na visão do autor, visando ampliar a discussão para os aspectos que permeiam as relações entre saúde e doença para Lowen. Utilizamos as mesmas categorias definidas no capítulo anterior, por contemplarem aspectos de articulação entre os dois objetos presentes nos dois capítulos. Antes de apresentá-las, foi necessário discutir, em termos gerais, o conceito de adoecimento. Com isso, busca-se delinear os diferentes aspectos presentes na obra de Lowen que dizem respeito à saúde e à doença.

O quarto capítulo foi dedicado a apresentar a tipologia de Lowen e a definição das categorias orientou a análise de cada estrutura de caráter, delimitando a discussão em torno das defesas. Cada categoria que emergiu da análise dos dados foi utilizada para delimitar os aspectos presentes na compreensão das estruturas de caráter, visando uma melhor sistematização do material coletado na revisão bibliográfica.

Ao mesmo tempo, nesse último capítulo, buscamos discutir uma possível articulação entre as estruturas de caráter e o adoecimento na obra de Lowen. Utilizamos as mesmas categorias definidas anteriormente, a fim de manter a coerência com o método de análise dos dados e reforçar a relação entre os dois conceitos.

Dessa forma, discutimos os resultados encontrados, procurando verificar o que o caráter tem a ver com o adoecimento do corpo e que tipos de adoecimento eram comuns a cada estrutura. Em seguida, apresentamos os resultados gerais da análise, buscando responder em que medida as estruturas se relacionam com o adoecimento físico e de que forma isso ocorre. Essa discussão foi sustentada a partir dos conceitos principais trabalhados no decorrer do trabalho e a partir das categorias definidas.

Capítulo 1 – Bases Históricas e Epistemológicas da Análise Bioenergética: a Importância do Corpo e do Caráter no Pensamento de Lowen

A diversidade de abordagens em psicoterapia corporal é um elemento marcante da prática profissional de psicólogos e terapeutas corporais. Na atuação desses profissionais comumente se encontram características ligadas a abordagens tradicionais da psicologia, assim como técnicas advindas de outras práticas terapêuticas. Tal ecletismo faz com que o embasamento teórico que sustenta sua prática se torne, muitas vezes, indefinido, não sendo claras as bases que fundamentam os pensamentos dos autores. Da mesma forma, percebe-se uma aplicação indiscriminada das teorias de Reich a todas as abordagens de base corporal.

Por essas razões, faz-se importante discutir as bases conceituais e epistemológicas que fundamentaram os princípios básicos dessa abordagem enquanto referencial teórico e prático. A influência de Reich sobre a Análise Bioenergética é amplamente conhecida, inclusive é geralmente atribuído a ele a criação dessa abordagem. Entretanto, pouco se sabe sobre o percurso epistemológico e o contexto histórico que propiciou o desenvolvimento da abordagem do modo como é conhecida nos dias de hoje. Esse caminho está diretamente ligado ao surgimento e ao desenvolvimento das ciências psicológicas, assim como à epistemologia como ciência ampla, que discute o desenvolvimento das formas de pensar no mundo em que vivemos a partir das construções sociais, culturais, políticas e econômicas.

Atribuir importância ao estudo das bases históricas e epistemológicas significa considerar que os conceitos discutidos por Lowen e as teorias propostas por ele se referem ao modo de apropriação que faz do conhecimento disponível e difundido no período histórico e na sociedade em que vive. Da mesma forma que sua biografia se mostra importante para se compreender os processos que o levaram a se interessar por determinados assuntos e a desenvolver seus conceitos, a discussão epistemológica realizada no referencial teórico da Análise Bioenergética pode evidenciar os aspectos que permeiam a construção dos conceitos trabalhados pelo autor, assim como a sua aplicação no cenário em que foram desenvolvidos.

Portanto, o presente capítulo tem o objetivo de discutir as bases históricas e epistemológicas da Análise Bioenergética de Alexander Lowen para identificar como o corpo e o conceito de caráter assumem um papel importante na construção de um pensamento psicológico e dessa abordagem teórica em específico.

Sabe-se que a Análise Bioenergética, enquanto uma das mais conhecidas abordagens entre as psicoterapias corporais, tem como um de seus pressupostos a ênfase nos aspectos corporais do indivíduo e a importância do corpo como forma de reconhecimento do percurso

de desenvolvimento emocional do paciente e instrumento de trabalho terapêutico. O foco na importância do corpo e sua integração com a mente, da forma como proposto por Reich, já se configura como uma mudança paradigmática nas ciências psicológicas. Entende-se como mudança paradigmática por apresentar uma perspectiva diferenciada, com mudanças de valores epistemológicos e metodológicos, acompanhando e influenciando uma série de movimentos intelectuais e ideológico-políticos de sua época. Essa associação entre o pensamento de Reich e a noção de um novo paradigma nas ciências humanas e sociais é feita por Blanch (2007, pp. 1-2), conforme se pode constatar na citação a seguir:

Hablamos de paradigma reichiano al reconocer que W. Reich (1897-1957) estuvo vinculado a los movimientos más activos y comprometidos de su época: el psicoanálisis, la política y los movimientos sociales, la sexología, la prevención, la psicosomática, la investigación sobre el cáncer, el medio ambiente, la bio-energía, el trabajo corporal, por nombrar algunos de los temas que abarcó a lo largo de su vida. El pensamiento de Reich es de tal amplitud y profundidad que cabe situarlo en el cambio de paradigma.

Além disso, muitos desconhecem o fato de que a Análise Bioenergética possui suas bases na psicanálise freudiana, o que em si já se configurou como um grande marco nas ciências humanas e sociais como um todo.

Na tentativa de se compreender esse limiar tênue entre mente e corpo, a Análise Bioenergética traz uma nova perspectiva sobre a relação entre essas duas instâncias. Percebe-se que há grande ênfase dada ao conceito de caráter nessa abordagem teórica e esse conceito demonstra estar intimamente ligado a uma perspectiva mais integrativa na articulação entre corpo e mente. Antes de se discutir como isso ocorre, propõe-se, no tópico seguinte, discutir epistemologicamente o caráter enquanto conceito desenvolvido pela filosofia e apropriado pela psicologia no século XX. Essa contextualização tem o objetivo de identificar os fatores que propiciaram o desenvolvimento de um estudo sobre o caráter no período do desenvolvimento teórico de Lowen e como esse conceito se torna tão importante para se pensar na integração entre corpo e mente em sua abordagem.

1.1 O Estudo do Caráter e sua Importância no Pensamento de Lowen

Ao se realizar a revisão bibliográfica na obra de Lowen e em artigos e textos de autores que se utilizam do referencial teórico desse autor, constatamos que é atribuída uma grande importância ao conceito de caráter. A maioria dos artigos e trabalhos na área de

bioenergética faz referência ao caráter e aos tipos de caráter sistematizados por Lowen. Entretanto, a utilização desse conceito se dá de forma distinta em diferentes momentos da obra do autor. Acreditamos que seja possível conhecer melhor o seu percurso teórico com base em uma contextualização acerca do desenvolvimento do estudo do caráter na psicologia de forma geral.

Para se compreender como esse conceito é utilizado por Lowen e as alterações nas formas de pensamento do autor, é de fundamental importância situar a utilização do termo “caráter” como paradigma nas ciências psicológicas e como forma de categorização existente até então. Dada a complexidade da Psicologia enquanto ciência (Teo, 2009), o estudo do caráter também exigia uma interpretação, uma hermenêutica por parte dos psicólogos, que deixava margem para erros. Desse modo, questionamos a importância do estudo do caráter na construção de um pensamento psicológico e de que forma o caráter se enquadra no que os psicólogos se propõem a estudar.

O conceito de caráter emergiu do campo da filosofia e tornou-se objeto de investigação científica. O termo caráter é originário do grego “charakter” e refere-se a sinal, marca, ao instrumento que grava. Aplicado esse termo à personalidade, denota aqueles aspectos que foram gravados, inscritos no psiquismo e no corpo de cada indivíduo durante o seu desenvolvimento. (Volpi, 2004, p. 5).

Aqui temos uma concepção, já de um autor da Análise Bioenergética, que inclui as expressões tanto do corpo como do psiquismo como componentes do caráter. De maneira geral, há certo consenso entre diversas teorias de que o caráter seria aquela parte da personalidade adquirida ao longo da existência e a partir das relações que o indivíduo estabelece com o meio em que vive. Difere do temperamento, que é aquilo pertencente à constituição do indivíduo e que não é aprendido (Navarro, 1995).

Segundo Danziger (1994), a noção de caráter se desenvolveu na psicologia por meio de uma abordagem denominada “*Psychology of expression*”, que incluía a interpretação de expressões faciais, gestos, posturas e movimentos, qualidade da voz e até aparência fisionômica. O estudo do caráter na Psicologia se intensifica durante a Segunda Guerra Mundial devido às necessidades de categorização e seleção entre os militares alemães. O termo “caráter” recebeu grande valoração pelos psicólogos militares alemães nesse período, denotando aspectos e atributos desejáveis de acordo com a tradição vigente (Danziger, 1994).

Os atributos de caráter desejáveis incluíam uma concepção já ampla do que era considerado como uma boa estrutura emocional, mental e física. Teo (2009) aponta a crítica

realizada por Beneke (1845) de que a psicologia alemã se recusava, até então, a lidar com a realidade social, além de enfatizar a teoria em detrimento da prática. Contudo, a concepção de caráter deveria incluir a realidade social dos indivíduos, já que eram construídos e formados a partir de suas interações ao longo do desenvolvimento humano. Dessa forma, a partir da discussão de Teo (2009) sobre uma ontologia das ciências psicológicas, pode-se questionar a utilização do estudo do caráter na psicologia e a que fins o caráter serviu como objeto de estudo e intervenção da psicologia.

Segundo Oliveira e Silva (2001), o caráter já era objeto de interesse na filosofia desde Heráclito, filósofo que viveu entre os séculos V e VI a.C, sendo um conceito discutido por diversos autores de várias áreas das ciências humanas e sociais. Na psicologia, como nova ciência surgida no final do século XIX, o conceito de caráter também passou a ser desenvolvido e foi utilizado para a organização e a classificação de tipos humanos (Oliveira e Silva, 2001).

Por essas utilizações indiscriminadas, caracterologia e tipos passaram a ser tratados como sinônimos, havendo uma crítica a essa tendência por seu reducionismo e pelo tratamento indevido ao caráter como algo estático (Oliveira e Silva, 2001). Dessa maneira, desconsideravam-se as possibilidades de transformações e as influências da cultura e de outros fatores sociais e ambientais sobre a constituição e o desenvolvimento do indivíduo.

Por isso, houve uma grande tendência a se tratar o caráter como algo constitucional e decorrente de como se deu o desenvolvimento infantil e, portanto, não podia ser modificado e trabalhado nas fases adultas. Freud (1905/1987) desenvolveu uma ampla teoria a respeito do desenvolvimento infantil, o que influenciou intensamente a concepção de caráter desenvolvida por seus sucessores. Embora Freud tenha influenciado as construções teóricas de Reich sobre o caráter, não trabalhou extensamente esse conceito em seus textos. Apenas em um deles o conceito é desenvolvido pelo autor de forma específica (Freud, 1908/1987), estabelecendo uma relação entre o caráter e o erotismo anal. Assim, sua concepção de caráter se assemelha às conceituações desenvolvidas por seus sucessores, mas ainda não era considerado tão importante como uma defesa. Portanto, no período dos estudos de Freud, a noção de caráter ainda não estava sendo extensamente trabalhada pelos autores da psicologia, podendo ter influenciado nessa diferenciação. Essas rupturas serão mais bem explicitadas no segundo capítulo.

No mesmo sentido, Reich desenvolveu suas teorias no período entre guerras, o que coincide com o momento histórico de expansão do estudo do caráter. Nesse momento, definiu o caráter sob uma perspectiva da ideia de defesas, chamadas de “couraças”, que se dão a partir

de influências familiares, ambientais e culturais. Também contribuiu ao trazer o corpo para as discussões psicológicas e os debates sobre o caráter.

Lowen desenvolveu o conceito levando em conta as premissas de Freud sobre o desenvolvimento humano e a sistematização de uma Análise do Caráter por Reich. Também concebe o caráter sob a perspectiva de defesas, mas não as entende como “couraças” ou armaduras, visto acreditar que elas não são só baseadas na proteção a alguma pressão sobre o indivíduo, mas também nas faltas e privações experienciadas por ele. Essa concepção de Lowen é importante por considerar a integração existente entre os aspectos psíquicos e corporais no que diz respeito à forma como o indivíduo estrutura seu modo de ser e reagir ao ambiente em que se desenvolve.

Portanto, percebe-se a importância do estudo do caráter para a compreensão da relação entre corpo e mente na perspectiva da Análise Bioenergética e para o desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência.

1.2 A Relação entre a Biografia e a Construção Teórica de Alexander Lowen

Para o presente tópico, busca-se realizar uma articulação entre a gênese teórica e o percurso histórico de Alexander Lowen, com foco nos aspectos pessoais e profissionais do autor que influenciaram a construção de suas ideias e o desenvolvimento dos seus conceitos ao longo de sua trajetória de pesquisa e produção de conhecimento. Antes de tentarmos compreender o caráter em toda a sua complexidade, acreditamos que o percurso biográfico de Lowen também exerceu forte influência sobre sua forma de pensar a relação entre mente e corpo. Assim como o contexto sócio-histórico que permeia as construções de suas teorias e de seus escritos, o contexto histórico familiar também se mostra importante na compreensão dos processos que contribuíram para a constituição do autor enquanto teórico e profissional. No tópico seguinte, dedicar-nos-emos a essa contextualização.

Lowen é considerado um dos principais autores no campo das psicoterapias corporais. Desenvolveu a Análise Bioenergética enquanto referencial teórico e prático e fundou o *International Institute of Bioenergetic Analysis* (IIBA), em 1953, nos Estados Unidos. Atualmente, essa abordagem se encontra entre as denominadas psicoterapias corporais, ou *Body-oriented psychoterapies*.

Entretanto, é importante ressaltar que essas abordagens não são sustentadas pelos mesmos referenciais teóricos, pois muitos autores acabam se utilizando de conceitos que muitas vezes pertencem a outras abordagens corporais, como, por exemplo, a biossíntese ou a

psicologia transpessoal. Muitas vezes, isso ocorre pelo desconhecimento acerca das bases que fundamentaram as abordagens corporais, o que será discutido ao longo deste capítulo.

Além disso, geralmente há uma associação entre a Análise Bioenergética e o pensamento de Wilhelm Reich. De fato, a teoria de Lowen foi amplamente influenciada por esse autor, mas frequentemente suas teorias se fundem e são utilizadas como se pertencessem ao mesmo arcabouço teórico, desconsiderando as divergências e contradições entre eles. Ambas são duas formas de pensamento distintas no que se refere à ênfase que cada um dá a um ou a outro conceito, contudo, partem de bases teóricas semelhantes.

Por meio da análise da obra do Lowen, percebemos que o autor se utiliza, primordialmente, das ideias de Reich, assim como das de Freud, para estruturar seus conceitos básicos, como o conceito de caráter e energia. No entanto, há uma clara ruptura entre Lowen e seus precursores, com a criação de novos conceitos e técnicas.

A Análise Bioenergética tem sido uma abordagem bastante difundida na prática clínica por todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos, embora isso não ocorra no universo acadêmico. Comumente se discute sobre os autores que serviram de base e que influenciaram a construção desse referencial teórico que tem o corpo como foco. Porém, pouca atenção se dá a Alexander Lowen e ao contexto pessoal e profissional em que esse autor se desenvolveu (Melo, 2010). A consolidação da Análise Bioenergética foi influenciada pelos aspectos históricos e sociais que permearam o contexto de produção de Lowen. Por isso, sendo ele fundador da Bioenergética, é importante que os aspectos pessoais e profissionais de sua vida sejam considerados nessa discussão.

Na história de vida do autor, a divisão entre mente e corpo teve destaque como o seu grande desafio, apresentando íntima ligação com os objetivos da Análise Bioenergética enquanto referencial teórico e prático. “Assim, curar em mim a distância entre mente e corpo se tornou meu desafio de vida [...] aprendi que o caminho para a saúde emocional passa pelo corpo. Afinal, o propósito essencial da análise bioenergética sempre foi curar a cisão mente-corpo.” (Lowen, 2004/2007, p. 15).

A partir dessa passagem, discutimos a seguir os aspectos da vida de Lowen, buscando articular sua história de vida e os aspectos conceituais de suas teorias, sobretudo no que concerne à integração entre corpo e mente. Utilizamos como referência principal a autobiografia de Lowen (2004/2007), assim como os escritos de alguns comentadores (Melo, 2010; Miller, 2010).

1.2.1 Um breve histórico pessoal de Alexander Lowen.

Consideramos que a história de Alexander Lowen é marcada pela cisão entre mente e corpo, que o acompanhou desde a sua infância e que serviu de motivação para que desenvolvesse seus estudos. Em nosso recorrido histórico, abordamos tal cisão, que, a nosso ver, foi determinante para seu projeto teórico-clínico. Nasceu em Nova York, nos Estados Unidos, no dia 23 de dezembro de 1910, e faleceu em 28 de outubro de 2008, aos 97 anos. Filho de imigrantes russos judeus, cresceu tendo como referência seu pai – descrito por ele como “suave e pouco ambicioso”, já que era tranquilo e buscava viver os prazeres simples da vida – e sua mãe – “rígida e exigente” –, que levavam “uma vida dura, predominantemente sem amor” (Lowen, 2004/2007, p. 15). O próprio Lowen (2004/2007) relata que essa diferença entre seus pais marcou a divisão entre corpo e mente para ele, já que se dividia entre as referências de um pai voltado para o prazer e uma mãe insatisfeita e voltada para a racionalidade. Essa ambivalência fez dele uma pessoa cindida entre o corpo e o intelecto, entre o amor e o sexo, entre o real e o irreal, e uma pessoa curiosa e determinada a resolver essa cisão (Lowen, 2004/2007).

O autor descreve momentos em que vivenciou intenso prazer na presença de seu pai, em contraposição às muitas lembranças de controle, tensão e racionalidade na relação com sua mãe. Chega a denominar os bons momentos com seu pai de “irreal”, acreditando estar “num mundo encantado”, enquanto sua mãe “era real demais, concentrada nas funções básicas de comer, eliminar e dormir” (Lowen, 2004/2007, p. 25).

A relação angustiante de Lowen com sua mãe é intensamente descrita por ele, ressaltando-se a sua racionalidade, infelicidade e o distanciamento dela das questões ligadas ao corpo. “Ela não tinha nenhuma fé na capacidade do corpo de regular seu próprio funcionamento” (Lowen, 2004/2007, p. 26), relata o autor ao contrapor a visão de saúde do seu pai e da sua mãe. O pai cuidava da própria saúde de formas naturais e sem utilização de medicamentos ou consultas ao médico, enquanto sua mãe se utilizava de remédios todo o tempo e qualquer manifestação de doença por parte de Lowen era rapidamente suprimida pelas medicações (Lowen, 2004/2007).

A relação com sua mãe fez com que desde menino se enrijecesse e ficasse mais resistente às experiências sociais de “opressão”. Lowen (2004/2007) descreve uma experiência ruim que teve com um professor, explicando que, apesar de ter sido uma experiência tida como humilhante, não se sentiu assim. Atribui a isso as experiências de humilhação que teve com sua mãe, o que deu a ele a resistência necessária para lidar com tais

situações. Sua angústia em relação à mãe é claramente explicitada por ele ao relatar o caso com o professor: “Com seis anos, minha personalidade já tinha sido suficientemente agredida por minha mãe para que me ressentisse daquela atitude do professor. Eu já era um sobrevivente.” (Lowen, 2004/2007, p. 27).

Os pais de Lowen se separaram quando ele tinha por volta de 7 a 8 anos, porém, por pressão da mulher, passaram a viver juntos novamente com o argumento de que os filhos sofreriam com a falta dos dois juntos. Entretanto, Lowen (2004/2007) jamais presenciou novamente intimidade entre seus pais. Sentia-se, assim, dividido entre eles, o que reforça a cisão que o acompanhou ao longo de seu desenvolvimento. “Amando os dois, sentia-me dividido [...] Ambos falavam comigo sobre seus problemas e sofrimentos, e eu me sentia impotente, dividido entre as visões que cada um tinha da situação” (Lowen, 2004/2007, p. 29). Nesse trecho, o autor fala sobre o amor que nutria pelos pais, porém, em nenhum outro momento de sua autobiografia faz referência à mãe de forma amorosa, não demonstrando esse amor em seus relatos.

A educação repressiva que Lowen teve no âmbito familiar influenciou diretamente sua sexualidade, tema que será explicitado em tópico seguinte, e também sua vida escolar. Desde o ensino primário, seus pais exigiam que fosse um aluno exemplar e tirasse as melhores notas, o que não foi um problema para ele, visto que sua intelectualidade era bem desenvolvida e não tinha dificuldades para estudar (Lowen, 2004/2007).

O interesse de Lowen pelo corpo surge, como apresentado, por um desejo de resolver a grande cisão mente-corpo que o acompanhou ao longo de sua história de vida. Em uma família na qual o racional devia prevalecer por exigência, principalmente, de sua mãe, o corpo não era estimulado a se expressar nos mais variados aspectos, embora seu pai o inspirasse a isso. Acrescenta-se o fato de ele viver em uma sociedade em que era cada vez mais comum a segmentação entre corpo e intelecto. Dessa forma, viu nas atividades físicas e esportivas uma forma criativa de refúgio, necessária para que ele se integrasse mais com seu próprio corpo e se reconhecesse integralmente.

Os exercícios físicos e as atividades esportivas fizeram parte de toda a sua vida e foram a maior via de acesso de Lowen ao seu próprio corpo. “A atividade física permitia que minha mente estudasse” (Lowen, 2004/2007, p. 15). Nessa citação, percebemos a concepção do autor de uma integração necessária entre corpo e intelecto, já que precisava do trabalho corporal para que sua mente fosse capaz de absorver informações e funcionar. Uma passagem que muito demonstra a importância das atividades físicas para o autor é quando ele diz que “essa vida física compensava a ausência de uma vida emocional afetuosa em casa” (Lowen,

2004/2007, p. 28). Por meio do esporte, seu corpo pôde se energizar e se movimentar, em contraposição à frieza que vivenciara em seu lar.

Em certo período da vida, quando tinha por volta dos 25 anos, Lowen se sentiu vazio e deprimido, tendo percebido que essa sensação estava ligada à falta de excitação em seu corpo, pois estava afastado das atividades físicas diárias. Começou, então, a realizar exercícios em casa, visando melhorar a tensão dos músculos. Além das atividades esportivas, esse contato diário com o próprio corpo o fez obter bons resultados em sua qualidade de vida. “Com isso, fui percebendo que era aí que eu desejava estar: em meu corpo, não em minha cabeça” (Lowen, 2004/2007, p. 41).

Um aspecto que merece destaque em sua história é que a sexualidade foi marcada, em parte de sua vida, por muita repressão, principalmente pela visão de sexo de sua mãe como algo sujo e desinteressante (Lowen, 2004/2007). O autor relata que sua mãe não lhe permitia dormir com as mãos por debaixo do cobertor para que pudesse se certificar de que não estaria se masturbando. A propósito, aos treze anos, começou a se masturbar periodicamente, após sua primeira experiência ao se sentir excitado com uma brincadeira entre ele, um amigo e uma menina em um passeio de verão. A experiência, embora tenha proporcionado a ele apenas estímulo visual, abriu um novo mundo para ele. “Meu corpo tremia com a intensidade de uma sensação extremamente agradável. A lembrança dessa experiência (que hoje ainda é capaz de me excitar sexualmente) abriu-me os olhos para um mundo de prazeres e até mesmo de êxtase” (Lowen, 2004/2007, p. 30). Entretanto, o autor ressalta o fato de que infelizmente não pôde vivenciar esse mundo antes da idade adulta, o que mostra como essa questão era problemática para ele.

Contudo, sentia-se muito envergonhado com o hábito frequente de se masturbar. Ao longo de sua adolescência, não tinha contato com meninas de sua idade e não tinha amigos para compartilhar suas experiências (Lowen, 2004/2007). Sua primeira namorada veio aos 25 anos e o relacionamento durou três anos, mas não houve relação sexual entre eles devido à condição da garota de querer se casar antes, o que não era possível naquele momento por questões profissionais e financeiras.

No período em que estava de férias do cargo de professor, Lowen trabalhava em acampamentos de verão como diretor de educação física, o que lhe proporcionou as primeiras experiências sexuais. Entretanto, a cisão entre sexo e sentimento se evidencia em seu relato sobre as relações que vivenciou:

Sentia fome de sexo e tive a chance de experimentá-lo, mas ainda não conseguia integrar a sexualidade em minha vida, a não ser em experiências espontâneas [...] Desse modo, minha sexualidade nunca se tornou parte de um relacionamento sexual saudável. Além da cisão entre o intelecto e meus sentimentos, a cisão entre o amor e o sexo em minha personalidade não se resolvia nesses encontros amorosos (Lowen, 2004/2007, p. 41).

Nesse sentido, evidencia-se a cisão na vida do autor e sua visão acerca da necessidade de integração entre corpo e mente e também entre amor e sexo. A cisão entre amor e sexo se torna, posteriormente, uma de suas maiores discussões, tendo inclusive escrito um livro inteiramente dedicado a essa discussão (Lowen, 1988/1990).

Posteriormente, um aspecto importante da vida de Lowen foi o seu relacionamento com Leslie, mulher com a qual viria a se casar. Conheceram-se antes mesmo de Lowen ter se encontrado com Reich e com ela pôde vivenciar, de forma gradual, uma relação sexual estável, bem como descobrir mais acerca de sua própria sexualidade. Lowen (2004/2007) afirma que eram opostos de forma construtiva, já que ele era intelecto e ela era “toda sensações e sentimentos [...] Leslie trazia o que eu não tinha, e nós dois entendíamos isso. Simplesmente reconhecemos que ela era o corpo e eu, a cabeça.” (Lowen, 2004/2007, p. 65). Esse encontro viria a se tornar um grande marco, tanto em sua vida pessoal quanto profissional.

Lowen viveu bons anos com sua companheira em Genebra, na Suíça, local onde estudou medicina. Quando voltou aos Estados Unidos, Leslie estava grávida de oito meses, dando a luz, um mês depois, ao seu filho Frederic Lowen (Lowen, 2004/2007).

Uma passagem importante que o autor relata do momento em que houve o nascimento de seu filho foi a utilização de uma técnica corporal que aprendeu em sua experiência clínica para aliviar a dor do parto de sua esposa. Para realizá-la, Lowen foi contra as indicações do obstetra que acompanhava o parto. O médico insistia em orientar Leslie para que se mantivesse rígida e com os joelhos tensionados, enquanto Lowen sabia que deveria fazê-la relaxar os joelhos e “acompanhar a onda da dor sem opor resistência”, expirando (Lowen, 2004/2007, p. 85). Esse trecho é importante por mostrar a atitude de Lowen de se opor aos tratamentos médicos em função das más referências que adquiriu pelos cuidados de sua mãe. O autor relata que a forma como a mãe lidava com a doença e com os remédios fizeram com que adquirisse a vontade de contrariar os procedimentos médicos em geral (Lowen, 2004/2007).

O autor narra alguns episódios de seu filho durante a amamentação, relatando as ávidas tentativas de sugar o seio da mãe, seguidas de frustração e muito choro. O autor diz

não entender o que houve com o filho que fazia com que ele se frustrasse e chorasse tanto, além de ter cólicas por seis meses seguidos. Assim, aponta a hipótese de que essa ansiedade em perder o seio se devia à quebra ocorrida em seu relacionamento com a mãe ao ser reconduzido ao berçário no hospital, ficando dois dias longe de sua presença física e emocional. Entretanto, o autor o descreve como “uma criança perfeitamente normal, um menino contente e lindo” (Lowen, 2004/2007, p. 87).

Muitas de suas questões em torno da sexualidade foram trabalhadas quando começou a estudar e a fazer terapia com Wilhelm Reich, em 1930, em um encontro motivado pelo desafio de encontrar a ligação entre corpo e mente, o que mudaria seus rumos pessoais e profissionais.

1.2.2 Um breve histórico profissional de Alexander Lowen.

A cisão entre racionalidade e corpo se expressou no histórico profissional de Lowen, já que suas experiências demonstram a transição de um trabalhador focado na praticidade e na necessidade de se manter financeiramente para um profissional mais engajado e motivado pelas questões do corpo que passaram a atraí-lo.

Lowen teve uma trajetória acadêmica e profissional diversificada, marcada pela fragmentação e polaridade entre as suas áreas de atuação. Bacharelou-se em Ciências, estudou contabilidade, matemática financeira e economia, além de estudar Direito e obter o título de Doutor em Ciências Jurídicas. Posteriormente, estudou Medicina. Trabalhou como vendedor de sapatos femininos, auxiliar de contabilidade, auxiliar administrativo, professor de ensino médio, entre outros serviços. Ganhava a vida com dificuldade, já que era de família simples e precisava ajudar seus pais financeiramente (Lowen, 2004/2007). Essa necessidade o levou a buscar diferentes tipos de serviço para que pudesse se manter.

As áreas que buscou, a princípio, apesar da diversificação, exigiam um conhecimento mais técnico e prático, demonstrando mais racionalidade. Porém, Lowen via seu trabalho como tedioso e, profissionalmente, se sentia frustrado, pois desejava trabalhar com o corpo (Lowen, 2004/2007), o que viria a se consumir após o encontro com Reich. A maior parte da trajetória profissional que o autor considera como importante se dá após esse contato, o que marca a entrada do autor no estudo do corpo, da Psicologia e da Medicina.

Esse encontro foi de suma importância para o confronto de Lowen entre sua racionalidade e o próprio corpo, o que influenciou extensamente sua produção conceitual e

teórica. Esse encontro, marcado pela tensão entre um Lowen intelectualizado e outro ligado aos aspectos corporais, será discutido no tópico seguinte.

1.2.2.1. O encontro de Lowen com Wilhelm Reich.

Lowen chegou a Wilhelm Reich por meio de um catálogo da escola na qual trabalhava, em que era anunciado um curso sobre análise do caráter, “que definia a relação entre corpo e mente como antítese e identidade” (Lowen, 2004/2007, p. 44). A ideia de antítese significava uma perspectiva na qual corpo e mente se influenciam mutuamente, o que era geralmente aceito. Contudo, o que mais interessou a ele foi a proposta de uma identidade fundamental entre mente e corpo.

Assistiu à palestra de Reich e passou a fazer parte de um curso com ele. As associações realizadas entre o conhecimento psicanalítico e o corpo despertaram ainda mais o interesse de Lowen. Nesse tempo, foi estabelecida a condição de realizar uma terapia individual para que pudesse continuar trabalhando com Reich. Apesar de estar adentrando no estudo do corpo, o autor teve dificuldades de entrar em contato com o próprio corpo, negando-o de certa forma e resistindo a fazer terapia até então. “[...] percebi em mim uma resistência em fazer terapia com ele, mais baseada em medo do que em objeções lógicas” (Lowen, 2004/2007, p. 48). Nessa citação, podemos perceber uma abertura para encarar os aspectos sentimentais e emocionais que o levavam a resistir. Essa atitude já se contrapunha aos argumentos racionais que o acompanhavam a maior parte do tempo.

O desejo de “ser famoso” motivou Lowen a querer continuar o trabalho com Reich e a optar por fazer terapia com ele, o que foi um ponto crucial em seu processo de conexão entre mente e corpo (Lowen, 2004/2007). Reich afirmou a Lowen que o tornaria famoso, o que serviu como estímulo para que houvesse mais abertura ao processo terapêutico e para sua entrada definitiva no estudo do corpo. Entretanto, o próprio Lowen (2004/2007) critica o posicionamento e a falta de atitude de Reich em questionar o seu desejo, já que em nenhum momento ele colocou em questão sua necessidade de se tornar famoso. Posteriormente, o autor analisa essa vontade como parte de seu narcisismo, que estaria ligado às ambições de um ser predominantemente mental (Lowen, 2004/2007). Consideramos que sua entrada em terapia estava marcada por sua problemática histórica de fragmentação entre corpo e mente, o que se evidenciou na dificuldade enfrentada pelo autor ao iniciar o processo terapêutico e adentrar no trabalho com o próprio corpo.

“A coragem e a integridade de Reich me permitiram desafiar a cisão entre mente e corpo, demonstrando um número incontável de vezes minha defesa contra um ser apenas mental” (Lowen, 2004/2007, p. 16). O trabalho com Reich fez com que Lowen confirmasse o fato de que seu intelecto funcionava muito bem e que sua maior questão era entrar em contato com o próprio corpo (Lowen, 2004/2007). Esse ponto tem grande importância na entrada do autor nos estudos corporais e na crença do corpo como fundamental para que se compreendam os processos psíquicos. “Sua técnica exigiu que me entregasse ao meu corpo, dando livre curso aos movimentos involuntários” (Lowen, 2004/2007, p. 50). Em sua terapia, descreve ter sido capaz de entrar em contato com os medos que o assombravam desde a infância, inclusive o grande medo que descobriu sentir pela mãe, inconsciente até então. O autor (2004/2007) considera que o processo terapêutico contribuiu para que suas características racionais caminhassem progressivamente para uma maior corporificação e integração de suas funções. Essa transição se mostra problemática em diversos momentos, já que não foi um processo tão simples. É importante considerar que o autor escreve sua autobiografia já no final de sua vida, apresentando uma visão mais harmoniosa de seu processo, o que não ocorre no início de sua obra. A tensão entre Lowen e Reich foi um processo importante na construção desse pensamento, já que as divergências entre eles contribuíram para que Lowen estruturasse uma nova forma de pensar a integração entre corpo e mente.

Entretanto, Lowen foi intensamente influenciado pelas ideias de Reich ao ser seu aluno e paciente. Ademais, o contexto em que Lowen desenvolveu seus estudos foi relevante para determinar o curso diferencial que suas formulações teóricas assumiram. Reich se ateu a discutir mais aspectos políticos e sociais do que Lowen, além de a situação do país em que cada um se encontrava ser diferente. O contato entre os dois ocorreu quando Reich se mudou para os EUA, fugido da Europa nazista e expulso do círculo freudiano por suas ideias controversas (Miller, 2010).

Lowen, no contato com Reich, percebeu que necessitava ampliar seus estudos corporais. Candidatou-se para ser aluno de medicina em diversas universidades americanas, embora tenha tido dificuldades em ser aceito nelas. Pensou que isso poderia ser devido à sua não vinculação com a área de saúde ou mesmo por sua ligação com os trabalhos de Reich, os quais não eram bem vistos pela medicina “fechada” da época. A Segunda Guerra Mundial chegara ao fim, o que possibilitou reestabelecer o fluxo de norte-americanos que iam estudar na Europa. Assim, foi estudar medicina na Suíça, na Europa, após ter sua candidatura aceita pela Universidade de Genebra. Voltando aos EUA, desenvolveu suas teorias em um contexto

no qual seu precursor era mal visto e havia um grande preconceito com suas produções teóricas. Lowen (2004/2007) relata que a associação com as ideias de Reich fizeram com que tivesse alguns problemas com a associação de Medicina de Nova York. Além disso, o contexto pragmático norte-americano exigia uma forma de produção que se adaptasse às exigências de uma aplicação prática mais imediata para as psicoterapias, e isso influenciou a produção de Lowen, principalmente no final do século XX (Cipullo, 2000).

Lowen reconhece a grande habilidade que Reich teve em trabalhar com a respiração e com o corpo, porém, uma das divergências entre os dois autores surge no conceito de enraizamento (*grounding*). “O erro de Reich foi não orientar seu processo terapêutico para o chão; ele literalmente trabalhava rumo ao cosmos. Tinha o corpo pesado, inflado, com um peito grande e estufado. Fumava. Infelizmente, morreu de ataque cardíaco.” (Lowen, 2004/2007, p. 51). Além disso, Reich trabalhava com o paciente deitado no divã, como seu precursor fazia, enquanto Lowen passou a trabalhar com os pacientes em pé, de forma que pudessem estar com os “pés enraizados no chão”, ou seja, em *grounding*. Esse conceito vem a ser um dos principais trabalhados por Lowen no que se refere à aquisição de energia pelo corpo, o que será especificamente discutido ao longo deste trabalho.

Lowen (2004/2007) comenta que, apesar de Reich ter escrito a obra *Análise do caráter*, ele não enfatizava o estudo do caráter e não utilizava nenhum exercício com seus pacientes, o que acabou sendo outro ponto de divergência entre eles. O estudo do caráter foi enfatizado por Lowen nas fases iniciais da estruturação de sua teoria, mas isso se modificou ao final, embora tenha sido uma grande contribuição do autor para as abordagens corporais.

1.2.2.2 A relação de Lowen com John Pierrakos.

No percurso investigativo e profissional do autor, é importante ressaltar a sua relação com John Pierrakos, enfatizada pelo próprio Lowen (1958/1977, 1975/1982, 1972/1983, 2004/2007), em seu desenvolvimento pessoal e profissional. Apesar de terem seguido caminhos opostos, durante vinte anos foram parceiros na prática clínica e ambos foram relevantes para a difusão dos fundamentos reichianos, assim como para o desenvolvimento das técnicas atualmente utilizadas em psicoterapia corporal.

Lowen e Pierrakos foram os principais discípulos de Reich e trabalharam juntos por alguns anos (Lowen, 2004/2007). Porém, se afastaram quando Pierrakos passou a trabalhar em demasia com os aspectos ligados à espiritualidade, o que foi contra as ideias em que Lowen acreditava (Melo, 2010; Miller, 2010). Percebemos que a divergência entre os autores

se dá, principalmente, nos aspectos do pensamento de Pierrakos ligados ao misticismo. Lowen (2004/2007, p. 94) critica o colega por essa guinada em direção ao misticismo, chegando a considerar esse acontecimento como “um dos desastres que se abateu sobre a bioenergética”.

A cisão entre o que Lowen (2004/2007) considera como “racional” e “irracional” marca essa relação e descreve, em três pontos, os conflitos entre os dois autores, advindos dessa divergência de pensamento, o que evidencia o papel dessa cisão no curso da vida do autor. Um dos pontos de divergência foi a quebra da neutralidade, na concepção de Lowen, por parte de Pierrakos, já que este assumiu diversas atitudes que iam contra os princípios considerados essenciais pelo autor para a boa prática profissional. Lowen acreditava que o colega violara a postura deles sobre relacionamento terapêutico por encontrar diversas situações em que os pacientes de Pierrakos se misturavam à sua vida pessoal, inclusive trabalhando para ele em sua residência. Além disso, percebia que o colega estava adentrando em grupos que mais se assemelhavam a um culto, o que era repudiado por ele (Lowen, 2004/2007).

Um segundo ponto foi a disputa de poder que se estabeleceu entre eles, já que Pierrakos começou a demonstrar a inveja que sentia pelo colega e a insatisfação com a posição que ocupava perante o destaque de Lowen em certos assuntos. Portanto, buscava se sobressair no que fosse possível, o que causava diversos conflitos entre eles. Um terceiro ponto, de fundamental importância, foi a acusação, por parte de Pierrakos, de que Lowen não era “mente aberta” (Lowen, 2004/2007, p. 96) por sua não adesão aos pensamentos místicos que propunha. A citação a seguir demonstra o incômodo de Lowen diante disso:

É verdade, confessei perante o grupo. Mantenho a mente fechada para ideias irracionais que permeiam a cultura, mas a deixo aberta quando algo soa e parece verdadeiro. Na qualidade de homem livre, como Bertrand Russel, reivindico o direito de abrir e fechar minha cabeça conforme me parece melhor, não conforme os outros esperam ou exigem (Lowen, 2004/2007, p. 96).

Entendemos que essa citação demonstra um aspecto importante de sua personalidade no que diz respeito à cisão entre o que é visto por ele como racional e o que é irracional. Percebemos que o próprio pensamento de Lowen é considerado, muitas vezes, pela própria comunidade acadêmica, como irracional e não científico, principalmente ao fim da sua obra. Os conceitos de energia, espiritualidade, constituição muscular do caráter e a própria eficácia dos exercícios de bioenergética podem ser questionados. Essa ambivalência nos faz perguntar

sobre a importância da relação entre eles e suas divergências na construção do pensamento do autor. Embora tenham divergido, Lowen (2004/2007) se refere ao colega com muito amor e respeito, enfatizando sua importância a todo o momento.

O percurso bibliográfico de Lowen evidencia as ambivalências do autor entre o racional e o irracional, entre os sentimentos e o intelecto, entre a mente e o corpo. Notamos que seus livros assumem diferentes perspectivas a partir do momento histórico e de como os seus conceitos são desenvolvidos no momento da publicação. Esses aspectos serão discutidos no tópico seguinte.

1.2.3 A produção bibliográfica de Lowen.

Lowen possui uma vasta produção bibliográfica, tendo publicado catorze livros sobre temas diversos ligados à Análise Bioenergética, artigos e alguns manuscritos. Sua produção se situa entre 1965 e 2004. Para se analisar suas publicações, é importante considerar todo um contexto social de produções que permeavam aquele momento histórico. Algo interessante a se observar em sua trajetória é a forma como sua produção se inicia, sob um aspecto bastante teórico e sistematizado, e adquire um formato mais aberto e ligado a temas mais populares sobre o sentir e as emoções. É possível se perceber uma grande preocupação, no início de suas produções, com a fundamentação teórica de suas ideias, o que muito provavelmente se deve à necessidade, nesses tempos, de consolidar a abordagem bioenergética enquanto referencial teórico e prático.

A problemática da cisão entre mente e corpo perpassa todas as suas obras, o que pode ser notado nos objetivos de cada um de seus trabalhos. A tensão advinda do desafio de integrar a intelectualidade e a sabedoria do corpo se mostra presente ao longo de toda a sua obra. Publicar um livro é uma tarefa bastante intelectual, mas que, em seu caso, traduz toda uma experiência profissional e de vida que é, antes de tudo, corporal. Isso porque tem como objetivo, ao longo de toda a sua obra, resolver a grande cisão entre mente e corpo que tanto o incomodava, mas que, ao mesmo tempo, era tão inerente ao seu processo de construção pessoal e profissional.

Como especificado, alguns aspectos sociais também são relevantes para contextualizar o percurso de suas produções, como a maior abertura da sociedade americana ao estudo sobre o corpo em psicoterapias, a revolução sexual de 1960 – sendo Reich considerado um dos ícones desse processo –, e o próprio caráter pragmático norte-americano, o que orientou os rumos para uma aplicação mais prática e imediata do trabalho de Lowen. Isso pode ser

observado em seus relatos sobre a aceitação ou rejeição de seus manuscritos nas editoras (Lowen, 2004/2007).

Foi possível distinguir três movimentos na obra do autor, que não coincidem com seu percurso cronológico. As três primeiras obras apresentam mais fundamentação teórica e demonstram a intenção do autor de divulgar e consolidar a bioenergética enquanto referencial teórico e prático, assim como é possível perceber, nelas, uma ênfase no conceito de caráter. A partir da quarta publicação, percebe-se um distanciamento do caráter científico de sua obra e uma maior aproximação com uma forma de escrita mais simples e acessível ao público de forma geral, assim como um distanciamento do caráter enquanto conceito trabalhado e desenvolvido. Porém, nota-se certo movimento de retomada do padrão científico em algumas publicações posteriores, como em *Bioenergética, Narcisismo: negação do verdadeiro self, Amor, sexo e o seu coração*, e o último livro – coletânea de artigos –, nos quais podemos observar uma linguagem acessível, mas com mais fundamentação teórica e científica. Essa coletânea foi a última obra a ser publicada, mas com textos escritos anteriormente e em distintos momentos.

Entretanto, percebe-se que o autor apresenta, em cada um de seus livros, toda a teoria bioenergética. Diferentemente de Freud, por exemplo, que discute conceitos específicos em textos específicos, Lowen propõe, em cada livro, apresentar a teoria básica e os principais conceitos. Isso nos dá a impressão de que sua intenção era a de que fosse possível compreender a teoria bioenergética com qualquer um dos livros a que alguém tivesse acesso. Essa característica torna a leitura de sua obra repetitiva em alguns momentos, principalmente no início de cada livro, embora torne as informações claras e objetivas.

A alternância entre uma forma de escrita mais acadêmica e outra mais poetizada pode demonstrar o conflito entre a cisão mente e corpo no autor. Às vezes, podemos perceber, em um só livro, a presença dessa ambivalência. A necessidade do autor de racionalizar o corpo contrasta com a de sempre levar o leitor a sentir a vida a partir do corpo e das emoções, em seus aspectos energéticos e fluidos.

O primeiro livro de Lowen, publicado originalmente em 1958, foi intitulado *Physical dynamics of character structures*, tendo sido traduzido para o português em 1977, com o título *O corpo em terapia*. Considerado pelo autor como um grande sucesso do ponto de vista teórico, forneceu as bases para que a Bioenergética fosse reconhecida nos Estados Unidos e no mundo (Lowen, 2004/2007). Nessa obra, a preocupação com a compreensão das estruturas de caráter adquire função central e o autor parte de uma extensa fundamentação teórica, baseada, primordialmente, nos escritos de Freud e Reich, assim como psicanalistas como

Abraham e Ferenczi. Traz toda uma sistematização de sua teoria, além de exemplificar os conceitos com vários exemplos de casos clínicos advindos de seu trabalho como terapeuta.

O ponto crucial é que, nessa obra, o caráter é apresentado como ponto fundamental de articulação entre o biológico e o psicológico, entre corpo e psiquismo, entre a estrutura muscular e o ego. Baseando-se nos conceitos de Reich (1933/1998), publicados em *Análise do caráter*, Lowen (2004/2007, p. 123) discutiu “a integração dos aspectos físicos do caráter aos parâmetros psicológicos do comportamento”. Sua tipologia estava sendo aqui construída, o que se modificaria ao longo de seus escritos. Entretanto, mesmo tendo sido a primeira publicação, esse livro é considerado como base para qualquer um estudar a abordagem bioenergética e adentrar no estudo do caráter. É importante, nesse ponto, se questionar sobre as mudanças que ocorreram na estruturação de uma teoria sobre o caráter na trajetória do autor, de acordo com nossos objetivos. Em nenhuma outra publicação de Lowen o caráter recebe tanta ênfase enquanto sistematização em uma tipologia. Porém, a ideia básica que diz respeito ao caráter e à integração entre corpo e psiquismo se mantém em toda a obra do autor.

Antes de conseguir publicar esse primeiro livro, Lowen teve seu manuscrito rejeitado por várias editoras (Lowen, 2004/2007), o que comprova a pouca abertura, na época, para a temática. Após essa primeira publicação, o autor se concentrou nas estruturas de caráter neuróticas (Lowen, 2004/2007) e se enveredou sobre temáticas importantes para a época. A esquizofrenia era um tema bastante comentado e ele se interessava pelo assunto por ser crucial na discussão sobre a cisão entre o corpo e a mente. Contudo, seu manuscrito foi rejeitado pelas editoras, o que o levou a escrever sobre a sexualidade, tema mais polêmico e comercialmente mais atrativo (Lowen, 2004/2007). Assim como seu precursor, acreditava que a sexualidade estava intimamente ligada às estruturas de caráter e que poderia ser avaliada pela observação do corpo da pessoa. A maior diferença entre ele e Reich no que concerne à sexualidade era a importância dada ao amor enquanto elemento necessário para que a sexualidade se desenvolvesse de forma saudável (Lowen, 2004/2007). O autor então publicou, em 1965, seu segundo livro, no qual discutia essas questões, intitulado *Amor e orgasmo*.

Segundo Lowen (2004/2007), essa obra nunca se tornou popular e, apesar de ser, para ele, um livro belo, os leitores e comerciantes tinham medo de serem associados a ele por sua temática ligada ao sexo. O autor escreveu o livro no início da revolução sexual dos anos 1960 e comenta sobre o risco, já apontado por Reich, de que esse movimento se tornasse um caos ao invés de trazer liberdade.

Nessa obra, Lowen escreve sobre a ligação entre sexo e amor do ponto de vista corporal e psicológico. Descreve os distintos tipos de atitudes sexuais e reforça a necessidade

de uma integração entre amor e sexualidade. É possível perceber que a visão de Lowen sobre a sexualidade saudável está pautada em critérios sociais normativos, como o sexo acompanhado de amor e de relacionamento estável e a heterossexualidade (Lowen, 1965/1988). Também se nota uma fundamentação nos conceitos de potência orgástica de Reich (1995), porém, com divergências no que concerne ao papel do amor e à ideia de uma plenitude sexual baseada no afeto entre homem e mulher.

Em contraposição ao insucesso do segundo livro, em 1967 foi publicado o terceiro, *The betrayal of the body* ou *O corpo traído*, na edição em português, que “deu à bioenergética a credibilidade que precisava [...] e foi um divisor de águas em termos do crescimento da minha carreira e do instituto” (Lowen, 2004/2007, p. 137). Nessa obra, o autor trata, particular e extensamente, do tema da cisão entre corpo e mente, se atendo à problemática esquizoide da personalidade. O caráter esquizoide e suas variantes são extensamente descritos e discutidos nesse livro, contando com inúmeros exemplos de casos clínicos.

Em 1970, foi publicado o quarto livro de Lowen, intitulado *Prazer: uma abordagem criativa da vida*. Nota-se, nessa obra, uma ruptura no estilo do autor, já que é um livro menos denso teoricamente e com uma discussão voltada a uma temática menos conceitual e com uma linguagem mais acessível ao grande público. O autor explora as raízes do prazer no corpo e no psicológico e vê o prazer e os exercícios de bioenergética como solução para o dilema da integração necessária entre corpo e mente, entre pensar e sentir (Lowen, 2004/2007).

Seguindo a tendência de se discutir temas psicológicos polêmicos para a época, Lowen publica, em 1972, seu quinto livro, intitulado *Depression and the body*, em português *O corpo em depressão: as bases biológicas de fé e de realidade*.

Sua tese básica é a de que a depressão é um transtorno físico que deve ser entendido com base na dinâmica energética do corpo. Evidentemente, existe um componente psicológico que também deve ser compreendido, mas essa compreensão não é suficiente para superar o problema físico; a saber, as funções físicas do corpo estão deprimidas (Lowen, 2004/2007, p. 140).

Pode-se perceber a integração entre corpo e mente, proposta pelo autor, ao se discutir um fenômeno muitas vezes “biologizado” ou “psicologizado”. O autor discute a depressão enquanto fenômeno corporal e psicológico ligado às necessidades orais de amor e cuidado e às frustrações advindas do desamparo, trazendo vários exemplos de seus casos clínicos. Nesse livro, o caráter oral ganha ênfase, assim como a relação entre caráter oral e depressão

energética. Também discute a relação entre fé e realidade a partir de uma perspectiva em que coloca o corpo como a única realidade válida e debate sobre a fé sob um ponto de vista corporal, e não espiritual. Para o autor, a fé no corpo se contrapõe às diversas ilusões criadas pelo mental (Lowen, 1972/1983).

Sua sexta publicação, em 1975, é talvez o mais conhecido de seus livros, intitulado *Bioenergética*. De toda a obra do Lowen, essa é a mais utilizada como manual nos estudos sobre bioenergética devido à sistematização feita sobre os principais conceitos trabalhados nessa abordagem. Menos denso teoricamente que o primeiro, sistematiza diversos assuntos, incluindo aspectos sobre o funcionamento energético, as questões egoicas, as fases do desenvolvimento infantil e a constituição do caráter, assim como discussões sobre temas diversos como, por exemplo, o adoecimento do corpo e as funções e orientações do processo terapêutico. É um livro que assume a forma de um manual de introdução ao estudo do corpo e dos processos psíquicos adjacentes. Um aspecto curioso citado por Lowen (2007) é que, apesar de ter cunhado o termo “bioenergética”, o autor explica que não se interessou em criar uma marca sua. Acreditava que a bioenergética deveria se tornar um tema de livre acesso a quem desejasse encontrar respostas para seus próprios conflitos. Essa concepção demonstra a característica do autor de buscar uma tradução de sua teoria para que ela fosse acessível ao público em geral. A menor densidade acadêmica que o livro apresenta já mostra essa tentativa, embora existam aspectos teóricos que necessitam de aprofundamento para que possam ser compreendidos.

Nessa época, a bioenergética estava se tornando mais conhecida tanto nos Estados Unidos quanto no exterior, principalmente na Europa, e seus livros já eram traduzidos para diversos idiomas (Lowen, 2004/2007). Pelo trabalho prático realizado por ele e por sua esposa, Leslie, receberam a sugestão de publicarem um livro com as técnicas de exercícios. Passaram dois anos descrevendo os exercícios e, em 1977, publicaram *Exercícios de Bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante*. Essa obra assume o aspecto de um verdadeiro manual explicativo sobre os exercícios, mas, segundo Lowen (2007), o foco era no sentir e no se abrir ao enfrentamento dos sentimentos, e não na melhora do desempenho muscular, como desejava o público da época. Lowen & Lowen (1977/1985) utilizaram-se de desenhos e fotos para representarem as posturas e os mecanismos de realização dos exercícios, buscando mais integração energética e vibracional. O autor diz ter se sentido decepcionado com esse aspecto e esperava que a aceitação do livro por parte do público tivesse sido maior (Lowen, 2004/2007).

A oitava publicação de Lowen tem o medo da vida como temática. “Medo da vida, publicado em 1980, é meu livro mais importante” (Lowen, 2004/2007, p. 150). Nele, discute os desafios do homem moderno diante de uma cultura do fazer e do realizar, bem como do não sentir. Defende a ideia de que o homem moderno se esquivava a todo o momento de seus sentimentos, ocupando-se com aspectos superficiais e externos a ele, em uma grande negação do próprio ser. Ainda, discute a sexualidade moderna e a fuga, por parte das pessoas, de relações duradouras e maduras (Lowen, 1980/1986). À medida que Lowen publica seus livros, é bem evidente o fato de que os escritos adquirem menos densidade teórica e assumem uma forma mais acessível ao público. O autor passa a trazer mais exemplos da vida cotidiana, não perdendo sua fundamentação teórica, e sim assumindo uma linguagem mais simples e utilizando seus conceitos de maneira menos rebuscada.

Seguindo essa linha e continuando na discussão sobre as patologias da vida moderna, Lowen publica, em 1983, seu nono livro, *Narcissism: denial of the true self*, intitulado em português como *Narcisismo: negação do verdadeiro self*. O autor ressalta, aqui, a simplicidade da linguagem utilizada por ele: “Acredito que a psiquiatria ganharia muito se ampliasse seus horizontes conceituais para incluir a experiência popular, expressa no linguajar comum e cotidiano das pessoas.” (Lowen, 2004/2007, p. 151). Dessa maneira, demonstra que um tema complexo como o narcisismo pode ser descrito e discutido de modo simples e acessível ao público e enfatiza a importância de se considerar as forças culturais nesse processo. Nesse ponto, é importante destacar o diagnóstico de caráter que Lowen (2004/2007) faz de si mesmo como fálico-narcisista, retomando, inclusive, a sua fala espontânea dirigida a Reich sobre ser famoso (Lowen, 2004/2007). Outro ponto importante é a associação que Lowen faz entre o narcisismo e a personalidade psicopática, embora não restrinja o narcisismo a uma ou outra estrutura de caráter. O autor trata esse tema sob um ponto de vista mais abrangente, não se restringindo à categorização de pessoas, o que indica uma reestruturação na sua forma de pensar o caráter e uma ampliação dos conceitos desenvolvidos por ele.

Sua décima publicação foi o livro *Amor, sexo e o seu coração*, em 1987, o qual traz, novamente, a temática do amor, mas com uma interface entre esse sentimento e os processos emocionais que conduzem às doenças cardiovasculares. É possível observar que esse livro ganha um caráter mais científico, o que pode ocorrer pela aproximação de Lowen com a área da Cardiologia, já que nela se especializou durante seus estudos em Medicina. Nessa obra, são considerados aspectos do funcionamento fisiológico ligados às emoções e ao funcionamento

cardiovascular, sendo realizada uma discussão cultural sobre o caráter rígido e as pressões do dia a dia na sociedade moderna.

Sua décima primeira publicação, em 1990, foi o livro *A espiritualidade do corpo: Bioenergética para a beleza e a harmonia*. Essa produção traz uma nova concepção de saúde para o autor, dando à espiritualidade um valor positivo na construção de indivíduos saudáveis. A concepção de espiritualidade de Lowen (2004/2007) se mostra intimamente ligada à ideia de uma ordem e “graciosidade” da natureza e, apesar de se referir a Deus, percebe-se uma posição agnóstica do autor.

Em 1995, publica sua décima segunda obra, intitulada *Alegria: a entrega ao corpo e à vida*. Esse livro adquire um formato muito semelhante ao anterior, também com uma visão mais espiritualista. Notam-se referências a Deus e ao conceito de “graciosidade”, o que evidencia a aproximação do autor com os aspectos ligados à espiritualidade no fim de sua vida. A integração (ou cisão) entre corpo e mente recebe uma nova configuração ao receber a espiritualidade como mediação nesse processo. Aqui, se entrevê uma visão mais otimista e conciliadora de Lowen, trazendo exemplos de casos em que os pacientes conseguiram conquistar a harmonia e a alegria de viver. O autor apresenta a bioenergética como solução para as tensões da vida, o que pode representar uma questão problemática ao se ignorar os conflitos inerentes ao psiquismo.

A última publicação de Lowen foi sua autobiografia, organizada juntamente com Robert Glazer, o qual realizou a proposta de escreverem um relato sobre o processo histórico e conceitual do autor. Lowen aceitou a sugestão, acreditando que sua história de vida poderia influenciar positivamente outras pessoas a vivenciarem seus corpos de forma mais plena. Um ano depois, também foi publicada uma coletânea que reuniu diversos artigos de Lowen, escritos em diferentes períodos, intitulada *The voice of the body*, ainda não traduzida ao português.

Ao final de sua obra, já se percebe pouca referência direta ao estudo do caráter, embora ele se coloque sempre como uma questão importante em diferentes momentos de todos os seus livros. Acredita-se que a teoria do caráter funcione como pano de fundo em toda sua obra, contudo, vai ficando cada vez mais implícita, talvez pela complexidade que envolve o conceito. Em nossa pesquisa, resgatamos as bases conceituais que nos auxiliam a pensar o caráter e sua importância no processo de integração entre corpo e mente.

Capítulo 2 – A Integração Corpo/Mente e o Caráter na Análise Bioenergética

Neste capítulo, pretende-se abordar especificamente o caráter como possibilidade de uma visão integrativa entre corpo e mente, como proposto por Alexander Lowen, a partir dos conceitos fundamentais de seus precursores. Entretanto, antes de adentrar nesse conceito tão amplo e complexo, é necessário discutir como se dá essa relação na perspectiva da Análise Bioenergética para se compreender a importância que o caráter assume nessa teoria. Há uma diferenciação em relação a outras abordagens teóricas, que trabalham o conceito por trazer o corpo e sua integração com a mente para o cerne da discussão.

O conceito de caráter assume uma perspectiva particular nessa abordagem, permitindo se pensar a estruturação do indivíduo em seus aspectos psicocorporais. Como discutido no capítulo anterior, a busca por uma compreensão dessa relação está presente nas motivações de Lowen desde o início de sua trajetória. Pela revisão da sua obra, foi possível identificar os fatores e conceitos que permeiam a construção de uma teoria inovadora sobre a integração entre corpo e mente a partir de bases psicanalíticas, tendo o conceito de caráter uma importância fundamental. Apesar de ter se originado na teoria psicanalítica, alguns conceitos freudianos e outros reichianos sustentarão e fundamentarão essa teoria.

Segundo Maami (1999), a psicanálise, por sua heterogeneidade teórica, assume uma posição em que a relação mente/corpo existe na singularidade de cada indivíduo. Portanto, ao discutir a dificuldade de se construir conceitos fechados e universais sobre as questões tão complexas do psiquismo, a autora coloca que “O ‘todo’ da psicanálise se abstrai de toda busca de alcançar um conceito universal. Não há nem uma ‘teoria da teoria psicanalítica’, nem a perspectiva psicanalítica do problema mente/corpo.” (Maami, 1999, p. 3).

Por outro lado, para Rodrigues (2008), apesar de a construção da psicanálise sofrer inúmeras contribuições de diversos teóricos, tanto do campo da medicina como da filosofia e da psicologia em construção, Freud representa uma mudança paradigmática no que concerne ao estudo do psiquismo e do corpo. Para esse autor, a relação mente/corpo é uma tensão sintetizada na complexidade do inconsciente, ou seja, a mente e o corpo são influenciados a todo o momento pelo inconsciente e pelo como ele se apresenta. Portanto, o corpo tem um papel que, apesar de fundamental, não influencia o que ocorre no psiquismo. “Com Freud, o psiquismo assume a determinação e impõe ao corpo a efemeridade de ser apenas um locus privilegiado da vida, mas sem poder algum sobre ela, já que quem o possui é o domínio psíquico, o não corporal, a psyché.” (Rodrigues, 2008, p. 128).

Nota-se uma contradição, já que o surgimento da psicanálise parte do corpo, mais precisamente do estudo com as pacientes histéricas. Contudo, o corpo acaba não assumindo um lugar privilegiado na construção da teoria psicanalítica. Alguns autores pós-freudianos, como Lacan, por exemplo, dão ainda menos ênfase ao corpo objetivo (Rodrigues, 2008). Já Reich atribui grande importância ao papel do corpo e ao conceito de caráter na estruturação de sua teoria e da prática clínica.

Segundo Rodrigues (2008), comparando a visão da relação mente/corpo em Reich com a visão dos psicanalistas, esse autor assume uma visão menos dicotomizada, apresentando uma unidade funcional soma-psyche, em que o corpo e o psiquismo estão em constante integração.

Embora haja diferenças marcantes entre os dois autores, o olhar sobre o corpo e seu papel decisivo na estruturação da personalidade é visto como a maior contribuição de Reich ao pensamento de Lowen, como o próprio autor reconhece na citação a seguir:

A maior contribuição de Reich para a nossa presente proposta foi a sua delimitação do papel principal que o corpo deve desempenhar em qualquer teoria da personalidade. Seu trabalho forneceu as bases sobre as quais foi construído o edifício da bioenergética (Lowen, 1975/1982, p. 31).

Lowen (1958/1977; 1985/1982) vê a integração entre mente e corpo como mediada pelos processos energéticos. Nesse sentido, a identidade funcional entre o que acontece no nível psíquico e no nível do corpo é a chave para a compreensão de sua teoria (Volpi & Volpi, 2003). É descrita por Lowen (1970/1990, p. 30) da seguinte maneira: “[...] qualquer mudança na maneira de pensar de uma pessoa e, portanto, de seus sentimentos e em seu comportamento está condicionada a uma mudança no funcionamento de seu corpo”. Portanto, há uma relação entre mente e corpo, em que cada uma está reagindo e atuando sobre a outra.

Entendemos que é no conceito de caráter que essa identidade demonstra ser sintetizada. O conceito é o mais abrangente que o autor utiliza e é fundamental para a compreensão da visão do autor sobre a integração entre mente e corpo.

Apesar de ser um conceito desenvolvido por Reich, Lowen retoma os estudos sobre o caráter e desenvolve a técnica de leitura corporal e os exercícios de bioenergética. Em sua obra *O corpo em terapia* (1958/1977), apresenta todo o percurso do conceito de caráter, com base psicanalítica, aproximando e, ao mesmo tempo, diferenciando suas próprias ideias das de Freud e Reich. Da mesma forma, enfatiza a importância do corpo e como o caráter se inscreve nele. No movimento do autor, percebe-se que, inicialmente, havia mais fundamentação teórica

em bases freudianas e reichianas e o conceito de caráter foi mais utilizado no início de seus escritos (Lowen, 1958/1977).

Podemos encontrar em Freud (1905/1987, 1908/1987, 1916/1987, 1917/1987) fragmentos importantes e que fornecem as bases para se trabalhar com o conceito de caráter. É embasado nesses trabalhos que Abraham, um de seus discípulos, estrutura uma teoria própria, focada no caráter e no desenvolvimento libidinal pré-genital. Esse autor atribui grande importância à estruturação do pensamento de Lowen por ter realizado uma sistematização da teoria psicanalítica sobre o caráter e também pela ênfase que ele atribui aos períodos anteriores à fase fálica. Sabe-se que o processo de desenvolvimento libidinal dos órgãos genitais, que ocorre na fase edípiana,⁴ foi o foco dos estudos de Freud sobre a sexualidade. Abraham (1970) se diferencia e apresenta uma concepção sobre a relação entre o caráter e a libido pré-objetal, que aparece, em muitos momentos, como o fundamento que Lowen utiliza em sua própria teoria caracterológica. Inclusive, a ênfase nas fases pré-genitais na formação das estruturas se torna uma característica marcante da teoria de Lowen e o que o diferencia de Reich e Freud.

Em seu artigo “Caráter e erotismo anal”, publicado em 1908, Freud enfatiza a formação do caráter e sua relação com a pulsão e com o corpo em determinada medida. Para o autor, percebe-se que o caráter se configura como resultado das experiências e do processo de constituição do sujeito ao longo das relações vivenciadas em sua vida. Discute, portanto, as características que definem o que seriam alguns tipos de caráter a partir de características do desenvolvimento infantil (Freud, 1908/1987).

Wilhelm Reich trabalhou esse conceito em 1933, em seu livro *Análise do caráter*, considerado uma das mais importantes referências sobre o tema. Nessa obra, apesar de ainda se considerar Psicanalista, se diferencia de Freud no que se refere, principalmente, à ênfase no corpo e nos procedimentos bioenergéticos, assim como à teoria das tensões e “courças musculares”. O autor traz uma concepção ampliada de caráter, definindo-o como uma configuração psicocorporal que ocorre a partir da influência de fatores ambientais, emocionais e culturais que circunscrevem o indivíduo ao longo de seu desenvolvimento (Reich, 1998). Nesse sentido, a história de vida e as relações interpessoais que o indivíduo estabelece exercem influência tanto sobre a constituição psíquica quanto corporal do indivíduo.

O conceito de caráter em Reich (1998) se relaciona com a sua teoria sobre as courças musculares, definidas como a expressão dos conflitos psíquicos. Dizem respeito aos pontos de

⁴ No presente trabalho, serão mais bem explicados os processos referentes à fase edípiana e às fases pré-genitais no tópico seguinte, que trata do desenvolvimento infantil.

tensão e bloqueios emocionais, que se expressam tanto no âmbito corporal como no mental, demonstrando a integração existente entre as duas instâncias.

Posteriormente, com a substituição da Vegetoterapia pela Orgonoterapia⁵, Reich se desvia da pesquisa sobre o caráter, momento no qual Alexander Lowen, em 1952, se apropria dos estudos sobre esse tema e, em 1956, desenvolve a Análise Bioenergética (Melo, 2010). Lowen dá ênfase aos aspectos corporais relacionados às defesas de caráter, incluindo a técnica de leitura corporal e os exercícios voltados tanto para o tratamento clínico em geral como para as especificidades de cada estrutura.

Lowen (1977) assimilou as posturas de Reich quanto às pulsões, energia libidinal, fluxo energético, dando primazia ao trabalho com os bloqueios contra a sexualidade. Seus esforços foram na direção de complementar o estudo dos caracteres, a fim de melhor compreender a forma e o funcionamento das defesas, tanto no corpo como na dinâmica psíquica. (Weigand, 2005, p. 30).

Ao analisarmos a integração entre corpo e mente em Alexander Lowen para discutirmos o caráter, algumas categorias se mostram fundamentais, tendo sido escolhidas, primeiramente, pela amplitude do arcabouço teórico de Lowen sobre a temática, conforme justificamos no tópico metodológico deste trabalho, sendo necessário um recorte na análise a partir delas. Ademais, foram selecionadas ao longo da revisão bibliográfica, com base na importância que demonstraram diante do material estudado, principalmente no que se refere ao caráter. Elas são descritas a seguir e serão discutidas em tópicos próprios ao longo do capítulo.

O conceito de desenvolvimento infantil advindo da teoria psicanalítica se mostra como uma categoria importante para se pensar a teoria de Lowen. Para ele, as defesas são construídas a partir das experiências adquiridas ao longo da infância e correspondem às fases de desenvolvimento da estrutura corporal. Reich estruturou uma teoria sobre o desenvolvimento diferente da Freudiana. Continua a utilizar a noção de fases, mas com mais ênfase nos aspectos corporais do desenvolvimento a partir de uma teoria dos anéis e pontos de tensão. Dividiu as fases em sete, de acordo com a embriologia e o desenvolvimento céfalo-caudal, que são: ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico. Esse modelo diz respeito ao fato de o desenvolvimento dos fetos iniciar-se pela cabeça e seguir até

⁵ A Orgonoterapia foi caracterizada pela “ênfase maior na aplicação da energia orgônica através do uso do acumulador” (Lowen, 1975/1982, p. 32). Nesse momento, Reich se distanciou do estudo do caráter e focou nos processos energéticos e na carga bioelétrica que a energia apresentava, buscando uma maior validação de sua teoria em termos fisiológicos. Foi nessa época que Reich se aventurou a estudar o câncer e criou o acumulador, sendo ele um instrumento de medição da energia orgone.

a pelve. O mesmo desenvolvimento ocorre ao longo do crescimento do bebê. Dessa forma, os traumas vivenciados na infância serão marcados de acordo com a zona em desenvolvimento naquele momento da vida do indivíduo. Os estudos de Reich sobre as defesas (ou couraças) constitutivas do caráter já associavam os traumas vivenciados durante o desenvolvimento infantil, em cada etapa, com os traços de caráter assumidos pela pessoa, tanto em sua expressão de personalidade quanto em sua constituição corporal (Reich, 1995, 1933/1998). Lowen (1958/1977) se utiliza desses referenciais para construir sua teoria sobre o desenvolvimento. Contudo, de que forma a estrutura em relação ao desenvolvimento infantil? Pretendemos discutir essa questão no primeiro tópico, uma vez que esse conceito também é fundamental para se compreender a formação do caráter.

A segunda categoria de análise é o conceito de (bio)energia. Os anéis de couraça muscular, que Reich (1933/1998) apresentava em sua teoria, são bloqueios de tensão que impedem o livre fluxo de energia pelo corpo e participam na estruturação do caráter do indivíduo. Lowen, apesar de não utilizar o conceito de couraça, também trabalha com a ideia de bloqueios de tensão da energia e discute o caráter sob o ponto de vista energético. A energia ou “bioenergia” é o ponto chave para a compreensão da Análise Bioenergética, como o próprio nome já diz. Mas o que é essa energia e como ela perpassa o corpo e a mente? Pretendemos discutir essa questão no segundo tópico.

A terceira categoria diz respeito aos aspectos psicocorporais do caráter mediados pelo ego. O conceito de ego, extensamente explorado por Freud (1923/1987), fornece as bases essenciais para se compreender as mediações entre o que se passa internamente e o que ocorre externamente ao indivíduo enquanto ser biológico e social. Essa perspectiva é integrada por Reich a um estudo do corpo, este considerado como uma estrutura física que se estabelece como mediadora desses processos internos e externos. Qual a natureza do ego e como se relaciona com o corpo? Esse é o ponto que pretendemos discutir no terceiro tópico. Pode-se dizer que o corpo é o que se tem de mais particular e, ao mesmo tempo, o que se pode observar do indivíduo, tendo uma importância fundamental na compreensão do ego para Lowen.

Nessa relação entre ego e corpo, questiona-se onde entram as emoções e a sexualidade. Ambos são conceitos fundamentais à psicologia, sendo o segundo a chave das perspectivas analíticas. As emoções se expressam no âmbito mental, no corporal ou em ambos? E como é a noção de sexualidade para Lowen? Dedicamos o quarto tópico para discutir especificamente esses conceitos.

Além disso, as bases freudianas e reichianas contribuem para uma leitura social e crítica acerca da realidade psicocorporal, fornecendo referências sobre a cultura como elemento fundamental de influência sobre os indivíduos e seus corpos. Tratando-se de psicologia, é impossível considerar a subjetividade isoladamente de sua inserção na cultura e nos aspectos sociais de constituição do sujeito. Lowen apresenta, em todos os seus textos, uma discussão social e cultural acerca do corpo e dos processos de constituição do caráter, embora mostre, em muitos momentos, uma perspectiva de naturalização de certas condições, atribuindo uma responsabilidade individual à formação do caráter. Como Lowen vê a mediação da cultura e dos processos sociais na formação do caráter? Essa questão é discutida no quinto tópico, uma vez que os aspectos culturais demonstram ser mais uma categoria de análise da teoria de Lowen.

A divisão dessas categorias não significa que sejam aspectos separados da teoria do autor. Cada uma delas se interliga às outras e elas têm o caráter como ponto de articulação. Porém, foram divididas por apresentarem sua especificidade em relação ao recorte sobre o qual se analisa a realidade do caráter, levando-se em conta a amplitude do conceito.

É importante lembrar que o autor utiliza os termos “defesas de caráter” e “estruturas de caráter”, sendo o primeiro utilizado para se referir ao processo de ação da defesa, enquanto o segundo é usado para o resultado de estruturação da defesa. Contudo, aparecem em muitos momentos como sinônimos, assim como caráter e personalidade são muitas vezes vistos de forma indiscriminada pelo autor. As defesas são adquiridas ao longo dos traumas vivenciados na infância e a estrutura de caráter é formada a partir dessas experiências.

a) O Caráter em Relação ao Desenvolvimento Infantil

Lowen se baseia nas discussões sobre o desenvolvimento infantil desenvolvidas por Freud para estruturar sua própria teoria sobre a formação do caráter na infância. A teoria do desenvolvimento infantil de Freud (1905/1987) oferece conceitos fundamentais para se pensar a formação do caráter. O autor formula o percurso de desenvolvimento psicosssexual na infância de maneira inovadora para aquele período histórico. Suas definições em relação às fases oral, anal e fálica⁶ fornecem as bases para que Reich e, posteriormente, Lowen, possam compreender a etiologia e o processo de formação das estruturas de caráter. A importância da

⁶ As fases são descritas na obra de Freud (1905/1987), volume VII (1901-1905), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Uma maior sistematização sobre os resultados de fixações em cada fase é trazida por Abraham (1970) posteriormente, fornecendo bases mais sólidas para se pensar o caráter a partir do desenvolvimento infantil.

família e dos cuidadores nas fases iniciais do desenvolvimento também têm aqui suas bases, além da importância do ambiente social na construção do caráter.

A fase oral – aproximadamente do nascimento até os dezoito meses de vida – é aquela em que o indivíduo busca satisfazer suas necessidades orais, expressas, por exemplo, com a amamentação. Coincide com uma etapa em que o indivíduo vivencia suas relações de dependência e em que busca ser amparado pela mãe. Em cada fase, a energia sexual se concentra em determinada zona erógena, nesse caso, a boca (Freud, 1905/1987).

Na fase anal, aproximadamente entre os dezoito meses e os três anos de vida, a zona erógena é o ânus. O desenvolvimento dos esfíncteres e, conseqüentemente, a possibilidade de controle (expulsão e retenção) das fezes possibilita ao indivíduo vivenciar uma autonomia que não tinha antes, embora seja relativa. Portanto, o desenvolvimento de certa autonomia se torna uma característica marcante dessa etapa.

A fase fálica, que ocorre aproximadamente entre os quatro e os sete anos de vida, tem ligação com o Complexo de Édipo,⁷ em que ocorre uma trama de amor e ódio, identificação e orientação dos desejos para um ou outro genitor. Os órgãos genitais se tornam as zonas erógenas nesse momento e possibilitam ao indivíduo vivenciar as escolhas objetivas e as relações com o outro, o qual pode satisfazê-lo e, ao mesmo tempo, frustrá-lo.

Reich (1995, 1933/1998) se apropria dessas ideias freudianas e faz referência à importância do trabalho de seu precursor nesse campo.

A descoberta de Freud nesse campo foi trabalho pioneiro. Ele demonstrou que certos traços de caráter podem ser explicados historicamente como sendo as transmutações permanentes das moções pulsionais primitivas provocadas por influências ambientais (Reich, 1998, p. 150).

Entretanto, esse autor se diferencia principalmente por atribuir ao corpo não só o papel de determinar as novas possibilidades e direcionar o psiquismo a lidar com as mudanças corporais, como também de estar em constante integração com ele, influenciando e sendo influenciado. “A couraça de caráter forma-se como resultado crônico de choque entre exigências pulsionais e um mundo externo que frustra essas exigências. Sua força e contínua razão de ser provém dos conflitos existentes entre a pulsão e o mundo externo.” (Reich, 1933/1998, p. 152). Nesse fragmento, percebemos a aproximação com a teoria de Lowen

⁷ O Complexo de Édipo é discutido mais detalhadamente no livro *Medo da vida* (Lowen, 1980/1986). É um conceito freudiano amplamente utilizado nas perspectivas analíticas. Apesar de ser utilizado por Lowen, principalmente quando se refere à estrutura rígida, percebe-se que ele não lhe atribui muita importância ao longo de sua obra.

(1975/1982) e com a relação da ideia de caráter com o papel desempenhado pelo ego. O autor também define a formação do caráter como uma forma de superar os conflitos sexuais assumidos na infância, cumprindo “a função econômica de aliviar a pressão do recalque e fortalecer o ego” (Reich, 1933/1998, p. 154).

Além disso, o autor esquematiza os fatores que influenciam a constituição do caráter, a saber:

A fase na qual a pulsão é frustrada; a frequência e intensidade das frustrações; as pulsões contra as quais a frustração é principalmente dirigida; a correlação entre indulgência e frustração; o sexo do principal responsável pela frustração; as contradições nas próprias frustrações (Reich, 1933/1998, p. 156).

Como resultado no corpo, as couraças de caráter se formam como se fossem armaduras que protegem os indivíduos, de alguma forma, dos conflitos vivenciados por eles. Essa ideia mantém relação com a teoria dos mecanismos de defesa em Freud (1894/1987, 1926/1987), na qual as defesas utilizadas pelos indivíduos, ao mesmo tempo em que lhes possibilitam lidar com situações de estresse insustentáveis, também acabam “pesando”, demonstrando a distribuição da energia em termos econômicos e os acordos feitos para que o indivíduo possa sobreviver. Na visão de Reich, essas defesas são literalmente armaduras, se formando no corpo como couraças, acompanhando o desenvolvimento psíquico e se estruturando a partir das emoções, em uma relação dialética.

Influenciado por essas ideias, mas sem utilizar a noção de couraça, Lowen (1958/1977, 1975/1982) acredita que o desenvolvimento do caráter no corpo ocorre por tensões e bloqueios do fluxo natural de energia, em determinado momento da história de vida do indivíduo, assim como pode sofrer modificações ao longo de toda a vida. Essas tensões se tornam crônicas, fazendo com que a formação do caráter se inscreva também no corpo e se torne uma expressão tanto emocional e psíquica do indivíduo quanto física e corporal. Essa interação é exemplificada pelo fragmento seguinte:

Os aspectos infantis da personalidade podem manifestar-se em mãos e pés pequenos, em pernas longas e finas que parecem não ser o suporte adequado, ou em sistema muscular subdesenvolvido que não tem o potencial agressivo para conseguir o que o indivíduo necessita ou deseja (Lowen, 1975/1982, p. 50).

Lowen avança no diagnóstico de caráter tanto com a técnica da leitura corporal quanto com técnicas de intervenção terapêutica sobre cada estrutura, desenvolvendo instrumentos

para tal (Lowen, 1977/1985). Um aspecto importante é que Lowen (1958/1977) considera que nas estruturas pré-genitais não há a formação de uma couraça no sentido do termo utilizado por seu precursor. Considera que nessas estruturas o processo se diferencia, pois elas são marcadas pela falta e privação, sendo defesas mais primitivas, cuja organização do indivíduo ainda não adquiriu uma solidez suficiente para que possam ser formadas as couraças. Por isso, diferencia-se de Reich ao não utilizar, em nenhum momento, o termo “encouraçamento”, considerando-o limitado e válido apenas para o processo de defesa que ocorre nas estruturas genitais, formadas a partir do período edípico e baseadas no bloqueio afetivo e na proteção do indivíduo contra a frustração sexual e afetiva.

No momento inicial da construção de sua teoria, Lowen (1958/1977) define três tipos de caráter básicos (oral, masoquista e rígido), tendo como base todo o percurso da teoria analítica do desenvolvimento libidinal até então. Essa divisão inicial evidencia a aproximação de Lowen com os aspectos teóricos freudianos. As fases que ele define inicialmente se articulam com as fases freudianas, assim como o caráter oral definido por ele o faz com a fase oral definida por Freud, a masoquista com a fase anal e a rígida com a fálica. Para definir inicialmente os tipos de caráter, o autor analisa os conceitos de caráter oral, anal e genital e sua relação com o ego, proposta por Abraham (citado por Lowen, 1958/1977). Dessa forma, fundamenta suas ideias e apresenta a construção inicial de sua teoria do caráter.

Nessa mesma obra, discute o caráter esquizoide e esquizofrênico, constituídos a partir de defesas desencadeadas por traumas em fases primárias da vida do indivíduo, inclusive a fase em que é gerado no útero. Além disso, divide o caráter rígido, resultado do conflito edípico, em histérico, fálico-narcisista e passivo-feminino, de acordo com sua compreensão da dinâmica edípica naquele momento.

Posteriormente, em seu livro de base intitulado *Bioenergética*, Lowen (1975/1982) traça uma diferenciação em sua tipologia, definindo cinco tipos básicos de caráter: esquizoide, oral, psicopata, masoquista e rígido. O autor os define em uma relação de hierarquia, em que as defesas se constituem enquanto traços que se estruturam, em maior ou menor grau, ao longo de cada fase do desenvolvimento infantil. Essa tipologia será utilizada no presente trabalho, por ser mais sistematizada e mais recente no percurso teórico de Alexander Lowen.

A tipologia busca uma categorização para fins didáticos, mas isso não quer dizer que não leve em consideração a singularidade e a história de vida de cada indivíduo. Ao introduzir a discussão de um dos tipos de caráter, Lowen (1975/1982, p. 141) ressalta que “como em qualquer outra estrutura de caráter, a história da pessoa explica seu comportamento. Adiante inclusive a generalização seguinte: não se pode compreender uma conduta a menos que se

conheça a história pregressa do organismo.”. Nesse fragmento, o autor demonstra não limitar os indivíduos ao caráter que apresentam, uma vez que cada um possui uma história de vida que deve ser sempre considerada.

Contraditoriamente, observamos, em muitos momentos, uma característica mais “naturalizadora” do autor. Percebe-se que, em várias partes de sua obra, ele trata os conflitos como oriundos do processo de desenvolvimento e responsabilidade da estruturação do indivíduo. Ao mesmo tempo em que reconhece que os indivíduos não podem ser limitados à sua estrutura de caráter, apresenta uma visão que responsabiliza a constituição caracterológica deste pelos conflitos vivenciados. Assim como seus precursores, acredita que as experiências adquiridas ao longo do desenvolvimento infantil são determinantes na constituição do sujeito, embora acredite que os conflitos possam ser atenuados pelo processo terapêutico e pelos exercícios (1978/1985).

Para o autor, os exercícios facilitam a expressão de sentimentos e a movimentação da energia pelo corpo. A seguir, discutimos o conceito de energia como mediação dos processos mentais e corporais e como o caráter se mostra como uma resultante desses processos.

b) O Conceito de (Bio)Energia

Por meio da revisão da literatura, nota-se que a categoria mais utilizada pelos autores da Análise Bioenergética é a (bio)energia, talvez a mais importante para a compreensão do pensamento de Lowen. Por outro lado, acredita-se que seja o conceito mais difícil de ser validado devido à sua complexidade e dificuldade de definição. Não foi possível encontrar, na obra do autor, uma definição exata do que seja a energia.

O conceito de energia que Lowen usou de Reich, conceito adaptado, tem permanecido um conceito esperando por uma validação. A ideia de Lowen de energia nunca foi definida, somente explicada como fluindo através de um corpo saudável. O fluxo provavelmente bloqueado por ex. músculos tensos ou por uma perturbação psicológica ou doença (Donice, 2007, p. 19.).

A citação da autora evidencia a falta de uma definição sistemática sobre o conceito e a necessidade de se buscar as bases que fundamentam o conceito para melhor compreendê-lo.

Para Lowen (1958/1977), o conceito de energia funciona como princípio básico na compreensão do que vem a ser o caráter e da forma que a mente se relaciona com o corpo, conforme demonstra a citação: “Se a unidade funcional do caráter com o padrão de rigidez

muscular é reconhecida, torna-se então importante descobrir seu princípio básico comum. Este vem justamente a ser o conceito de processos de energia.” (Lowen, 1958/1977, p. 32). Inclusive, a ênfase nos processos energéticos se evidencia no próprio título que ele atribui à sua abordagem teórica. “A bioenergética [...] é o estudo da personalidade humana em termos dos processos energéticos do corpo” (Lowen, 1965/1975, 1975/1982, p. 40). O autor considera a bioenergia, em seu sentido amplo, como uma energia que “está envolvida em todos os processos da vida.” (Lowen, 1975/1982, p. 40) e que funciona para movimentar e sustentar o organismo. Entretanto, a energia é apresentada por Lowen de forma diferente de seus precursores, principalmente pela pouca ênfase nos aspectos sexuais e libidinais.

Ao falar de “libido” e de uma “energia deslocável”, Freud (1905/1987, 1923/1987) introduz o conceito e o entende como aquilo que movimenta os indivíduos no sentido de satisfazer suas necessidades, além de poder ser utilizado para diferentes fins.

Estabelecemos o conceito da libido como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Diferenciamos essa libido, no tocante a sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos anímicos em geral, e assim lhe conferimos também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras formas de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os processos sexuais do organismo diferenciam-se dos processos de nutrição por uma química especial (Freud, 1905/1987, p. 138).

Percebe-se que o autor diferencia a energia sexual libidinal, em termos qualitativos, de outras formas de energia necessárias à sustentação do organismo. Portanto, para ele, há uma concepção de energia que não se limita aos processos biológicos de sustentação do organismo, uma vez que começa a adquirir um sentido mais amplo e complexo, ligado aos impulsos sexuais e distribuído economicamente para as diferentes demandas que perpassam o sujeito.

A ideia de energia também deriva da teoria energética pulsional de Freud (Lowen, 1958/1977), que define a pulsão como:

[...] um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (Freud, 1915/1987, p. 142).

A citação permite relacionar o conceito de pulsão com o processo de integração corpo/mente. Por isso, embora não seja um conceito utilizado por Lowen, é fundamental para a construção do seu pensamento.

Fulgencio (2002, p. 105) sintetiza a ideia de pulsão em Freud como sendo “uma força psíquica que empurra o organismo para descarregar uma pressão dada numa determinada região ou órgão, ela é uma excitação que precisa de descarga”. Essa concepção serve de base para a construção da teoria energética desenvolvida por Reich (1995, 1933/1998) e da qual se apropriou Lowen posteriormente.

Reich (1995, 1933/1998) se utiliza das ideias de Freud e aplica o conceito de energia ao que pode ser observado no nível do corpo, por meio de manifestações somáticas. O autor enfatiza, ainda, o caráter sexual da energia e desenvolve sua “fórmula” do orgasmo, em termos de carga e descarga energética (Tensão mecânica → Carga Bioenergética → Descarga Bioenergética → Relaxamento Mecânico), a qual demonstra a pulsação energética característica a todos os seres vivos saudáveis (Reich, 1995). Por essa fórmula, acredita que todo ser vivo saudável passa por diferentes processos de tensão, que o leva à necessidade de carregar o organismo de energia. Em seguida, ocorre a descarga pela liberação de energia e o consequente relaxamento, reiniciando todo o processo de forma cíclica.

Lowen (1975/1982) se baseia nessas ideias e cria sua própria forma de entender a questão econômica da energia como um equilíbrio entre carga e descarga, de acordo com a necessidade do indivíduo. “A quantidade de energia que um indivíduo possui e como ele a usa irá determinar e refletir em sua personalidade [...] o nível de energia coerente às suas necessidades e oportunidades” (Lowen, 1975/1982, pp. 41-43). A estruturação do indivíduo funciona, aqui, como uma resultante de como a energia é utilizada, carregada, descarregada e mantida pelo indivíduo para satisfazer suas necessidades.

A fórmula apresentada por ele se assemelha à de Reich, mas se diferencia na ênfase dos processos de excitação e prazer ocasionados pela carga e descarga, conforme podemos ver no esquema a seguir: “O processo de vida pode ser visto, bioenergeticamente, como carregamentos ascendentes com excitação → descarregamentos descendentes com o prazer → mais carregamentos ascendentes (mais excitação) → mais descarregamento descendente (mais prazer).” (Lowen, 1972/1983, p. 43).

A grande questão é que, para Lowen, perde-se a ênfase no caráter sexual da energia e ela passa a ser vista como uma energia da vida ou “bioenergia”. Nota-se que, para ele, não há a mesma diferenciação que Freud faz entre a energia libidinal e a energia subjacente aos

processos anímicos em geral. A visão de Lowen está mais próxima da segunda e a sexualidade é considerada apenas como mais um aspecto da energia da vida.

Para o autor, a energia se carrega pela combinação entre a respiração, o contato com a realidade, os sentimentos, o movimento corporal e as interações que o indivíduo estabelece com o meio em que está inserido. Um diferencial de sua teoria é que ela cria um conceito específico para se referir à ligação com a realidade do ambiente e de si próprio. Dessa forma, introduz o conceito de *grounding*, um dos principais de sua teoria. “O *grounding* é um processo energético em que há um fluxo de excitação através do corpo, da cabeça aos pés” (Lowen, 1995/1997, p. 36). Portanto, o indivíduo está em *grounding* quando se encontra carregado e tem sua energia movimentando e fluindo ao longo do corpo, fazendo com que esteja “enraizado” na realidade. Assim, refere-se à interação do indivíduo com a sua própria realidade, intimamente ligado à sua respiração e ao contato com os próprios sentimentos. A relação entre carga e descarga é descrita na citação a seguir:

Assentar (*grounding*) é um conceito bioenergético e não apenas uma metáfora psicológica. [...] A energia em excesso do organismo vivo está constantemente sendo descarregada através da movimentação ou do aparelho genital. Ambas são funções da parte inferior do corpo. A parte superior é incumbida principalmente de energizar na forma de comida, oxigênio ou estímulos sensoriais e excitações. Estes dois processos básicos de carregar em cima e descarregar em baixo estão normalmente equilibrados. Dentro do corpo há uma pulsação energética; os sentimentos se movem para cima em direção à cabeça quando precisamos de energia ou excitação e se movem para baixo em direção às extremidades inferiores quando a descarga é necessária (Lowen, 1972/1983, pp. 42-43).

Lowen (1972/1983) afirma que a única realidade é a do corpo, o que evidencia a importância dessa instância em sua perspectiva. Para o autor, os seres vivos estão em constante interação energética com o ambiente que os cerca e o faz por meio de seus corpos.

O livre fluxo de energia indica um bom contato com o ambiente, a partir de suas próprias experiências, ou seja, um bom contato com a vida e com as emoções. Quando há uma insensibilidade ou um bloqueio no âmbito psíquico, concomitantemente há uma tensão muscular crônica no corpo. A origem da constituição caracterológica se dá, entre outros fatores, pelo bloqueio do livre fluxo energético causado por essa tensão. Essa ideia mantém certa coerência com os pressupostos de Reich, pois ele acreditava que os bloqueios de energia se davam pela formação de couraças musculares nos pontos de tensão.

O ponto crucial é que, para Lowen, essa energia se coloca tanto no âmbito psíquico quanto no corporal. “Minha posição é que os processos energéticos do corpo determinam o

que acontece na mente, da mesma forma que determinam o que acontece no corpo” (Lowen, 1975/1982, p. 39). Para ele, na relação mente-corpo, “cada esfera está atuando e reagindo à outra” (Lowen, 1958/1977, p. 33). Além disso, a função unitária que liga o psíquico e o somático é o caráter (Lowen, 1958/1977), que reflete como essa energia circula nesse corpo, que é ao mesmo tempo físico, mental e emocional e como se estrutura tanto psíquica como corporalmente.

Para representar esquematicamente o funcionamento energético no corpo, Lowen (1975/1982) se utiliza de diagramas, nos quais estão presentes os pontos mais extremos do corpo humano. Esses diagramas mantêm coerência com a representação do corpo, conforme podemos observar a seguir.

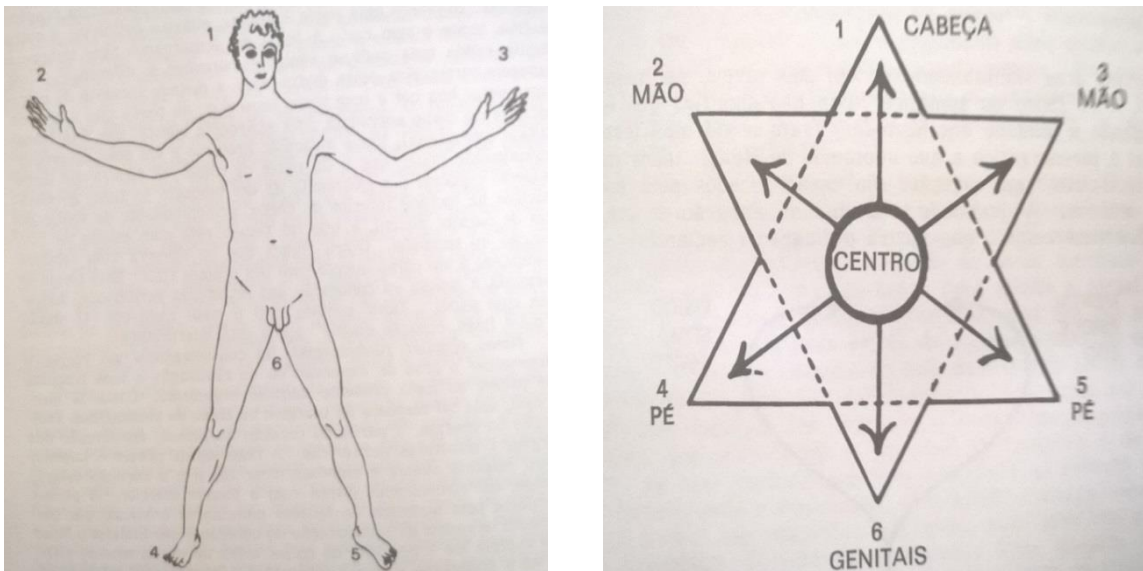


Figura 5 – a) Esquema do corpo humano com os pontos de extremidades (esquerda). b) Utilização do diagrama (direita) como representação dos pontos extremos do corpo humano.

Fonte: Lowen (1975/1982, pp. 122-123).

A Figura 1a representa o corpo humano com os pontos das extremidades numeradas. A Figura 1b foi colocada paralelamente para representar a analogia. O diagrama em formato de estrela representa o corpo com seus pontos extremos (cabeça, membros e genitais). O centro representa o ponto de origem dos impulsos, representados pelas setas, e se direcionam do centro para o ambiente externo. As linhas externas do diagrama representam o limite entre a pessoa e o mundo exterior, o que inclui o contato dos pés com o chão, conforme demonstram

os pontos “4” e “5” da Figura 1. As linhas pontilhadas, mais ao centro, representam o limite entre a parte interna do corpo, o tronco e as extremidades que se ligam ao ambiente externo.

Esses diagramas são importantes para facilitar a compreensão da dinâmica energética envolvida em cada uma das estruturas de caráter, conforme veremos no capítulo 4. Por enquanto, pretendemos realizar, no tópico seguinte, a discussão sobre a relação entre os aspectos mentais e corporais na estruturação do ego do indivíduo.

c) A Relação entre o Ego e o Corpo

A discussão sobre o ego é fundamental e serve de base em todas as perspectivas analíticas. O conceito de ego pertence à segunda tópica de Freud (1923/1987) e diz respeito a uma instância mediadora entre os impulsos do id e as exigências do superego e da realidade externa. Nessa perspectiva, o id é a instância representativa dos instintos mais primitivos, e o ego é uma parte dele que se diferenciou pelo contato com a realidade externa. Por sua vez, o superego é uma instância psíquica formada pela internalização das exigências parentais e da realidade social. O ego age no sentido de mediar essas forças opostas que atuam sobre ele, visando à preservação do indivíduo (Freud, 1923/1987).

Segundo Freud (1923/1987, p. 10), “Em cada pessoa existe uma organização coerente de processos mentais, que denominamos ego. Este ego inclui a consciência a qual controla a aproximação à mobilidade, isto é, à descarga das excitações no mundo exterior”. O autor estruturou todo um arcabouço teórico sobre o ego e suas relações com as outras instâncias, id e superego, e com a realidade. Esses conceitos são diretamente apropriados por Reich e Lowen, mantendo os mesmos significados nos três autores. Porém, a grande diferença de Lowen e Reich para Freud é a ênfase que dão ao aspecto corporal do ego.

Em sua teoria, Lowen (1958/1977) se utiliza dos estudos de Freud (1923/1987) sobre o ego, ressaltando o distanciamento deste dos aspectos corporais. O ego é “antes de tudo e principalmente um ego corporal [...] o ego deriva, em última instância, de sensações corporais, principalmente daquelas originadas na superfície do corpo” (Freud, 1923/1987, p. 16). Com a retomada dessa afirmação de seu precursor, Lowen (1958/1977) relembra a importância dos escritos dele para a construção do pensamento analítico. Acredita que há uma lacuna teórica do autor por não dar mais importância ao corpo, mas o defende por entender que o terreno inexplorado do psíquico não era sólido o suficiente para adentrar no campo corporal propriamente dito. Essa passagem evidencia a importância das teorias de Freud sobre

o aparelho psíquico como fundamentação e suporte para que o pensamento de Lowen pudesse se desenvolver no campo corporal.

No pensamento de Lowen, percebe-se que o ego é um conceito importante na compreensão da integração entre corpo e mente, principalmente por se estruturar de forma diferenciada das outras teorias advindas da psicanálise. Para discutir o ego e sua relação com o corpo, o autor parte da concepção apresentada por Freud e expõe vários fragmentos dele para identificar o conceito. Entretanto, discorda em muitos pontos de seu pensamento, como, por exemplo, na ideia de que o ego “vai dormir à noite” e na limitação do ego ao sistema perceptivo (Lowen, 1958/1977).

Além da contribuição de Reich sobre o papel que o corpo assume na relação com o ego, ele também acredita que o ego se estrutura nos níveis mental e corporal de forma dialética, uma vez que se influenciam mutuamente. Lowen reforça essa concepção em sua teoria ao discutir sobre a relação entre o ego e o corpo.

O adulto atua simultaneamente em dois níveis: no mental ou psíquico, e no físico ou somático. [...] Trata-se de uma tese fundamental à bioenergética a que adotamos de Reich: todos os processos biológicos, sem exceção, são caracterizados pela antítese e pela unidade. A dualidade e a unidade integram-se em conceitos dialéticos (Lowen, 1975/1982, p. 124).

A partir dessa perspectiva, todos os processos biológicos que envolvem o âmbito mental e o corporal implicam aspectos diferentes, porém interligados. O autor se utiliza dessa complexa afirmação para explicar sua concepção sobre a dialética, encontrada nos processos energéticos entre o ego e o corpo, demonstrando-a com a figura a seguir:

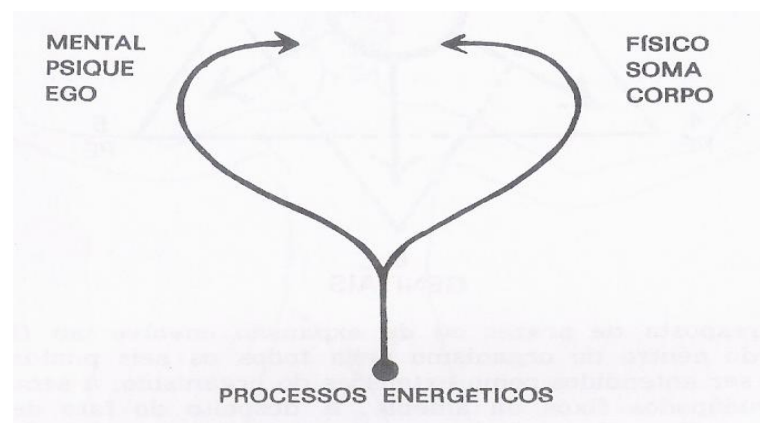


Figura 6 – Diagrama dos processos energéticos em dois níveis.

Fonte: Lowen (1975/1982, p. 124).

A imagem representa a dualidade (soma/psique; físico/mental; ego/corpo) e a unidade (processos energéticos), integradas, segundo Lowen (1975/1982), em conceitos dialéticos e mediadas pelos processos energéticos. Compreende-se, com isso, que os processos energéticos perpassam o indivíduo em uma unidade funcional entre soma e psique, que são instâncias diferentes, contudo, integradas ao exercerem influência mútua uma sobre a outra.

Para Lowen (1958/1977), o correspondente do ego na esfera física é a musculatura voluntária do indivíduo. Essa função assumida pela musculatura marca a diferença das teorias de Lowen e Reich para as outras teorias sobre o ego.

No livro *Narcisismo: negação do verdadeiro 'self'*, Lowen (1983/1988) faz uma relação entre ego e “self”, diferenciando os dois conceitos. Enquanto o primeiro se refere à consciência, o segundo é definido como o aspecto sensível do corpo. “A maior parte do self consiste no corpo e nas suas funções, a maior parte das quais operam abaixo do nível da consciência.” (Lowen, 1983/1988, p. 39). Nesse sentido, o “self” expressa a verdadeira realidade da pessoa, o que, para Lowen (1972/1983), é a realidade do corpo. Percebe-se que a diferença entre os conceitos de “ego” e “self” se associa à visão dicotômica acerca da relação entre razão e emoção, respectivamente. No capítulo 3, o assunto será aprofundado quando forem abordados os conceitos de saúde, ego e consciência de si e do corpo.

Como já dito, a maior contribuição de Reich, e, posteriormente, de Lowen, para os estudos analíticos, é a construção de um estudo do caráter a partir dos aspectos psicocorporais. A compreensão da relação entre o corpo e o ego – este considerado nas teorias analíticas como uma instância psíquica – introduz a construção de uma “caracterologia” enquanto um estudo sobre os padrões de defesas assumidos pelos indivíduos. “Para podermos compreender a formação do caráter, devemos saber da existência de um processo dialético ativo envolvendo o ego e o corpo. A imagem egóica molda o corpo por meio do controle exercido pelo ego, sobre os músculos voluntários.” (Lowen, 1975/1982, p. 125).

Portanto, o ego, na perspectiva de Lowen (1958/1977), é semelhante ao conceito de Freud, mas traz a inserção do corpo. É tido como uma estrutura que se encontra na superfície do sistema psíquico, na fronteira dos conflitos entre as demandas profundas do id e os ideais do superego, cristalizados na estrutura muscular, estando além do controle consciente. O ego funciona como uma força que integra e organiza os conflitos entre as diferentes demandas que atuam sobre o indivíduo e sobre o seu corpo.

Em suma, na concepção de Lowen (1975/1982), o ego atua como elemento sintetizador de um processo dialético envolvendo o mundo interior e o mundo externo, sendo

o representante da realidade. O principal ponto a ser destacado é que todos os processos que ocorrem na esfera psíquica também ocorrem na esfera corporal.

O padrão de tensão muscular determina a expressão do indivíduo e esta expressão está relacionada à estrutura de seu caráter [...] mente e corpo estão sendo dualisticamente considerados. Cada um é abordado como uma entidade separada que equivale e interage com a outra. Cada ação é vista como ocorrendo em dois níveis – somático e psíquico – ao mesmo tempo. Pode-se relacionar a organização dos processos mentais com a correspondente organização dos processos corporais. Os conceitos de ego, id e superego têm seus perfeitos correspondentes na esfera somática (Lowen, 1958/1977, p. 47).

A figura seguinte resume bem essa relação:

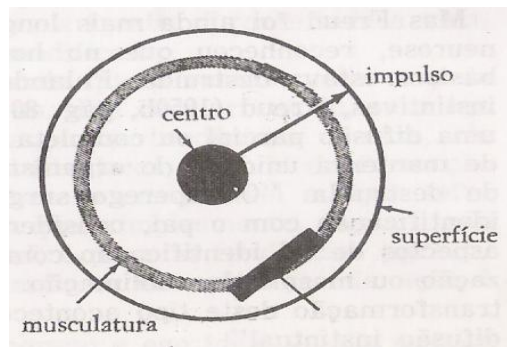


Figura 7 – A personalidade em relação ao id, ego, superego, ego ideal, caráter e a musculatura.

Fonte: Lowen (1958/1977, p. 49).

A figura representa a constituição caracterológica em relação às instâncias id, ego e superego. O centro representa o id e a seta em direção à superfície os seus impulsos. A superfície é retratada por uma linha que separa o indivíduo do mundo externo. O ego atua exatamente nessa superfície, na mediação desses impulsos vindos do centro e das demandas externas. A musculatura é representada pela linha mais grossa e representa o aspecto corporal do ego, um pouco abaixo da superfície. O retângulo negro sobre a musculatura é o correspondente corporal do superego e representa o ponto no qual as forças musculares estão congeladas ou inibidas, onde há uma contração crônica.

Nessa abordagem teórica, o id, o ego e o superego são vistos sob uma nova perspectiva, em que existem como instâncias psíquicas, mas possuem seus correspondentes na esfera corporal. Os processos, nos dois níveis, acontecem mutuamente e, apesar de serem entidades separadas, estão em constante integração.

O ego então funciona como esse elemento sintetizador entre as exigências do id e do mundo externo, que possui seu correspondente, na esfera corporal, pelo controle sobre a musculatura voluntária. O ego e a musculatura vão se estruturando a partir da mediação dos conflitos que coexistem sobre eles. Diante dessas forças opostas que se conflitam, há uma estrutura de defesa resultante. Na perspectiva de Lowen, o caráter demonstra ser o elemento estrutural resultante desse conflito entre essas exigências opostas que atuam sobre o ego, ou seja, é o resultado de estruturação do ego/musculatura ao se defenderem do conflito ocasionado pelas diferentes demandas que atuam sobre o corpo/mente do indivíduo.

Dessa forma, pode-se dizer que o caráter se configura como resultado da expressão de duas forças opostas. “O caráter é uma resultante de forças opostas: o impulso do ego e as defesas do ego que também utilizam as energias do ego.” (Lowen, 1977, p. 121). Para se compreender essa complexa afirmação, nota-se que o autor se apropria das ideias de Reich (1933/1998, p. 151) sobre a neurose como um “conflito entre exigências instintivas reprimidas e as forças repressoras do ego”. Desse modo, a mesma energia utilizada para expressar os impulsos rumo ao prazer é também usada para reprimi-los diante da realidade. Esse conflito é o cerne da formação das defesas de caráter.

Nessa perspectiva, o caráter é uma forma de proteger o ego dessas exigências opostas que surgem como perigos internos (demandas profundas do id) e externos (ambiente). A citação de Reich (1933/1998, p. 152) nos auxilia a compreender essa concepção sobre o caráter, que também é apropriada por Lowen: “É em torno do ego que essa couraça se forma, em torno daquela parte da personalidade que se situa na fronteira entre a vida pulsional biofisiológica e o mundo exterior. Por isso a designamos como caráter do ego.”.

Além disso, por ser parte do caráter, o ego não o reconhece como um problema, identificando-se com ele. Esse conflito é a base para a configuração das neuroses, uma vez que as defesas são estruturantes do caráter. “O caráter e sua inscrição corporal-couraça são uma construção defensiva a serviço do ego, correspondendo ao falso self.” (Weigand, 2005, p. 32). Reich (1933/1998, p. 168) explicita bem essa ideia ao falar da relação entre caráter e recalque, no seguinte fragmento:

A necessidade de recalcar exigências pulsionais origina a formação do caráter. Contudo, uma vez que o caráter foi moldado, poupa a necessidade de recalque, absorvendo energias pulsionais – que flutuam livremente no caso dos recalques habituais – na própria formação do caráter [...] Assim, os processos da formação do caráter estão inteiramente de acordo com as tendências do ego para unificar os empenhos do organismo psíquico.

Nesse sentido, o conceito de caráter é muito importante para a compreensão do indivíduo e de suas relações com os próprios desejos e com a realidade externa. A relação entre o ego e o corpo se mostra importante para se pensar o caráter a partir da integração entre corpo e mente.

d) O Papel das Emoções e da Sexualidade na Relação entre Mente e Corpo

Neste ponto do trabalho, é importante, primeiramente, se explicitar o que Lowen compreende por emoções na discussão sobre a relação entre o âmbito corporal e o mental de funcionamento do indivíduo e do caráter que o estrutura. Até aqui, foi possível perceber que Lowen vê todos os processos como ocorrendo nos níveis mentais e corporais, psíquicos e somáticos. Logo, onde se situam as emoções e os sentimentos nessa perspectiva, na qual soma e psique são instâncias distintas, mas se influenciam mutuamente?

Pode haver uma tendência a se tratar a emoção como parte do psiquismo, embora todos saibam que as diferentes emoções são expressas pelo corpo de diversas formas, como pelo rubor da face, pelos olhos arregalados, pelo acelerar dos batimentos cardíacos, entre outros. Entretanto, assim como a discussão entre ego e corpo, as emoções também se situam nos dois níveis, se expressando de forma psicocorporal.

A citação seguinte de Lowen nos indica a sua concepção sobre a emoção:

A palavra “emoção” tem uma conotação de movimento e tem, portanto, um sentido implícito, tanto físico quanto mental. O movimento acontece num nível físico, mas sua percepção ocorre na esfera mental. Um distúrbio emocional envolve ambos os níveis da personalidade. (Lowen, 1972/1983, p. 16).

Portanto, para o autor, a emoção se situa tanto no físico/somático quanto no mental/psíquico, perpassando a estruturação e a expressão do caráter. Em alguns momentos, Lowen (1967/1979) demonstra tratar a emoção como se fosse um terceiro nível. No entanto, ao longo de sua obra, percebe-se que as emoções perpassam os níveis mental e físico e se interligam em uma relação integrada, o que vai de encontro com a tese fundamental defendida pelo autor de uma integração psicocorporal. Foi necessário apresentar essa concepção para delimitar claramente o campo mental, físico e emocional quando se trata do caráter.

Na discussão sobre as emoções, a relação entre sexualidade e amor também aparenta ser uma categoria importante para se compreender a noção de integração entre corpo/mente em Lowen. Ressalta-se a marcante diferença entre ele e seus precursores, principalmente no

que se refere à ênfase que Freud e Reich atribuem aos aspectos sexuais e à concepção ampla de sexualidade que possuem. Por outro lado, Lowen atribui grande importância ao papel do amor, trabalhando o conceito na esfera das emoções e como parte da sexualidade. Além disso, realiza uma maior diferenciação entre sexo e amor, apesar de defender a necessidade de integração entre ambos na constituição da sexualidade do indivíduo.

Na verdade, é importante ressaltar que a concepção de sexualidade presente em Freud e em Reich se mostra muito mais ampla do que a noção apresentada por Lowen. Nota-se que esse último discute a sexualidade em termos do ato sexual, enquanto seus precursores ampliam o conceito de sexualidade para todos os aspectos de investimento libidinal por parte do ego. Como já discutido em tópico anterior, a energia é considerada por Lowen em seu sentido amplo, mas seus precursores diferenciam a energia libidinal, em termos sexuais, da utilizada para os processos gerais de sustentação do organismo.

Freud apresentou a libido como “uma força biológica indefinida” (Nascimento, 2012, p. 27). Reich (1995), apropriando-se desse conhecimento, se preocupou em comprovar a realidade física dessa libido, o que o levou a formular sua teoria da potência orgástica e a elaborar a fórmula do orgasmo.

Reich (1995) sistematizou uma teoria sobre a função do orgasmo e as variações existentes a partir dos conflitos vivenciados pelas pessoas. A questão caracterológica se relaciona com a potência orgástica, uma vez que a sexualidade mostra as defesas assumidas por cada indivíduo. Dessa forma, as diferentes curvas orgásticas existentes indicam as diferentes formas de se vivenciar a sexualidade e de obter/negar o prazer.

Lowen não enfatiza o conceito de potência orgástica e nem se apega muito às questões sexuais que envolvem as estruturas de caráter. A maior valorização das defesas pré-genitais é o principal fator que pode explicar esse distanciamento. Isso pode se dar também em razão do afastamento das ideias de Reich, pela própria rejeição que seu precursor vivenciava naquele período. Além disso, pode ser explicado por sua própria história de vida, em que o sexo não assumiu função muito importante, como já explicitado no capítulo 1. O autor acredita no amor como elemento que une as duas instâncias, mente e corpo, no processo de vivência de uma sexualidade plena e saudável. Sua concepção está expressa no seguinte trecho:

Conquanto possa ser extremamente válida a ideia da unidade mente-corpo, é não obstante geralmente ignorada na prática analítica. Na ausência desse conceito, na falta de uma abordagem que considere holisticamente a pessoa, vendo tanto sua dimensão física quanto sua dimensão mental, os problemas emocionais de pacientes neuróticos continuarão insolúveis. Da mesma forma, qualquer

perspectiva sobre o sexo que ignore seu relacionamento com o amor mostrar-se-á estéril e insatisfatória. (Lowen, 1972/1983, p. 35).

A ênfase no conceito de amor se expressa, inclusive, pelos títulos dos principais livros nos quais o autor trabalha a temática da sexualidade, sendo eles *Amor e orgasmo* e *Amor, sexo e o seu coração*. Em Freud (1905/1987) e Reich (1995), percebe-se que a sexualidade abrange o amor, mas, em Lowen, isso está bem diferenciado e demarcado.

Outra diferença importante é a característica prática e normativa de Lowen em relação ao sexo e ao amor. Notamos, em seus escritos (Lowen, 1965/1978, 1988/1990), que ele acredita que só há uma vivência plena da sexualidade quando amor e sexo se unem em um relacionamento estável, maduro, monogâmico e heterossexual. Por sua história de vida, percebemos alguns aspectos que podem tê-lo levado a essa concepção, como, por exemplo, suas experiências frustrantes e repressoras em relação à vida sexual.

Entendemos que o caráter, na perspectiva do autor, indica a forma como a sexualidade se desenvolve e é vivenciada pelo indivíduo por meio do amor. Contudo, o que a relação entre o sexo e o amor tem a ver com o caráter na perspectiva de Lowen? Na concepção do autor, a forma como cada pessoa vivencia sua sexualidade e o amor, e a maneira como a energia flui pelo coração e órgãos genitais, influencia e, ao mesmo tempo, é influenciada pela constituição caracterológica do indivíduo. Isso significa que a integração entre ambos ocorre em maior ou menor grau, de acordo com a organização das defesas do indivíduo, o que se relaciona com o fluxo energético pelo corpo e pelo psíquico e com a configuração egoica do indivíduo.

O conceito de *grounding* também é muito importante para se compreender essa ligação. O autor afirma que sem *grounding* não há contato com os sentimentos e nem com a própria sexualidade. “Quando um indivíduo não está embasado (*grounded*), seu comportamento sexual também não estará, ou seja, estará dissociado da sensibilidade no resto do corpo.” (Lowen, 1995/1977, p. 36).

O caráter é a expressão de como o indivíduo se configura no mundo e como aprendeu a vivenciar seus sentimentos e sua sexualidade. Ao mesmo tempo em que Lowen (1958/1977, 1965/1978, 1975/1982) realiza uma naturalização de certas condições quando associa a sexualidade e o amor às experiências individuais do desenvolvimento infantil, contribui ao trazer os aspectos culturais e sociais para as suas discussões. A sexualidade e o amor são marcados por uma influência cultural que diz respeito às formas de se relacionar que se espera dos indivíduos que vivem em sociedade. Esses aspectos se mostram também como uma categoria importante para se pensar o caráter e serão discutidos no tópico seguinte.

e) O Caráter em Relação ao Contexto Sociocultural

Se o caráter se forma a partir da tentativa do ego de mediar os conflitos entre a realidade interna e externa, podemos nos questionar sobre a natureza dessa última. Vimos, em tópico anterior, que o desenvolvimento infantil é um elemento fundamental na construção do caráter e a forma com que a pessoa é criada e cuidada orienta os rumos da estruturação do indivíduo. Entretanto, para além desses aspectos, é importante lembrar que os cuidadores e o ambiente familiar do indivíduo estão imersos em um sistema social, cultural, político e econômico que não pode ser ignorado.

O autor não faz uma distinção muito clara entre cultura e sociedade, colocando ambas no mesmo patamar de influência sobre o indivíduo. Apesar de ser possível perceber uma tendência nos discursos de Lowen a naturalizar os padrões humanos, é inegável a tentativa que ele faz, em todo o momento, de ampliar a discussão para os aspectos socioculturais. Porém, é importante lembrar que essa contribuição não se trata de uma especificidade de Lowen, já que o autor se fundamentou também nas contribuições de Reich – que discutiu a fundo os aspectos políticos e sociais da sociedade – e em um resgate às bases freudianas que associavam os aspectos culturais da sociedade aos conflitos da subjetividade humana.

Freud (1930/1987) apontou a importância da renúncia aos instintos como base para a sobrevivência em sociedade, sendo o ego construído a partir da tentativa de mediação desses conflitos entre a realidade interna e as exigências da sociedade. A construção cultural se mostra como um elemento decisivo nas formas de estruturação dos indivíduos, já que nem todas as sociedades possuem indivíduos iguais. Existem peculiaridades da cultura que tornam as pessoas mais ou menos propensas a desenvolverem determinados tipos de conflito. Contudo, o conflito se mostra, em todo tipo de civilização, como pré-condição na concepção desse autor.

Reich (1995, 1933/1998) discutiu amplamente a função da cultura na formação das corações, principalmente no que se refere à educação e à repressão cultural. Os aspectos sexuais e libidinais são enfatizados por Freud e Reich, de formas diferentes, tendo o segundo direcionado mais para os aspectos corporais e energéticos. Embora os dois autores tenham similaridades teóricas, segundo Albertini (2003), há uma importante divergência entre eles no que se refere aos aspectos culturais. Para Freud, a repressão dos instintos sexuais é elemento essencial para o processo civilizatório. Caso contrário, a energia não poderia ser deslocada para fins construtivos à sociedade. Nessa perspectiva, a educação caminha no sentido de

acompanhar a situação social, não exercendo tamanha importância no processo sublimatório. Por outro lado, em Reich a energia sexual bem orientada e direcionada gera satisfação sexual, o que permite condições favoráveis à formação de uma cultura saudável. Ademais, para ele, a educação adquire função ainda mais importante na formação de condições culturais favoráveis. Podemos compreender melhor essa ideia na seguinte citação:

Numa completa inversão da equação freudiana, para Reich, a vivência sexual orgástica geraria as melhores condições para a ocorrência de sublimações e, portanto, de cultura no seu sentido mais desenvolvido [...] Assim, pode-se afirmar que o autor substitui a tese freudiana da “sexualidade ou cultura” pela da “sexualidade e cultura” (Albertini, 2003, p. 77).

Para Lowen, o caráter, como resultado do processo de mediação egoica e do processo energético ao longo do desenvolvimento infantil, tem na cultura e na sociedade as bases da realidade que sustentam o direcionamento das necessidades e o contexto que permeia a constituição do indivíduo. Por outro lado, Lowen não enfatiza tanto os aspectos sexuais nessa constituição e analisa a cultura sob um ponto de vista mais objetivo e pragmático. Inclusive, é possível afirmar que Lowen faz uma análise mais simples da sociedade em relação às análises mais complexas de seus precursores, trazendo à tona elementos populares de discussão, como o aumento dos índices de depressão na sociedade contemporânea, a existência de uma sociedade cada vez mais marcada pela autocobrança e competitividade, entre outras.

Lowen dilui, ao longo da sua obra, as discussões sobre o papel da cultura e da sociedade na estruturação do ego e na forma como a pessoa se posiciona diante da realidade, ou seja, a maneira como estrutura o caráter. Apresenta, por exemplo, uma discussão densa sobre a imagem e a ilusão (Lowen, 1972/1983), definindo claramente a importância das questões sociais no distanciamento entre ego e corpo pelos indivíduos, como percebemos a seguir:

Na verdade, quando uma pessoa tem de projetar a imagem de ser “alguém”, isso indica que no seu íntimo se sente como um “ninguém”. Este sentimento é resultante da dissociação entre o ego e o corpo. A pessoa que se identifica com seu ego e nega a importância do corpo, que é equivalente à sensação de si mesmo como um “ninguém”, força a pessoa a substituir a realidade do corpo por uma imagem baseada numa posição social, política ou econômica (Lowen, 1972/1983, p. 26).

Nesse trecho, notamos que as exigências da sociedade fazem com que a pessoa se identifique com a necessidade egoica de adaptação social e se esqueça das necessidades de

seu próprio corpo, tidas pelo autor como a única realidade válida (Lowen, 1972/1983). Para ele, a única realidade é a do corpo e a sua negação implica em ilusão e falta de fé na realidade e na vida. Essa dissociação, para o autor, é comum na cultura moderna, em que as pessoas são levadas a se identificarem com a imagem e com o que se espera delas, e não com sua própria realidade.

Nesse sentido, a cultura ocidental molda os indivíduos para desenvolverem o ego de forma que ele possa assumir um controle sobre o corpo, evitando entrar em contato com sentimentos negativos e com a própria realidade diante das situações frustrantes da vida (Lowen, 1980/1986).

Quando Lowen (1988) discute sobre a sexualidade humana, apresenta claramente sua concepção de que a sociedade não contribui para uma vivência integrativa da sexualidade em seus aspectos psicocorporais. Para o autor, a sociedade e a cultura contribuem para uma dissociação entre corpo e mente, que, inclusive, marcou sua vida, como vimos em seu percurso biográfico. Podemos perceber essa concepção na citação a seguir:

Em termos gerais, sexo e amor são duas modalidades diferentes de manifestar um desejo unitário de proximidade e intimidade. Elas se tornaram valores opostos e conflitantes sob a influência de uma cultura que considera a modalidade física degradante, e a espiritual, elogiável. Essa é a cultura que também reparte a unidade do ser em corpo e mente, dotando de um valor mais elevado esta última e inferiorizando o primeiro (Lowen, 1988, p. 35).

Na obra de Lowen, há uma influência direta da cultura sobre a estruturação dos indivíduos. Mas de que forma a cultura influencia o caráter e vice-versa? Uma vez que vimos anteriormente que o caráter aparece como resultante do conflito egoico entre as demandas internas e as da sociedade, então a influência cultural exercerá pressão como uma demanda externa. No entanto, até que ponto essa pressão molda o caráter na concepção do autor?

Quando Lowen discute aspectos políticos e religiosos de influência sobre os indivíduos, demonstra ter uma concepção sobre o caráter centrada no indivíduo. O trecho a seguir nos mostra como é pensada essa questão:

Sociedade é uma entidade vaga, não tem um poder real. O que acontece é que as responsabilidades de todas as nossas falhas pessoais e sociais são transferidas para o governo. É difícil perceber como o governo poderia suplantiar nossas reações depressivas, curar nossas tendências esquizoides, proteger-nos contra a ansiedade e assim por diante. [...] É uma ilusão acreditar que tudo o que o governo tem a fazer é fornecer mais dinheiro e todos os nossos problemas sociais estarão sanados. Estas ilusões caracterizam a pessoa direcionada para o exterior. [...] Uma combinação de fé

e responsabilidade pessoal está no âmago de todo sistema religioso. [...] Fé e convicção formam um todo integrado [...] As pessoas que possuem esta combinação têm uma tendência à depressão bastante reduzida (Lowen, 1972/1983, p. 31).

Escolhemos transcrever esse trecho por ele demonstrar os aspectos internos e externos ao indivíduo na relação com o caráter. O autor considera os fatores culturais, sociais, políticos e econômicos, mas acaba tendo uma visão mais individualista da condição caracterológica. O indivíduo, nessa perspectiva, é responsável por suas próprias formas de inserção e reação perante a sociedade.

Lowen (1983/1988) discute a loucura da sociedade, se questionando se ela é inerente ao estado da cultura ou se diz de uma dificuldade de adaptação social. Coloca a segunda ideia em questão ao discutir o narcisismo como uma patologia, na qual a adaptação social se mostra perfeita.

Os narcisistas estão perfeitamente adaptados ao mundo em que vivemos; adotam seus valores, circulam de acordo com seus padrões em constante mudança e sentem-se à vontade em sua superficialidade [...] o esquizofrênico não pode se adaptar ao seu meio ambiente ao passo que o narcisista pode (Lowen, 1983/1988, pp. 191-192).

Nessa citação, podemos perceber que ele acaba, mais uma vez, naturalizando as condições. Coloca a cultura como algo amplo e enquadra os indivíduos em tipos adaptáveis ou não. No entanto, ao mesmo tempo, defende a ideia de que não é exatamente “são” se adaptar a uma sociedade exigente, competitiva e que forma indivíduos defendidos. Para Lowen (1980/1986), o caráter se apresenta como uma defesa contra uma sociedade conflituosa, contra uma cultura que se contradiz aos desejos. Acredita que os ideais da cultura são ilusórios e voltados para a imagem e que a realidade interna é muitas vezes ignorada.

Lowen (1980/1986) crê que há uma condição problemática no homem moderno, que cada vez mais busca se estabelecer e se encontrar neuroticamente na vida. O autor apresenta sua dificuldade e sua concepção sobre a importância da cultura na compreensão desse indivíduo na citação a seguir:

[...] tem sido necessário um esforço contínuo na compreensão do caráter neurótico do homem moderno, tanto da perspectiva cultural quanto individual. Meu enfoque foi e continua sendo a pessoa e sua luta para encontrar algum significado e alguma satisfação em sua vida; em outras palavras, a pessoa em sua luta contra seu destino. No entanto, como pano de fundo desta luta situa-se o

contorno cultural. Sem conhecimento dos processos culturais, não podemos compreender a profundidade do problema (Lowen, 1980/1986, p. 17).

A importância de se considerar os aspectos culturais está evidente no trecho apresentado. Nesse ponto, começamos a ver o caráter como uma formação cultural e também como resultado de um processo de luta do ego em conflito. Inclusive, o autor considera o desenvolvimento do ego como um processo cultural em si. “O processo cultural que deu origem à sociedade moderna e ao homem moderno foi o desenvolvimento do ego” (Lowen, 1980/1986, p. 17). Aqui, o autor estabelece uma relação entre o ego e o corpo a partir de uma analogia com a relação entre o conhecimento e a conquista da natureza. Para ele, o ego é um produto cultural que vai contra a natureza do corpo, em uma relação de tensão.

A antítese entre ego e corpo produz uma tensão dinâmica que propicia o amadurecimento da cultura, mas também comporta um potencial destrutivo [...] Quando o ego e o corpo distanciam-se a ponto de não haver contato entre eles, o resultado é uma cisão psicótica. Acredito que tenhamos atingido este ponto de perigo em nossa cultura (Lowen, 1980/1986, pp. 17-18).

A concepção de ego e cultura de Lowen se aproxima das de Freud, embora traga a importância do corpo nessa relação, como Reich acreditava. Por exemplo, Lowen (1980/1986) se utiliza da concepção de superego trazida por seus precursores, apesar de admitir a objetivação dessa instância como tensões musculares crônicas. Para ele, as exigências culturais e familiares internalizadas se expressam sob a forma de tensões que se cristalizam no corpo do indivíduo, se tornam rígidas e agregadas ao caráter enquanto expressão resultante desses conflitos.

Nos tópicos deste capítulo, falamos sobre os conceitos mais importantes na teoria de Alexander Lowen e os descrevemos pela importância que possuem na compreensão de como se dá a relação entre corpo e mente para essa abordagem e pela relação com o conceito de caráter. Podemos sintetizar o que encontramos da seguinte forma: as defesas de caráter se formam ao longo da infância e mostram como essa energia flui no corpo diante dos pontos de tensão que se formaram ao longo do desenvolvimento infantil, tanto no aspecto corporal quanto psicológico. O caráter também demonstra como o ego, na relação com o corpo, se defendeu e continua se defendendo dos conflitos advindos das exigências do id e da realidade externa. As emoções, a sexualidade e o amor são relevantes para se pensar esses fatores internos que permeiam o conflito egoico. Da mesma forma, vimos que podemos compreender a natureza da realidade externa por uma análise social e cultural e que a formação do caráter

se dá pelo conflito entre as diferentes demandas, que se interligam e se influenciam mutuamente, mediadas pela cultura e pelos processos sociais. Portanto, podemos concluir que, ao analisarmos a relação entre corpo e mente na abordagem de Lowen, notamos que o caráter é o elemento que une essas duas instâncias, conforme discutido anteriormente.

Capítulo 3 – Saúde e Adoecimento Corporal na Perspectiva da Análise Bioenergética de Alexander Lowen

O presente capítulo é dedicado à discussão sobre como se constrói o conceito de adoecimento corporal para Lowen. Busca-se delinear as concepções de adoecimento que o autor apresenta e como elas são influenciadas por sua visão sobre a integração entre corpo e mente.

Lowen não se dedica à temática específica do adoecimento corporal, o que parece contraditório para um autor que se formou em Medicina e que tem o corpo como foco de seus estudos. Apesar disso, ele enfatiza o conceito de saúde, apresentando uma discussão ampla sobre a temática.

Para compreender melhor o adoecimento corporal para Lowen, busca-se traçar os aspectos que compõem a sua concepção de saúde. Assim como discutido no capítulo 1, essa concepção também não é isolada do contexto histórico em que desenvolveu suas teorias. A citação seguinte reforça essa afirmação:

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. O mesmo, aliás, pode ser dito das doenças (Scliar, 2007, p. 30).

Utilizamos esse fragmento para demonstrar que a concepção de saúde é ampla e influenciada por todas as variáveis exemplificadas. As teorias de Lowen se constroem e se desenvolvem juntamente com as intensas mudanças de paradigmas que marcaram o período em que produziu sua obra.

Há um dado histórico importante que diferencia o período de produção de Lowen e o de seus precursores. No século XX, no período pós-guerra, a concepção de saúde se modifica. Devido à nova formulação da Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1946, a saúde deixa de ser definida como ausência de doença e passa a ser definida como um completo bem-estar físico, mental e social. A produção de Freud e de Reich se deu no período em que a saúde ainda era tratada em sua relação de antítese com a doença. Já Lowen iniciou sua produção no período em que essa relação já era diferente, o que determinou os rumos de seus escritos sobre o tema.

Entretanto, muitas vezes a doença ainda é tratada por sua relação antitética com a saúde, ou seja, uma associação do conceito de saúde a um estado de “não doença”. Nos escritos de Lowen também se percebe esse movimento, principalmente no começo de sua produção. Isso significa que há uma condição, determinada pelo autor, do que é considerado como “saudável”; o que foge a esse padrão é tido como patológico. Por isso, não é possível discutir sobre doença sem debater sobre saúde e vice-versa.

São apenas quatro os textos que abordam mais especificamente o tema do adoecimento corporal: a obra *Amor, sexo e o seu coração* (1988/1990); *Estrés y Enfermedad* (1980);⁸ *Uma vida para o corpo* (2004/2007), apresentando um capítulo intitulado “O corpo me ensina: doença psicossomática”; e um capítulo do livro *Bioenergética* (1975/1982), intitulado “Problemas dos olhos e dores de cabeça”. Embora sejam poucos textos em relação à extensão de sua obra, discussões sobre o adoecimento podem ser encontradas diluídas ao longo de seus escritos.

Foram encontradas duas definições principais de adoecimento corporal para o autor: uma delas envolve a ideia de que toda doença é psicossomática, no sentido de envolver tanto aspectos do psiquismo quanto aspectos somáticos, uma vez que ambos estão em constante integração (Lowen, 1980, 2004/2007). Portanto, nessa primeira perspectiva, o adoecimento corporal pode ser definido como qualquer alteração psicocorporal que se expresse por um sintoma físico, orgânico, mesmo que tenha suas bases também no nível psíquico. A outra definição envolve a relação entre o adoecimento corporal e a reação do corpo a algum trauma (Lowen, 1975/1982, 1980, 1988/1990). Nessa perspectiva, o adoecimento corporal pode ser definido como uma tentativa extrema do organismo de se autorregular devido a uma falha em seu sistema de defesas.

O adoecimento corporal se refere ao que pode ser observado e identificado pelo corpo. Apesar de o conceito ser importante na compreensão dos objetivos desta pesquisa por parte do leitor, na teoria de Lowen o corpo e a mente devem ser considerados integrados, ou seja, o adoecimento corporal está ligado ao adoecimento mental e vice-versa (Lowen, 1972/1983). Este demonstra ser o ponto mais controverso de sua teoria sobre o adoecimento, pois as definições de adoecimento mental e corporal se mesclam em alguns momentos (Lowen, 1970/1990), mas se diferenciam em outros (Lowen, 1980). Percebe-se que essa diferença se dá, principalmente, na forma como a doença se expressa, se é pelo físico ou pelo mental,

⁸ Tradução do texto *Stress and illness: a bioenergetic view*, que faz parte de uma coletânea de artigos de Lowen sob o título *The voice of the body* (2005).

mesmo que tenha as bases psicocorporais. Entretanto, quanto se trata de saúde, é determinante a visão de Lowen de que há uma integração entre as definições de saúde mental e corporal.

Da mesma forma que o caráter se mostra como ponto de articulação entre corpo e mente, a integração entre essas duas instâncias é base para se pensar as relações entre saúde e doença, uma vez que se influenciam mutuamente no processo de adoecimento. A saúde mental e a física são dependentes, já que uma não ocorre sem a outra. “A pessoa não pode estar mentalmente sadia e fisicamente doente ou vice-versa.” (Lowen, 1970/1990, p. 137).

É importante considerar que a própria constituição do caráter é, em si, patológica, na perspectiva de Lowen (1958/1977). Há uma íntima ligação entre o conceito de caráter e o conceito de “não saúde” para o autor. O caráter se mostra como a resultante de um acordo feito pelo ego para suportar o conflito diante de exigências opostas, como já explicado. De certo modo, esse acordo salvou o indivíduo em determinado contexto de seu desenvolvimento na infância. Porém, muitas vezes se mantém em uma situação que não mais convém, pois se torna crônico e acompanha o indivíduo em todas as situações. Ao mesmo tempo em que o defende de certos sofrimentos e de muitas situações estressoras, o caráter geralmente o priva de obter prazer, pois se defende de qualquer possibilidade que ofereça riscos. Em toda mudança há riscos e, ao mesmo tempo em que se evitam riscos de sofrimento, também se evitam possibilidades de alegria e prazer (Lowen, 1970/1990, 1995/1997).

O autor sugere “que limitássemos o conceito de caráter, na terapia analítica, aos estados patológicos. A saúde deve ser identificada como a ausência de um modo típico de comportamento [...] A saúde é um estado fluido em oposição à neurose, que é uma condição estruturada.” (Lowen, 1958/1977, p. 136). Nessa citação, percebemos a relação entre caráter e o conceito de “não saúde” de Lowen. No início de sua obra, o autor apresenta as estruturas como formações patológicas que o indivíduo assume diante das dificuldades da realidade, porque aquela condição se torna rígida e o limita a exercer sua autonomia e criatividade.

Por outro lado, apesar de haver essa visão patológica, é impossível um indivíduo que não assuma uma posição defensiva em termos de caráter. Ao longo de sua obra, notamos que o autor assume uma visão menos radical, defendendo que a saúde deva ser considerada como um estado no qual as defesas se tornam mais flexíveis, ou seja, um estado em que o indivíduo tenha consciência de seus padrões defensivos e consiga utilizar sua estrutura a seu favor.

Inclusive, a ideia de estruturas indica uma condição mais patológica ainda, por ser algo estático e determinado. Ao longo da obra de Lowen, percebemos um movimento de substituição da ideia de estruturas pela de defesas. Essa última noção se torna mais coerente

porque indica a presença de traços constitutivos do caráter, que se combinam e se modificam ao longo da vida do indivíduo.

É importante lembrar que estamos falando das doenças que afetam o corpo em suas mais variadas formas e nas quais podemos identificar padrões psicológicos que acompanham os aspectos físicos. Na atualidade, é comum atribuir causalidade psicológica para doenças cujas origens não conseguem ser identificadas, como já discutido (Donice, 2007). Da mesma forma, é comum encontrarmos definições de doenças como tendo origem na hereditariedade, ou seja, em genes adquiridos dos pais (Pedreira & Cerqueira, 1984).

Na perspectiva de Lowen, a hereditariedade não é considerada em termos de uma base genética que origina as doenças. Acreditamos que o autor não desconsidera esse fator, porém, percebe-se que as influências emocionais se misturam com as genéticas. Isso ocorre porque, nos casos em que os filhos são criados por seus pais biológicos, os mesmos pais que fornecem os genes também propiciam a base emocional. Além disso, para essa teoria, o caráter começa a se formar desde a fase pré-natal, conforme vemos no capítulo seguinte. Desse modo, a construção das emoções é muito associada aos pais. “Devemos começar assumindo que, na concepção, o organismo é uma unidade. Isto significa que eliminamos a hereditariedade como fator de peso para a etiologia da doença-emocional.” (Lowen, 1958/1977, p. 330). Essa citação diz respeito à doença em termos emocionais. Entretanto, nessa perspectiva, a mesma ideia pode ser aplicada às doenças orgânicas, visto que corpo e emoções estão intimamente relacionados.

Podemos questionar se há ou não uma anterioridade do corpo sobre a mente ou da mente sobre o corpo. Em alguns momentos, observamos que alguns autores da Análise Bioenergética e o próprio Lowen estabelecem uma relação de anterioridade dos processos psíquicos sobre o corpo, o que faz com que o tema se torne controverso. Isso ocorre principalmente em relação ao desenvolvimento do caráter. No entanto, discutimos, no capítulo anterior, que o caráter é o ponto no qual a psicologia e a biologia se unem e expressam a relação concomitante de desenvolvimento do corpo e do psicológico. Entendemos, por nossa análise, que as sensações são vivenciadas pelo organismo desde sua concepção, tanto no âmbito corporal quanto psíquico. As marcas deixadas pelas experiências se expressam por meio de um caráter que constitui a personalidade e de um que se mostra no corpo e na musculatura, demonstrando, objetivamente, a forma com que o indivíduo enfrenta a vida e as situações desafiadoras.

No que diz respeito ao adoecimento, essa integração mantém o mesmo processo. A relação entre estruturas de caráter e o adoecimento aparece na literatura (Lowen, 1980), de

forma que o caráter se mostra com um papel fundamental na constituição e no desenvolvimento das patologias. Alguns autores criticam essa posição, questionando os limites do diagnóstico corporal (Cipullo, 2002).

A formulação psicodiagnóstica carátero-analítica é concebida ainda em termos de um discurso médico que procura definir modelos de doença e saúde. Tal pretensão incorre no risco de determinar padrões saudáveis e doentes de sujeito, bem como de reduzir o psicodiagnóstico a um mero arranjo de sintomas ou traços. A causalidade presente nas premissas da análise-caracterológica [...] pode contribuir para uma redução da experiência subjetiva assim como formatá-la em quadros nosológicos (Cipullo, 2002, p. 77).

Por outro lado, não se pode desconsiderar a importância do diagnóstico de caráter na compreensão do corpo e como contribuição para as abordagens corporais. Além disso, em diversos momentos foi possível perceber o cuidado de Lowen para não limitar os indivíduos ao caráter e à apresentação de conceitos amplos que definem sua concepção de saúde.

Por ser um conceito tão amplo, como delinear a concepção de saúde para o autor? Lowen (1975/1982) define algumas concepções em relação ao que é um estado de saúde. Por exemplo, a respiração é considerada um elemento decisivo do indivíduo saudável. O autor delimita como boa respiração aquela que consegue levar energia a todo o corpo, passando pelo peito e abdômen e com um ritmo adequado. Um dos objetivos do processo terapêutico, nessa abordagem, é conduzir o indivíduo a uma respiração mais fluida e natural.

Outro fator decisivo para a saúde são as dissoluções das tensões que se instauram no corpo e na mente. “A saúde física da pessoa e a saúde emocional sofrem um efeito adverso da tensão. Dado que vivemos numa época extremamente tensionante, devemos aprender como resguardar nossos corpos e nossas mentes dos efeitos prejudiciais desta tensão” (Lowen, 1975/1982, p. 209). O autor define a tensão como um bloqueio do livre fluxo energético, expressa pelos nódulos musculares e conflitos psíquicos advindos do stress. Dessa forma, outro objetivo do processo terapêutico, na abordagem da Análise Bioenergética, é aliviar as tensões psicocorporais.

Em seus escritos, percebemos como o conceito de doença está ligado às tensões que se cronificam, as quais se expressam tanto nas tensões musculares quanto em bloqueios na expressão emocional. Apesar de possuir uma teoria própria, os fundamentos para que o autor possa pensar a saúde e a doença não deixam de partir de seus precursores.

Freud (1895/1987) delimita a histeria a partir da apresentação de um adoecimento corporal que não pode ser explicado do ponto de vista médico, por se tratar de um problema

de ordem psíquica. Assim, abre um caminho inexplorado até então ao tratar as enfermidades psiquiátricas sob um ponto de vista psicológico e humano, não se restringindo aos aspectos orgânicos e genéticos geralmente atribuídos às doenças.

Reich, ao estudar extensamente o corpo e suas tensões musculares, introduz o conceito de couraças, que representam as tensões originadas por traumas ao longo do desenvolvimento do indivíduo, como já explicitado no capítulo anterior. A partir dessa concepção, inicia um processo de analisar as tensões existentes por trás das doenças que se apresentam como resultado para o indivíduo e estuda os processos energéticos e a carga energética nos indivíduos, bem como a maneira com que eles estão ligados à vitalidade. Desse modo, desenvolve os estudos sobre a potência orgástica, definindo uma forma saudável na qual a sexualidade deveria funcionar e como suas variações podem levar às patologias (Reich, 1985, 1995, 1933/1998).

Segundo Trotta (2008, p. 2), “a descoberta do fenômeno do encouraçamento permite uma nova compreensão do mecanismo de produção de doenças orgânicas”. Essa contração muscular, de acordo com Nascimento (2012), se cronifica, a partir de processos biopáticos, vulnerabilizando o paciente para o desenvolvimento de sintomas. Dessa forma, os músculos, ao se contraírem para enfrentar os sentimentos negativos, como o medo, a ansiedade, dentre outros, entram em um estado de tensão que não é natural ao organismo. A ideia de um corpo adoecido nos mostra que algo nele não está funcionando bem. Isso não é nenhuma novidade, porém, acredita-se, por um lado, que o que não está bem é sempre uma alteração física, e por outro, que o que não está bem é algo do psiquismo. Para a Análise Bioenergética, entretanto, os dois fatores também estão ligados ao adoecimento.

A região do corpo em que a tensão se apresenta também é importante na compreensão do conflito energético.

Cada região do corpo, além de prestar-se a uma determinada função vital, pode também representar uma zona específica de conflito energético entre o psíquico e o somático. Esses conflitos são cargas emocionais relacionadas a acontecimentos vitais do passado, os quais, se mal resolvidos, permanecem e atualizam-se, criando obstáculos à vida (Seguin, Roland & Sampaio, 2004).

O adoecimento está ligado aos conceitos de energia e à relação entre o ego e o corpo, discutidos no capítulo anterior. Ao discutir as tensões, Reich (1995, 1985, 1933/1998) as caracteriza como sendo bloqueios do fluxo natural de energia que aparecem junto às enfermidades orgânicas, ligando-se às defesas adquiridas pelo ego.

A unidade funcional entre soma e psique, que constituiu o paradigma criado por Reich, o diferencia da visão psicanalítica existente até então e de outras abordagens psicoterápicas. Com esse paradigma e esse olhar adotado sobre a totalidade dos indivíduos, a visão do adoecimento segue os mesmos princípios e deixa de ser vista apenas do ponto de vista corporal ou psicológico, passando a ser percebida sob ambos os aspectos. Segundo Nascimento (2012), os sintomas passam a ser entendidos como um fenômeno clínico e observados por meio das defesas carateriais, que se expressam tanto na dimensão psicodinâmica quanto na somática.

Essa ligação que há entre as duas dimensões é necessária para se compreender a doença, instituindo a psicossomática como articulação entre problemas psíquicos e corporais. Reich (1985) critica a visão biologista ou psicologista e classifica a biopatia como um dos tipos de fenômenos psicossomáticos. Define-a como um “trastorno de la función natural de pulsación en la totalidad del organismo” (Reich, 1985, p. 155). O autor diferencia essas patologias de outras, ocasionadas exclusivamente por fatores externos, como fraturas, infecções ou intoxicações, as quais não são consideradas na mesma categoria. Entretanto, a concepção reichiana de psicossomática não se limita às biopatias. A classificação que o autor realiza dos transtornos psicossomáticos é sintetizada por Blanch e Hortelano (2001/2003; 2003, citados por Nascimento, 2012, p. 35).

Hipocondria: focalização da sensibilidade em uma determinada zona do corpo, geralmente erógena, depositárias do terror e sofrimento inomináveis [...];
Somatização: manifestações orgânicas que utilizam a simbolização para expressar-se, resultante de um conflito de ordem psíquica refletido no somático. [...];
Enfermidades funcionais: [...] alteração funcional no organismo mais evidente, com um quadro emocional de fundo caracterizado por ansiedade e/ou depressão, interferindo no sistema neurovegetativo. [...];
Biopatias: grau mais grave de comprometimento orgânico, caracterizado por uma enfermidade global do sistema. [...].

Além dos estudos de Reich, houve autores neorreichianos que se aventuraram no estudo das biopatias, como Navarro (1991), sistematizador das ideias de Reich, que se aprofundou no estudo das biopatias “com etiologia desconhecida”. Esse autor defende a ideia de que a patologia tem sempre três faces: a biológica, a psicológica e a social (Navarro, 1991), demonstrando uma concepção mais ampla do adoecimento e não se restringindo aos aspectos orgânicos.

A concepção de psicossomática para a Análise Bioenergética apresenta congruências e divergências com a concepção reichiana, como mostra Nascimento (2012). Segundo esse autor, Lowen mantém congruência com seu antecessor, especialmente no que diz respeito à unidade funcional psique/corpo e por se utilizar dos conceitos formulados por Reich em relação às configurações caracterológicas. Por outro lado, Lowen não se utiliza da ideia de biopatia de seu antecessor, e sim da teoria do stress de Hans Selye, a qual será explicada e discutida a seguir. Além disso, é importante lembrar que o caráter ganha ênfase em sua leitura, pois o autor acredita que a antítese psique/corpo encontra uma síntese nos processos energéticos que compõem as defesas de caráter (Nascimento, 2012).

Lowen demonstra seu interesse pelas enfermidades psicossomáticas em diferentes textos, inclusive expondo concepções de diferentes autores que trabalham com esse conceito, como Thomas Holmes, Harold Wolfe, Henry Sigerist e o próprio Hans Selye (Lowen, 1980, 1975/1982, 1988/1990, 2004/2007). Entretanto, ele explicita uma visão diferente da psicossomática em relação ao modo com que o termo é utilizado nos dias de hoje (Lowen, 1980). Isso porque, segundo o autor, o termo comumente se refere aos sintomas físicos, cujas origens não são explicadas do ponto de vista médico por não possuírem base orgânica, atribuindo-se a eles causas emocionais. Essa ideia está presente, por exemplo, no pensamento psicanalítico inicial de Freud, assim como nas teorias de Franz Alexander, em que alguns sintomas físicos são desencadeados por motivações emocionais de ordem inconsciente (Cruz & Pereira Junior, 2011; Nascimento, 2008).

Contudo, para a Análise Bioenergética, todas as enfermidades podem ser consideradas psicossomáticas, já que o corpo está em constante integração com o psiquismo e com os aspectos emocionais. Essas instâncias não são separadas como unidades funcionais diferentes, e sim consideradas como uma totalidade. Essa diferença marcante no pensamento de Lowen em relação às concepções vigentes pode ser observada na citação:

Estas son las enfermedades psicossomáticas así llamadas porque no hay un agente etiológico específico únicamente responsable de la enfermedad. En la génesis de estas enfermedades los factores emocionales juegan un papel preponderante. Pero en el sentido amplio todas las enfermedades son psicossomáticas porque las actitudes y sentimientos de una persona influyen tanto en el surgimiento como el curso de la enfermedad (Lowen, 1980, p. 12).

Essa é a primeira definição de adoecimento a que nos referimos no início deste capítulo. De acordo com a citação, os aspectos mentais e psíquicos influenciam na origem e no desenvolvimento das doenças. Portanto, nessa perspectiva, toda doença pode ser

considerada em seus aspectos psicocorporais. Para o autor, mesmo que a enfermidade tenha fundamento orgânico, como, por exemplo, infecções virais ou bacterianas, os aspectos do psiquismo influenciam na vulnerabilidade do indivíduo à infecção e na reação do organismo para combatê-la (Lowen, 1980, 1988/1990).

Com a apresentação dessa concepção, não é nossa intenção criticar as perspectivas que trabalham com a ideia de separação das doenças na psicossomática, e sim delimitar nossa busca ao que é considerado por Lowen como uma das definições de adoecimento.

Tanto na visão de Freud e Reich, como na de Lowen, o adoecimento ganha uma nova perspectiva. Entretanto, com o avanço dos estudos sobre a constituição caracterológica, Lowen (1975/1982, 1980, 1988/1990, 2004/2007) se diferencia de seus precursores ao atribuir uma relação entre as defesas de caráter e o adoecimento do corpo físico. Inicialmente, possui uma visão do adoecimento muito ligada às estruturas de caráter, mas essa relação se torna menos explícita ao longo de suas produções.

O autor discute sua concepção de adoecimento em sua obra *Estrés y enfermedad* (Lowen, 1980). Nesse texto, ele se utiliza da Teoria do Stress, de Hans Selye, para explicar o processo de formação da doença. Em alguns momentos, relaciona esse processo com a constituição caracterológica, embora não o faça de forma sistemática, o que evidencia a tensão existente nessa relação.

Primeiramente, Lowen (1980) diferencia as enfermidades de ordem somática e as de ordem mental. Aqui, parece contradizer-se, uma vez que é possível encontrar outros escritos dele, publicados no mesmo período, que defendem a não separação entre adoecimento físico e mental (Lowen, 1958/1977, 1972/1983, 1975/1982). Além disso, ele defende a ideia de que algumas pessoas são mais propensas a uma ou outra. Apesar da contradição, notamos que a definição de enfermidade mental do autor se refere às doenças expressas por um desequilíbrio psíquico, como a depressão ou a esquizofrenia, e que as enfermidades somáticas se referem às doenças que se expressam no corpo, como as cardiopatias e o câncer.

O adoecimento também está ligado aos conceitos de homeostase do organismo e ao conceito de trauma. Segundo Lowen (1980), o corpo busca uma autorregulação para lidar com situações estressantes; a doença, nessa perspectiva, está ligada a essa tentativa do organismo de atingir a homeostase. Ao discutir sobre o prazer, o autor exemplifica esse processo:

O adiamento dos prazeres corporais exaure as boas sensações da pessoa e esgota suas energias. Mais cedo ou mais tarde o esforço sofre um colapso e o ego, como um balão que subiu muito alto, cai, mergulhando o indivíduo na depressão. Tal acontecendo, a vida é poupada, pois a depressão interrompe a luta

sem sentido, permitindo que o corpo se recupere. [...] Há um limite para a tolerância de estresse pelo corpo. Quando esse limite é ultrapassado, desenvolve-se alguma doença (Lowen, 1970/1990, p. 110).

Esse fragmento traz dados para se pensar em uma nova definição de doença para o autor, em que ela assume uma característica positiva de reestabelecer o equilíbrio do organismo e recuperar a integridade do corpo. A partir dessa perspectiva, pode-se pensar que o organismo não sobreviveria caso esse mecanismo não ocorresse. Apesar de parecer contraditório, a teoria do stress e o conceito de trauma oferecem recursos para se compreender essa definição.

A concepção de trauma, para Lowen (1980), pode incluir qualquer dano causado ao organismo, sendo o stress a reação deste ao agente estressor. Hans Selye definiu o stress como “la respuesta no específica del cuerpo a cualquier demanda impuesta sobre él” (Lowen, 1980, p. 8). Em sua concepção, se o corpo não enfrentar o stress, caminhará para a morte, daí a importância da dor como uma resposta positiva do corpo contra o stress. Outra contribuição de Hans Selye diz respeito à ideia de que o corpo responde fisiologicamente ao choque com uma reação de alarme. A grande questão é que, se o stress permanece atuando sobre o organismo, a situação de alarme se torna constante, transformando-se em uma defesa crônica.

O autor resume de forma clara essa relação no trecho seguinte:

A tensão contínua, como já o apontou Hans Selye (1956), tem um efeito deletério sobre o corpo. Pouco importa a natureza da tensão; o corpo reage a ela com uma síndrome geral de adaptação. Esta síndrome consiste em três fases. A primeira é chamada de reação de alarme. O corpo reage a uma tensão aguda jorrando hormônios medulares adrenais que mobilizam a energia do corpo para enfrentá-la. Quando a tensão consiste num insulto físico ao corpo, a reação de alarme toma a forma de um processo inflamatório. Se a reação for bem sucedida na superação da lesão e na remoção da tensão, o corpo se acalma e retoma sua condição homeostática natural. Mas, se a tensão continuar, inicia-se a fase dois. Nesta, o corpo tenta adaptar-se à tensão, o que envolve hormônios adrenais corticosteroides, cuja ação é anti-inflamatória. O processo de adaptação, contudo, também consome energia que deve ser mobilizada a partir das reservas orgânicas. A fase dois é como uma guerra fria, na qual o corpo tenta controlar o agente causador da tensão, dado que não pode eliminá-lo. Esta segunda etapa pode durar indefinidamente, até que o corpo acabe adormecendo. A fase três é chamada de fase da exaustão. O corpo não tem mais energia para controlar a tensão e começa a desorganizar-se (Lowen, 1975/1982, p. 202).

Para melhor compreender esse complexo processo, pode-se esboçá-lo por meio do esquema seguinte:

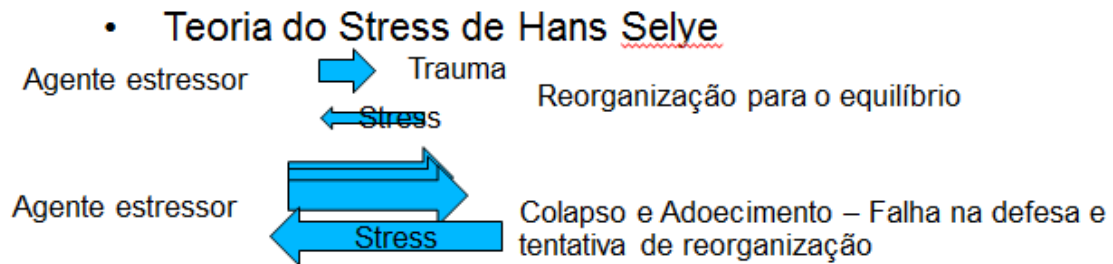


Figura 8 – Esquema representativo da teoria do Stress, de Hans Selye.

Todo agente estressor causa um trauma, respondido com stress, buscando uma reorganização para o restabelecimento do equilíbrio do organismo. Quando esse agente estressor se torna constante, o stress se torna crônico e o corpo não consegue sustentar a tensão, entrando em colapso. O adoecimento aparece, então, como uma falha na defesa e como uma nova tentativa de reorganização do organismo, visando garantir a homeostase.

Essa concepção mantém relação com a ideia de constituição do caráter, como apresentado no capítulo anterior, uma vez que o caráter se forma pela cronificação das defesas do ego como forma de reação a situações de conflito e tensão entre os impulsos internos e a realidade externa. Vimos que são vários os fatores que definem a forma como cada indivíduo vai se defender desses conflitos (Reich, 1933/1998), definindo a estrutura de caráter da pessoa. As estruturas são formadas de acordo com os traumas vivenciados em cada fase do desenvolvimento, o que mantém relação com a teoria de Hans Selye.

Logo, nota-se que os traumas em fases do desenvolvimento infantil, ao se repetirem, são tidos como fatores que podem desencadear a formação das estruturas de caráter. Do mesmo modo, traumas podem levar o corpo ao estado de choque que, caso cronificado, conduz ao adoecimento como forma de regular a homeostase do organismo. Portanto, a ideia das defesas de caráter estruturadas por Lowen (1958/1977, 1975/1982) mantém relação com a ideia assumida pelo autor (Lowen, 1980) sobre a doença como uma reação ao trauma. Como já dito, a doença parece surgir quando há uma falha na defesa de caráter, ou seja, quando o indivíduo tenta se defender do stress com as suas defesas habituais, porém, entra, de alguma maneira, em colapso.

A doença acaba assumindo a mesma função que o caráter. Entretanto, parece acontecer quando as defesas não conseguem sustentar o nível de stress. Daí a segunda definição, a que nos referimos no início do capítulo, de que a doença se mostra como uma medida extrema de reação ao stress causado por algum trauma. Ela segue a mesma função de constituição das

defesas caracterológicas, porém, em um grau mais elevado de urgência diante da necessidade de reorganização do organismo.

Uma vez que vimos que há uma relação entre caráter e adoecimento/saúde, as mesmas categorias utilizadas para se analisar o caráter podem ser usadas para a saúde e o adoecimento para Lowen. Observamos que as categorias são importantes para se pensar as estruturas explicitadas no capítulo posterior, uma vez que cada uma expõe um conceito que indica uma progressão em grau de uma estrutura para outra, conforme veremos. Notamos que, em cada categoria, há um indicativo de saúde e outro extremo ligado ao adoecimento.

a) Desenvolvimento Infantil – Satisfação das Necessidades Vitais *versus* Traumas

No capítulo anterior, percebemos que o desenvolvimento infantil é uma categoria importante para se pensar a integração corpo/mente e o caráter na teoria de Lowen, por mostrar como as defesas se constituem e se expressam em seus aspectos psicocorporais. Para o autor, cada caráter se forma pelas tensões e frustrações ocorridas em cada fase do desenvolvimento infantil. Ressaltamos também que, em sua concepção, a estruturação do caráter é, em si, patológica, porque representa um processo de construção de defesas contra traumas que não são “naturais” no desenvolvimento de um indivíduo saudável. Dessa forma, a noção de saúde, para Lowen, está ligada a um desenvolvimento infantil marcado pela satisfação das necessidades vitais, pela boa relação com os genitores, pela boa noção de integridade corporal, pela vivência plena da sexualidade e do amor e por uma boa relação com o ambiente social e cultural que permeia o crescimento do indivíduo. O autor acredita em um fluxo natural de desenvolvimento que cada indivíduo deve seguir e necessidades básicas que precisam ser satisfeitas em cada período do desenvolvimento.

Nessa perspectiva, o indivíduo seria considerado saudável se conseguisse passar por todas as fases, tendo suas necessidades básicas satisfeitas, sem privações e sem excessos, o que se daria a partir de uma relação equilibrada de cuidado e apoio por seus genitores.

Em contrapartida, os traumas ocasionados pela quebra do fluxo natural do desenvolvimento acarretam defesas crônicas, estruturadas em padrões de caráter, que se tornam rígidas e tensas. Lowen (1958/1977, 1975/1982) defende que, quanto mais cedo os traumas forem ocasionados, maior o impacto negativo sobre a personalidade do indivíduo. Isso se deve ao fato de que ainda há pouca estruturação das defesas e o indivíduo tem poucos recursos para elaborar o trauma e reagir contra as situações conflituosas.

O autor faz referência aos conceitos de “psicose” e “neurose” definidos por Freud (1924/1987), mas difere de seu precursor na abordagem dos termos por não relacioná-los ao complexo de castração e ao Complexo de Édipo. Para Lowen (1967/1979), a relação entre neurose e psicose está diretamente ligada à relação entre saúde e patologia, uma vez que a primeira se aproxima mais da saúde do que a segunda. Ele utiliza o conceito de psicose quando se refere aos conflitos caracterológicos que ocorrem em um nível de dissociação com a realidade, em especial a realidade do corpo. Em contrapartida, o conceito de neurose é utilizado para se referir aos conflitos baseados em uma maior força egoica e maior nível energético. Notamos que qualquer forma de distanciamento do indivíduo da realidade e, especialmente, da realidade de seu corpo, é considerada pelo autor como patológica.

O autor se utiliza da citação de A. P. Moyes (citado por Lowen, 1967/1979, p. 32) para definir que a neurose é um “grupo relativamente benigno de perturbações de personalidade”, na qual a “personalidade se conserva socialmente organizada”. Como exemplo, temos a importante diferenciação entre caráter esquizoide e esquizofrênico, que será mais bem explicitada no capítulo seguinte. A figura a seguir ilustra essa relação.

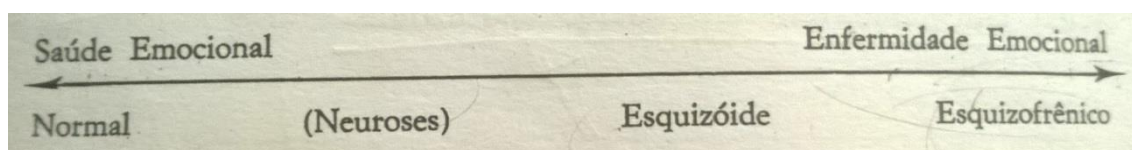


Figura 9 – Relação entre neurose e saúde emocional e entre psicose e enfermidade emocional.

Fonte: Lowen (1967/1979, p. 32).

A figura representa a polaridade entre saúde e enfermidade emocional. A estrutura esquizoide será discutida detalhadamente no capítulo seguinte, mas, aqui, utilizamos a figura para exemplificar a diferenciação que Lowen faz entre uma defesa no nível neurótico e uma no nível psicótico. Na primeira, há limites claros e bem estabelecidos e um superego atuante, além de se constituir em uma fase posterior da infância, portanto, o indivíduo possui uma estruturação maior. Na segunda, há uma quebra da realidade e uma dissociação do indivíduo com o próprio corpo, tendo suas bases em fases muito primitivas da vida.

Para Lowen (1958/1977, 1967/1979), a esquizofrenia se encontra no âmbito psicótico, enquanto a esquizoidia se encontra no âmbito neurótico, embora esta última seja uma estrutura limite entre os dois níveis. Na escala de saúde emocional, o indivíduo esquizofrênico é mais comprometido do que o esquizoide, que, por sua vez, é mais comprometido do que os indivíduos com as demais estruturas edípicas.

Lowen utiliza mais os termos “neurose” e “psicose” no início de sua obra, quando estava mais próximo à teoria freudiana. A partir de seu nono livro, notamos que ele abandona os termos e a ideia de estruturas de forma geral. Como o termo “esquizoide” é utilizado para se referir às fases primárias do desenvolvimento, mantém-se, em sua teoria, a ideia de que quanto mais cedo o indivíduo vivenciar traumas, mais traços esquizoide apresentará e, conseqüentemente, terá a saúde emocional mais comprometida. Essa concepção de patologia, ligada às fases primárias do desenvolvimento, se deve ao fato de que possui menos defesas para enfrentar as situações estressantes, além de haver uma maior dissociação com a realidade externa e com a do corpo.

b) Energia – Fluidez e Mobilidade *versus* Tensões

O modo como a energia percorre o corpo, o seu fluxo e a sua quantidade são características importantes para compreendê-la no contexto da relação entre saúde e doença. Nota-se que a energia que percorre o corpo livremente, livre de tensões e estagnação, e em quantidade suficiente, é um indicativo de saúde para Lowen.

Primeiramente, a quantidade de energia que percorre o corpo define o quanto o indivíduo é capaz de lidar com as situações diversas da vida e o quanto é capaz de se carregar a partir das interações com o ambiente. A respiração, a alimentação, a vitalidade, o contato, a mobilidade e a vibração aparecem na literatura como elementos importantes no processo de saúde.

Para o autor, uma boa respiração é aquela capaz de carregar o organismo, permitindo a excitação e a energização, e de descarregar, propiciando vibrações pelo corpo. A vibração aparece como sinal de que a energia está fluindo corretamente (Lowen, 1977/1985). Se a função de carga e descarga funciona corretamente, o indivíduo pode experimentar uma sensação de prazer. Para o autor, a inibição da respiração ou qualquer quebra na respiração natural reduz a carga energética e também pode estar ligada a adoecimentos respiratórios.

Da mesma forma, a alimentação adequada envolve a satisfação das necessidades básicas de fome e a obtenção do prazer por meio do ato de comer. Para o autor, alguns distúrbios de alimentação podem estar ligados a conteúdos orais reprimidos ou à sobrecarga de afeto e cuidados que geram um distúrbio anal masoquista (Lowen, 1958/1977). Essa relação com as defesas orais e masoquistas serão explicadas no capítulo seguinte.

A vitalidade também é um indicativo de saúde associada com a carga energética. O bom funcionamento da função de carga e descarga indica uma relação saudável com os processos energéticos que permeiam o corpo.

Se a pessoa não pode se carregar adequadamente, ficará fraca, descarregada, e mostrará uma falta de vitalidade. Se ela não puder se descarregar adequadamente ficará suspensa no ar, [...] pendurada em ilusões, incapaz de voltar ao chão até que a ilusão se desintegre (Lowen, 1972/1983, p. 43).

Nessa citação, notamos que os dois extremos que podem assumir a carga e a descarga do organismo são capazes de se constituir em patologias. A depressão, por exemplo, é caracterizada por Lowen (1972/1983) como um estado de privação energética, ou seja, há uma falta de carga energética percorrendo o corpo. Da mesma forma, o indivíduo que se carrega demais e não tem uma descarga adequada se enrijece e vive em estado de tensão e ansiedade.

A mobilidade se refere à capacidade do corpo de apresentar movimento, o que está intimamente ligado à fluidez da energia. O autor se refere, em muitos momentos, à beleza e à graciosidade dos corpos, referindo-se ao movimento espontâneo que o corpo pode apresentar e que indica saúde, beleza e vibração. A citação seguinte resume bem essa relação, quando ele fala de imagem e corpo: “a boa aparência manifesta-se nos olhos brilhantes, na pele reluzente, numa expressão facial suave e agradável, e num corpo que é vibrantemente gracioso e animado em seus movimentos.” (Lowen, 1983/1988, p. 43). A ausência de mobilidade em alguma região do corpo indica que a energia está estagnada, sendo considerada uma forma de patologia que indica propensão ao adoecimento.

Ao traçar esses aspectos que representam saúde para o autor, pode-se questionar sobre o que os determinam para que o indivíduo se desenvolva de forma saudável. Não há uma resposta única, uma vez que estão associados a um conjunto de fatores e variáveis. A boa respiração, por exemplo, é determinada por um conjunto de aspectos biopsicossociais que se integram no decorrer do desenvolvimento infantil e a partir da combinação de todas as categorias (desenvolvimento, energia, ego, emoções e sexualidade e cultura). Igualmente, as patologias que acometem o indivíduo são constituídas por uma série de fatores que envolvem as tensões.

Os pontos de tensão funcionam como zonas de estrangulamento da energia, impedindo o livre fluxo energético, intimamente associado a diversos tipos de adoecimento (Lowen, 1972/1983). Um bloqueio do percurso energético significa que o corpo não está

recebendo toda a energia necessária para que possa funcionar de forma saudável, o que pode gerar doenças. De acordo com o que vimos anteriormente, supõe-se que isso pode ocorrer porque o corpo sem energia não consegue ter força suficiente para enfrentar as situações estressantes. A região na qual a energia foi bloqueada também demonstra ter íntima relação com o tipo de doença que a pessoa está propensa a desenvolver, conforme discutiremos no capítulo seguinte.

Portanto, para o autor, percebe-se que há um indicativo de saúde e adoecimento relacionado à carga energética. Quanto mais suficiente for a energia, quanto mais houver equilíbrio entre carga e descarga e quanto mais a energia fluir livremente, mais saúde o indivíduo apresentará. Quanto menor a quantidade de energia, quanto menor a capacidade de carga e descarga e quanto menos a energia fluir pelo corpo, menos saúde o indivíduo possui e, portanto, mais propenso se mantém ao adoecimento.

c) Ego e Corpo – Integração Ego/Corpo e Força Egoica *versus* Dissociação Ego/Corpo e Fragilidade Egoica

No contexto da saúde e do adoecimento, dois aspectos se mostram importantes para se destacar na relação entre ego e corpo. Primeiramente, o autor define os dois extremos da estruturação do ego em relação a sua força, utilizando o conceito de força egoica em contraposição ao de fragilidade egoica. Lowen (1975/1982) utiliza esses termos para se referir a um ego que é mais ou menos capaz de mediar os conflitos entre a realidade interna e a externa.

Na perspectiva do autor, se o ego é forte e estruturado, é mais capaz de criar e utilizar recursos para mediar os conflitos existentes. Indivíduos com baixa estruturação egoica podem ter dificuldades para a elaboração simbólica dos conflitos (Nascimento, 2012). Nesses casos, há poucos recursos para enfrentar as situações estressantes da realidade, podendo entrar em colapso e adoecer. Essa contraposição entre força e fragilidade egoica pode ser observada na seguinte citação: “O ego forte permite que se aproveite mais a vida. O ego fraco diminui a capacidade de sentir prazer” (Lowen, 1970/1990, p. 98).

Outro aspecto fundamental é o nível de integração ou dissociação entre o ego e o corpo. Em muitos momentos, o autor discute o nível de identificação do indivíduo com o seu ego e com o próprio corpo. Para Lowen (1983/1988), o indivíduo que se identifica com o ego está ligado à imagem, aos aspectos racionais e à ilusão, consistindo em uma visão patológica acerca da realidade. Em contrapartida, o grau de conexão do indivíduo com seu próprio corpo,

com a sua sexualidade e com o chão (*grounding*) é indicativo de saúde para o autor, definição que se mostra evidente na citação: “Estar ligado assim não é um ideal de saúde; na minha opinião é o mínimo de saúde. Não estar ligado ou fundamentado é uma indicação de patologia ao nível corporal.” (Lowen, 1972/1983, p. 47).

Para o autor, a desconexão entre ego e corpo indica que há um adoecimento. Por outro lado, “na pessoa saudável, o ego alicerça-se nas sensações do corpo e identifica-se com o self físico.” (Lowen, 1970/1990, p. 103). Como já apontado no capítulo 2, um conceito importante que Lowen (1970/1990, 1983/1988) utiliza é o “*self*”, que representa os aspectos sensitivos do indivíduo sobre o próprio corpo. O autor utiliza o conceito quando discute a patologia narcísica, apresentando a necessidade de se ter uma sensação do próprio corpo que coincida com a imagem que se tem dele, pois nem sempre a forma como o indivíduo se percebe é coerente com o que realmente é. Esse conceito aparenta estar ligado à concepção de saúde, visto que o autor considera que deve haver uma congruência entre a realidade e a autoimagem. “Uma pessoa saudável tem essa consciência dual, mas isso não cria qualquer problema, porque a imagem do self e a experiência direta do self através do corpo coincidem.” (Lowen, 1983/1988, p. 40).

Quando discorre sobre essa congruência, o autor refere-se à autoaceitação como mais um indicativo de saúde. Em contrapartida, a ilusão está ligada à patologia emocional, uma vez que há uma dissociação entre a realidade e o *self*.

Numa pessoa saudável, as duas identidades são congruentes [...]. Quando existe falta de congruência entre a imagem do self e em nossa percepção consciente do self ocorre então um distúrbio de personalidade. A seriedade deste distúrbio está em proporção direta ao grau de incongruência (Lowen, 1983/1988, p. 41).

Nessa citação, percebemos uma referência ao adoecimento mental, mas é sempre importante lembrar que não há uma separação entre mente e corpo no que diz respeito à saúde e à doença.

Portanto, para o autor, conclui-se que a força egoica e a integração entre o ego e o corpo estão ligadas à saúde, assim como a fragilidade egoica e a dissociação entre ego e corpo estão unidas ao adoecimento. Essa oposição entre a integração e a dissociação, na relação com a saúde e a doença, também se expressa entre sexo e amor, conforme será discutido no tópico seguinte.

d) Emoções (Contato *versus* Distanciamento) e Sexualidade (Integração Amor/Sexo *versus* Cisão Amor/Sexo)

Na bioenergética de Alexander Lowen, assim como mente e corpo são considerados de forma integrada, há também uma relação de integração entre emoções e sexualidade.

A bioenergética fundamenta-se no princípio de que, sendo o organismo uma unidade, a saúde é também um conceito unitário. Isto significa que existe uma identidade entre saúde física e mental, entre saúde emocional e sexual. A unidade do organismo pode ser descrita como um círculo. Cada aspecto de sua saúde está relacionado a outro e reflete sua saúde total (Lowen, 1977/1985, p. 45).

O círculo ao qual o autor se refere é representado esquematicamente por ele na figura a seguir:

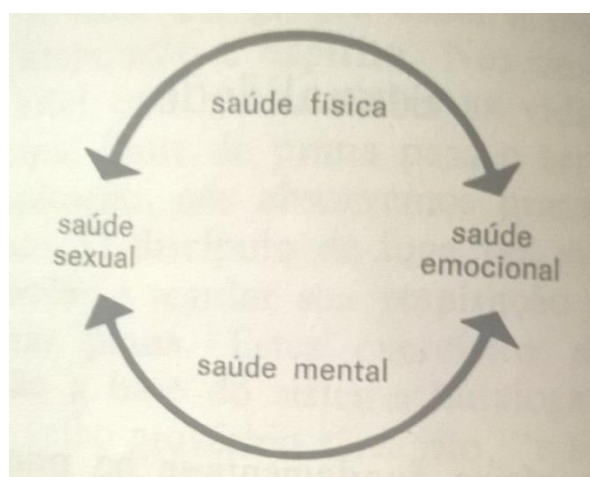


Figura 10 – Círculo representativo da unidade do organismo em relação aos aspectos físicos, mentais, emocionais e sexuais.

Fonte: Lowen (1977/1985, p. 46).

O autor utiliza o esquema para ilustrar os diferentes aspectos que compõem a saúde total do indivíduo. Para ele, a saúde não pode se dar sem que todos esses aspectos estejam em harmonia e ligados uns aos outros. Se houver uma ruptura em qualquer um dos pontos, ocorrerá um desequilíbrio e um comprometimento da integridade do organismo. “Por exemplo, problemas e ansiedades sexuais irão afetar seriamente a saúde física, emocional e mental da pessoa. O mesmo pode ser verdade se existir um distúrbio de qualquer outro aspecto. O efeito é sempre total.” (Lowen, 1977/1985, p. 45).

Um aspecto importante é que, nesse momento de sua produção, Lowen (1977/1985) afirma que devemos pensar na saúde em termos positivos. Acreditamos que essa afirmação justifica a pouca ênfase atribuída por ele ao conceito de adoecimento em detrimento do conceito de saúde. Para o autor, pensar na saúde do corpo vai muito além de pensar em sintomas patológicos. Podemos compreender essa concepção na citação a seguir:

[...] a saúde emocional é definida positivamente: é ter pleno domínio das próprias faculdades e de toda a vasta gama dos próprios sentimentos. Naturalmente, esta definição inclui a habilidade para sentir e expressar plenamente a própria sexualidade e a capacidade de experienciar o prazer desta expressão. Esta será nossa definição de saúde sexual. Basicamente, ser vibrantemente vital pode equivaler à capacidade de ter prazer e alegria de viver. (Lowen, 1977/1985, pp. 45-46).

Com essa citação, foi possível perceber que há uma noção de saúde sexual que leva em consideração a integridade e a unidade do organismo. Quanto mais integrados forem os aspectos mentais, emocionais e físicos que envolvem a sexualidade, e quanto mais o indivíduo for considerado como um todo, maior a saúde que ele apresenta. Lowen (1977/1985) aponta alguns fatores que demonstram essa integração e que são indicativos de uma boa saúde sexual, como, por exemplo, a mobilidade pélvica, a vitalidade e o equilíbrio entre carga e descarga energética por meio da excitação sexual.

Além disso, quanto mais integrados forem os desejos relacionados ao sexo com os sentimentos de amor, maior a capacidade do indivíduo de vivenciar uma sexualidade plena e saudável. Quanto maior a cisão, maior a incidência de conflitos e patologias que acometem o sistema cardiovascular, que está ligado aos sentimentos de amor, e os órgãos genitais, que estão ligados ao sexo (Lowen, 1958/1977, 1988/1990).

Em muitos momentos, o autor também discute a influência da cultura e das mediações sociais na saúde sexual.

e) Contexto Sociocultural – Realidade do Corpo *versus* Cultura de Ilusão

Ao tentar compreender o aumento dos índices de depressão na modernidade, Lowen (1972/1983) discute a orientação para o exterior, que geralmente ocorre nos indivíduos modernos, em contraposição à orientação para o interior, resultado da fé em si mesmo e do contato com a realidade do próprio corpo. Na orientação para o exterior, o indivíduo está

orientado para a imagem, para a ilusão, para aquilo que os outros esperam dele, traindo sua própria verdade e a realidade do seu corpo.

Na perspectiva do autor, nota-se que uma pessoa saudável é aquela que consegue se orientar para si mesma e para a própria realidade, assumindo seu corpo e suas necessidades inerentes e rejeitando as ilusões e expectativas criadas por uma cultura de massa.

Um ponto importante entre as influências sociais e culturais e a saúde/doença está na pressão que a sociedade exerce sobre os indivíduos para aguentarem as adversidades sem ceder ou fraquejar. “Com as pressões do ego no sentido de alcançarmos sucesso e status, perdemos rapidamente a consciência de nossos corpos.” (Lowen, 1970/1990, p. 63). Para o autor, uma hora ocorre o inevitável colapso do organismo, como já discutido. Essa concepção está explícita na seguinte citação:

O indivíduo que “não aguenta” é visto como fraco. [...] Ele tornou-se condicionado por uma educação hipócrita que via no colapso ou no fracasso um estigma moral. Entretanto, a pessoa que não pode desabar, desistir, entregar-se e abandonar-se é condenada a um contínuo atrito das suas energias vitais que inevitavelmente a destruirá. Estará sujeita a doenças causadas por stress persistente: dores na parte inferior das costas, artrite, doenças cardiovasculares, distúrbios gastro-intestinais como úlceras, colites e outras. Parece sensato aprender a sofrer colapsos em situações apropriadas e desistir de conflitos desnecessários. A queda devolve a pessoa à segurança sólida da terra e permite que ela renove suas energias e forças nas fontes do seu ser (Lowen, 1972/1983, p. 50).

Quando necessário, o “deixar-se cair” aparece em Lowen (1972/1983) como um indicativo de saúde, uma vez que demonstra flexibilidade, precedendo e evitando um possível colapso causado por uma postura rígida diante das dificuldades. O autor afirma que essa é uma grande necessidade das pessoas nos Estados Unidos e que o aumento dos índices de depressão estaria associado ao fato de as pessoas não se deixarem cair naturalmente devido às exigências da sociedade (Lowen, 1972/1983). No mesmo sentido, refere-se às características culturais de competitividade, autocobrança e pressões sociais, associando-as às diversas patologias psicocorporais que têm surgido na contemporaneidade (Lowen, 1988/1990). Essas características serão discutidas no capítulo seguinte, na relação com as estruturas de caráter.

No presente capítulo, buscamos abordar a saúde e a doença por meio das mesmas categorias utilizadas para se pensar o caráter. Esse método possibilitou articular os principais pontos de discussão acerca da relação entre corpo e mente tanto do ponto de vista das estruturas de caráter como do adoecimento. Com isso, adquirimos suporte para pensar as

relações entre ambos, conforme nossos objetivos. Percebemos que a visão de Lowen é mais positiva e mais ligada à saúde e aos processos de normalidade que envolvem o corpo e a mente. Para ele, são indicativos de saúde a fluidez energética, a flexibilidade, a mobilidade, a vitalidade, a boa respiração e alimentação, o contato com o ambiente e com a terra (*grounding*), as relações afetivas baseadas na integração entre sexualidade e amor, e uma boa mediação egoica diante dos conflitos entre as demandas internas e as sociais e culturais. Tudo o que foge aos padrões por ele estabelecidos se configura como patologia e o próprio caráter é patológico, uma vez que se configura como uma estruturação não natural, assumida pelo indivíduo para se defender de alguma realidade angustiante e traumatizante. Para pensar no adoecimento corporal, o autor se utiliza da teoria do stress, de Hans Selye. Nessa perspectiva, a doença é considerada como uma reação extrema a um stress crônico, assumindo a mesma função que o caráter, porém, ocorre como uma medida de emergência, quando a tentativa de defesa original falha.

Capítulo 4 – A Tipologia de Lowen Sobre as Estruturas de Caráter e a Relação com o Adoecimento

Depois de delineados os aspectos referentes aos conceitos de caráter e adoecimento/saúde em Lowen e discutidas as relações entre os dois como formas de defesa e autorregulação do organismo humano, neste último capítulo pretendemos apresentar as estruturas e sua articulação com os processos de adoecimento aos quais se mostram propensas. Um dos aspectos mais utilizados e comentados por autores que utilizam o referencial teórico de Lowen diz respeito à sua tipologia, ou seja, à definição de tipos humanos a partir das defesas de caráter. Esses tipos psicológicos e corporais atraem os estudiosos da psicologia corporal, que muitas vezes os utilizam de forma indiscriminada, desconsiderando as especificidades e particularidades de cada pessoa.

Como discutido no primeiro capítulo, a definição de tipos humanos estava sendo amplamente realizada no contexto do período entre guerras e a psicologia era convocada para servir aos fins de categorização de pessoas, nas mais variadas esferas da sociedade, seja no militarismo ou no mundo do trabalho. As teorias de Reich e Lowen se diferenciaram, pois a definição de tipos que os dois autores propunham poderia ser observada pela constituição corporal do indivíduo. Os traços de caráter se expressam nos aspectos do psiquismo que compõem a personalidade e também na constituição muscular, conforme debatido no segundo capítulo.

Há realmente muito a ser discutido sobre as estruturas de caráter, porém, buscamos realizar um recorte a partir das categorias de análise estabelecidas. Discutimos, especificamente, em cada estrutura, a constituição das defesas ao longo do desenvolvimento infantil, o processo do fluxo energético, a estruturação egoica e sua relação com o corpo (incluindo as características físicas e psicológicas), a relação entre sexualidade e sentimentos e os aspectos culturais e sociais que permeiam a constituição da estrutura. É importante lembrar que foi selecionada a tipologia de Lowen por esta demonstrar ser a mais sistematizada entre os teóricos das abordagens corporais. Essa escolha se deu também por condizer com os objetivos do presente trabalho e por ser a mais recente, e a mais utilizada, por autores e profissionais da psicologia corporal.

Foram escolhidas algumas imagens que demonstram bem as estruturas corporais e mantêm coerência com os pressupostos bioenergéticos, embora pertençam a escritos de outras linhas corporais (Calegari, 2005; Cervantes, 2011). As imagens mostradas nos tópicos a seguir demonstram uma representação hipotética de como seria um tipo “puro” dessas estruturas. É

importante lembrar que a divisão em tipos se faz necessária para fins didáticos e tenta mostrar, por um conjunto de características, como seria a estrutura física de um indivíduo com predomínio de traços advindos das defesas de cada estrutura de caráter. Entretanto, o diferencial do presente trabalho está na utilização das categorias (a, b, c, d, e) para se pensar nas estruturas e em como elas vão perpassar a tipologia para delinear os aspectos relacionados ao adoecimento corporal.

Devido à complexidade e à multiplicidade de fatores envolvidos na análise dos tipos de caráter, Lowen (1958/1977, p. 149) demonstra um cuidado em relação ao risco de limitar o indivíduo à sua estrutura:

Dentro de cada grupo amplo de tipos de caráter, o desenvolvimento de cada forma em específico depende de muitos fatores. Nunca dois caracteres orais ou dois masoquistas, ou ainda dois rígidos, são exatamente iguais. Há variações tanto quantitativas quanto qualitativas no grau de oralidade, masoquismo e rigidez. O caráter específico de cada indivíduo é a resultante de todas as experiências ocorridas desde a concepção até a maturidade. Certamente as experiências mais precoces são mais marcantes. As posteriores proporcionam à estrutura sua configuração formal.

Além de expor os limites da categorização, o autor também mostra a importância de todas as experiências de vida da pessoa na constituição do caráter. Embora considere que as iniciais exercem mais influência, não deixa de lado a relevância das vivências posteriores. Ademais, ressalta que “nem sempre é fácil fazer um diagnóstico do tipo de caráter. Dado que a maioria dos indivíduos apresenta uma estrutura de caráter contendo dois ou mais elementos, torna-se, pois, uma questão de julgamento sobre qual o fator dominante daquela personalidade” (Lowen, 1958/1977, p. 148). Quando o autor fala em julgamento, demonstra o risco de se realizar um diagnóstico sem que se conheça bem o paciente e sua história. Dessa forma, este nunca deve ser totalmente fechado, devendo se abrir às possibilidades de exposição do indivíduo em sua singularidade. Por outro lado, percebe-se que o diagnóstico de caráter auxilia, na Análise Bioenergética, na condução do tratamento e no manejo da transferência com o paciente (Lowen, 1958/1977).

A tipologia mais recente de Lowen divide as estruturas em: Esquizoide, Oral, Psicopata, Masoquista e Rígida. Na tipologia maior também existem subtipos, os quais serão explicitados e discutidos no decorrer deste capítulo. Essa ordem é importante por representar o percurso em que são constituídas, tomando por base as fases do desenvolvimento infantil. Além disso, a partir das categorias, serão analisadas, em cada estrutura, a configuração

energética, a estruturação egoica, a forma de expressão das emoções e da sexualidade e as influências culturais e sociais sobre elas.

4.1 A Estrutura Esquizoide e Esquizofrênica

Em seu primeiro livro, Lowen (1958/1977) utiliza dois capítulos para discutir a problemática esquizoide e esquizofrênica, abordando-a do ponto de vista patológico. Apenas posteriormente considera o esquizoide como uma estrutura de caráter, percebendo a sua complexidade. Por essa razão, dedica todo o seu terceiro livro (Lowen, 1967/1979) para apresentar uma discussão mais aprofundada dessa temática.

Falar em uma defesa esquizoide significa discutir uma cisão que pode ocorrer de diversas formas, protegendo o indivíduo de lidar com algo interno ou com a realidade externa, que se torna insuportável. Há uma experiência de fragmentação que faz com que os esquizoides se sintam “quebrados”, tendo os sentidos de unidade e de totalidade reduzidos. “O termo esquizoide descreve a pessoa cujo senso de si mesma está diminuído, cujo ego é fraco e cujo contato com seu corpo e sentimentos está reduzido em grande parte” (Lowen, 1975/1982, p. 132). A questão básica do indivíduo esquizoide é a dificuldade primitiva de manifestar sua existência na realidade a qual pertence, sendo o sentimento mais característico dessa estrutura o medo.

Lowen (1958/1977, 1967/1979) discute, ainda, a diferença entre o caráter esquizoide e esquizofrênico. Em sua concepção, eles diferem apenas em uma questão de grau, sendo o segundo marcado por uma cisão tão evidente que se torna uma patologia de alto grau.

Desse modo, o indivíduo esquizoide pode ter as bases para uma psicopatologia no nível da esquizofrenia, mas não necessariamente a desenvolverá. Também os diferencia em termos de neurose e psicose, definindo a esquizofrenia no âmbito da psicose, com base na teoria psicanalítica (Freud, 1924/1987), conforme observado na Figura 5 e discutido na categoria “a” do capítulo anterior. Por essa diferença dar-se apenas em uma questão de grau, mas mantendo as mesmas bases caracterológicas, Lowen (1975/1982) não mostra a esquizofrenia como um tipo separado de caráter em sua tipologia mais recente, definindo apenas o esquizoide em sua classificação.

a) Desenvolvimento infantil, a hostilidade e fragmentação vivenciadas.

Segundo Lowen (1958/1977), essa defesa se estrutura na fase pré-natal e nos primeiros dias de vida após o nascimento, a partir da relação de hostilidade e de não aceitação que a mãe estabelece com o bebê em termos energéticos. Isso geraria um trauma capaz de provocar uma cisão no indivíduo. “O agente operativo poderia ser descrito como o ódio da mãe pelo filho, ódio esse que jaz primordialmente ao nível inconsciente.” (Lowen, 1958/1977, p. 330). O autor identifica o ódio como sendo algo frio e amedrontador, que ocorre pela ausência de sentimentos e acolhimento genuíno. A experiência da hostilidade desencadeia no indivíduo esquizoide a reação típica de medo, tão comum a essa estrutura. A questão enfrentada tão cedo por esse indivíduo foi a de não ser bem aceito em sua existência, o que o leva a um conflito entre existir em busca de suas necessidades ou desconectar-se de si mesmo. Dessa forma, cria uma defesa em que sacrifica a si mesmo ao “afastar-se” de seu próprio corpo, evitando entrar em contato com as emoções que tanto o amedrontaram.

“Sob o aspecto histórico, pode se demonstrar que a manobra esquizoide de retirada e sacrifício se desenvolveu numa idade precoce da criança, seguindo-se a uma tentativa sem êxito de erigir uma defesa rígida contra o impacto da hostilidade dos pais.” (Lowen, 1967/1979, p. 60). Por essa falta de êxito, o autor discute o colapso que marca essa estrutura, fruto do abandono e da frieza experienciada desde os primeiros anos.

Além disso, a relação entre mente e corpo nesse indivíduo é fragilmente construída e estabelecida como uma tensão pela não aceitação que firma consigo mesmo.

O filho de uma mulher que tem vergonha de intimidade crescerá com um sentimento de vergonha em relação ao seu próprio corpo. [...] O trauma fundamental da personalidade esquizoide é a ausência de uma intimidade física prazenteira entre mãe e filho. A falta de contato corporal é experienciada pela criança como abandono (Lowen, 1967/1979, p. 111).

Pela citação, compreende-se que o esquizoide tem dificuldades de construir sua autoimagem, pois não é acolhido corporalmente e psiquicamente na qualidade do “existir”. Há uma dificuldade na construção de suas referências sobre si mesmo por não existir, por parte de sua mãe, uma boa aceitação de seu corpo, de sua existência e do que ele representa como ser humano.

Devido aos sentimentos de hostilidade com os quais os indivíduos esquizoide lidam desde o período intrauterino, o corpo tem sua energia retirada dos órgãos de contato. Esse fator do desenvolvimento infantil ocorre concomitantemente com a inibição da flexibilidade

do corpo, com o adoecimento dos órgãos de contato e com a insuficiência da respiração (Lowen, 1958/1977, 1967/1979, 1975/1982).

Esse aspecto cronológico que marca a constituição dessa defesa em uma fase tão primária é um ponto crucial na relação entre essa estrutura e o adoecimento corporal. Segundo Navarro (1991) – autor que discute as patologias corporais sob uma perspectiva caracterológica –, as doenças mais graves, e geralmente sem possibilidade conhecida de “cura”, têm sua origem no stress vivido em períodos iniciais da vida humana, incluindo a fase uterina. Essa ideia mantém relação com a constituição das defesas esquizoides apresentada por Lowen (1980, 1975/1982).

A movimentação da energia no corpo do indivíduo terá ligação com a falta vivenciada por ele ao longo de seu desenvolvimento, como defesa e proteção, como veremos a seguir.

b) Energia – Baixa carga energética e cisão corporal.

Em termos energéticos, Lowen (1967/1979, 1975/1982) aponta que o indivíduo esquizoide é caracterizado por ter uma energia que se afasta da periferia do corpo, representando o baixo contato que tem com a realidade. Além disso, há uma cisão entre as partes superior e inferior, resultando em uma falta de integração energética pelo corpo. Conseqüentemente, este se torna estreito e contraído, com as extremidades geralmente pálidas e “sem vida”. Os pés são fracos, representando a base frágil, e os olhos também representam a falta de energia (Lowen, 1975/1982).

O autor apresenta a distribuição energética da estrutura pelo seguinte diagrama:

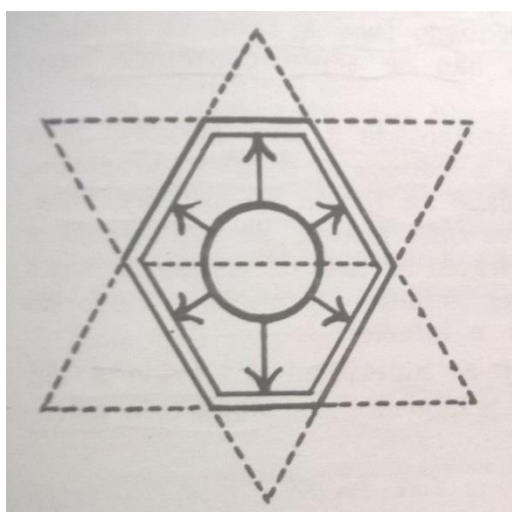


Figura 11 – Diagrama representativo do caráter esquizoide.

Fonte: Lowen (1975/1982, p. 133).

O diagrama é utilizado por ele para representar esquematicamente a concentração e a direção do fluxo energético nessa estrutura, assim como a qualidade da relação entre “o eu e o mundo”. As setas contraídas e curtas representam a concentração de energia no centro do corpo e seu conseqüente afastamento em relação aos órgãos periféricos. A fragilidade da superfície e do limite existente no contato entre o corpo e o ambiente é marcada pelas bordas pontilhadas. Apesar de não pertencer ao autor, a imagem a seguir apresenta coerência com os diagramas de Lowen e mostra como ocorre o fluxo energético no corpo.

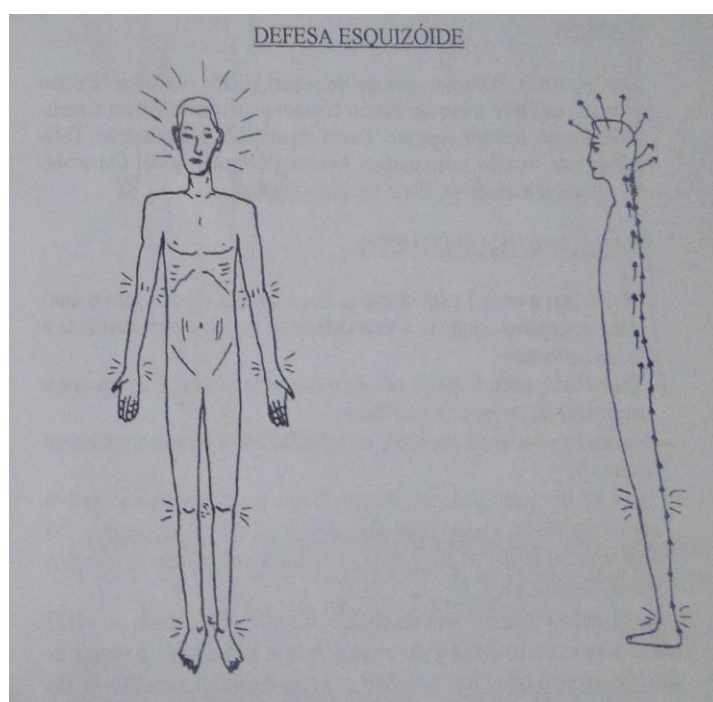


Figura 12 – Representação do corpo e o fluxo energético na estrutura esquizoide, com os pontos de vazamento da energia representados pelos traços.

Fonte: Calegari (2005).

A Figura 8 apresenta duas ilustrações do corpo típico esquizoide, indicando os pontos pelos quais a energia vaza e se dissipa, identificados por traços ao redor das articulações e da região mental. As setas mostram o fluxo da energia na direção da cabeça e a baixa carga energética contida nessa estrutura.

O vazamento energético na região da cabeça ocorre pela forte fragmentação mental que ocorre no esquizoide, que utiliza a racionalidade e os pensamentos como forma de desconexão com o próprio corpo (Lowen, 1958/1977).

A respiração é curta e pouco profunda, o que mantém a baixa carga energética no corpo. Da mesma forma, há pouco aterramento (*grounding*), uma vez que esse indivíduo tem pouco contato com as pernas e com a realidade (Lowen, 1975/1982). Nesse caso, o fluxo de energia é comprometido devido às fortes tensões que ocorrem na região das articulações e no pescoço. Na prática clínica, elas podem ser observadas naqueles que apresentam fortes traços esquizoides, assim como a fraca respiração e o fraco contato que estabelece com o próximo. Inclusive, o autor aponta que essas fortes tensões podem resultar em dores agudas.

A profunda espasticidade da base do crânio está refletida num bloqueio correspondente na área das costas, onde se unem pélvis e espinha. É tão severa essa tensão, em algumas pessoas esquizoides, que pode produzir uma dor muito aguda (Lowen, 1958/1977, p. 326).

Ainda sobre as tensões, o autor descreve a propensão dos esquizoides a apresentar problemas de articulação, uma vez que nessa estrutura há uma

imobilidade pélvica, mais severa do que a observada em qualquer outra estrutura neurótica [...] Os pés são invariavelmente fracos, especialmente o arco metatársico [...] as articulações são duras e imóveis [...] nunca vi uma estrutura esquizoide na qual fosse flexível a articulação nos tornozelos (Lowen, 1958/1977, p. 326).

Nessas citações, podemos observar que há uma associação bem clara entre certas patologias corporais e a estrutura de caráter em questão. Ao discutir a artrite como um transtorno de mobilidade do organismo, Lowen (1980, p. 19) ressalta que é comum um “marcado elemento esquizoide na personalidade” dessas pessoas. Nesse exemplo, evidencia-se a relação estabelecida entre a artrite, enquanto um adoecimento corporal, e a estrutura de caráter em questão.

Lowen (1958/1977) também aponta a dificuldade respiratória predominante nessa estrutura. “O esquizoide e o esquizofrênico se esforçam para respirar na parte superior do tronco, a fim de obter ar suficiente” (Lowen, 1958/1977, p.326). A concepção de normalidade do autor se mostra presente na seguinte citação: “Este não é o tipo de respiração normal. No indivíduo normal, peito e barriga tendem a fazer o mesmo movimento.” (Lowen, 1958/1977, p. 327). Isso nos leva a pensar na hipótese de que há certa propensão, aqui, a desenvolver problemas respiratórios, uma vez que existe um comprometimento dessa função.

Ao realizar um estudo de caso com diferentes pacientes com queixas de sofrimento orgânico, Nascimento (2012) descreve uma paciente como elementos claramente esquizoides

em sua personalidade. Ela buscou tratamento apresentando diversas doenças diferentes. “Procurou ajuda médica devido a vários problemas orgânicos: fibromialgia, tendinite no pescoço, dores nas articulações dos joelhos, crises de asma, gastrite associada a quadros de refluxo, hipertensão, manchas de pele, diabetes” (Nascimento, 2012, p. 106). É interessante observar que grande parte das doenças apresentadas por ela refere-se às regiões do pescoço e articulações, assim como aos órgãos de contato e respiração. Esse dado vai ao encontro dos dados de Lowen (1958/1977, 1967/1979, 1980) citados anteriormente. Com isso, notamos que há um predomínio de certos tipos de adoecimento entre os indivíduos com essa estrutura.

c) Fragilidade e Dissociação entre Ego e Corpo.

O ponto mais importante a se observar na estrutura esquizoide a partir dessa categoria é que há uma grande fragilidade do ego, assim como do seu correspondente corporal, que é a musculatura (1958/1977, 1967/1979, 1975/1982). Ademais, há uma falta de identificação do ego com o próprio corpo e dificuldades de integração e conexão com ele. “O problema do caráter esquizoide, bem como o da esquizofrenia, reside na falta de identificação do ego e na fraqueza de seu sistema muscular.” (Lowen, 1958/1977, p. 305). Isso significa que a mediação entre os impulsos internos e a realidade externa é tênue e delicada, pois há “um limite precário em torno do ego, o qual é a contrapartida psicológica da falta de carga periférica.” (Lowen, 1975/1982, p. 135).

Devido à falta de energia na periferia e nos órgãos de contato, e como forma de defesa, o indivíduo esquizoide apresenta grandes tendências a evitar relacionamentos afetivos (Lowen, 1975/1982).



Figura 13 – Representação ilustrativa de um corpo do tipo esquizoide.

Fonte: Cervantes, 2011.

A Figura 9 mostra um esboço do corpo esquizoide. O indivíduo com essa estrutura possui o corpo estreito e alongado, com as extremidades frias e os ombros arqueados, como se estivesse em uma posição de medo. Os pés são fracos e pendem para fora, como se se afastassem do centro do corpo. O peito é fraco e os músculos em geral pouco desenvolvidos.

A cisão marca o corpo do esquizoide, como podemos perceber pela seguinte citação: “No esquizoide, a musculatura é tensa, os músculos mais profundos são muito espásticos e o sistema muscular, como um todo, é descoordenado e segmentado.” (Lowen, 1958/1977, p. 305).

O indivíduo esquizoide se defende da frustração com a redução do alcance do ego diante da realidade.

A pessoa esquizoide torna-se temerosa de fazer exigências de vida que possam conduzir ao prazer e satisfação. O ato de abrir-se ao mundo evoca uma vaga sensação de terror. E o esquizoide se guarda deste terror reduzindo as dimensões do seu meio ambiente e restringindo as suas atividades (Lowen, 1967/1979, p. 50).

Notamos que há um distanciamento significativo entre a noção psíquica do ego e a condição corporal, como se fossem instâncias separadas e isoladas umas das outras. A dissociação entre mente e corpo na estrutura esquizoide é evidenciada pelo autor quando afirma que “o quadro esquizoide é o de um corpo desertado do qual a psique fugiu aterrorizada” (Lowen, 1967/1979, p. 78).

Considerando que nessa estrutura há um ego enfraquecido e desintegrado, cindido em sua relação com a realidade, evidencia-se a fragilidade que esse indivíduo apresenta, uma vez que dispõe de poucos recursos psíquicos para lidar com os conflitos emocionais. Nascimento (2012) aponta a propensão ao adoecimento nessa estrutura, relacionando-a à falta de elaboração simbólica dos conflitos, vivenciados pelos esquizoides de forma muito concreta e projetados para o corpo, pois não possuem recursos internos suficientes para que possam elaborá-los pela simbolização.

Lowen (1975/1982) apresenta duas perspectivas sobre o adoecimento esquizoide, sendo uma delas positiva e a outra negativa. Primeiramente, ressalta que há uma falta de integridade no corpo do indivíduo esquizoide, o que o leva a perceber o próprio corpo de forma frágil e comprometida. Entretanto, ao discutir o adoecimento dos olhos, aborda a forma

como o esquizoide desloca esse conflito para o corpo todo. Isso faz com que não seja uma estrutura propensa a certos tipos de adoecimento, como, por exemplo, a miopia.

Esta é a condição das pessoas esquizoides. Seu nível energético é rebaixado, sua respiração severamente restringida e a motilidade geral é pequena. O conflito, da área dos olhos, desloca-se para o corpo todo. Os olhos são aparentemente poupados porque a pessoa excluiu todo seu mundo interpessoal e não apenas o visual. Mas, conquanto possam não ser míopes os olhos do esquizoide, também não tem carga de energia e nem são expressivos. A função visual é mantida pela dissociação de sua função de expressividade emocional (Lowen, 1975/1982, p. 255).

Por essa citação, identificamos a relação que o autor faz entre a estrutura em questão e o adoecimento dos olhos. Há o deslocamento dos conflitos do anel ocular para o corpo todo, impedindo que haja um adoecimento concentrado nesses órgãos.

Igualmente, ao discutir sobre o resfriado comum, Lowen (1980, p. 23) afirma que “el individuo esquizofrénico no es tan susceptible a los resfríos como otros porque permanece en una condición de congelamiento”. Ao dizer isso, o autor faz referência à teoria do stress, em que o choque causado por uma situação estressante leva a um estado de congelamento inicial que vai se regulando ao longo do tempo. Para isso, o corpo produz o resfriado como forma de “descongelar-se”, mantendo a homeostase do organismo. Esse processo explica, por exemplo, as secreções nasais e a sensação de febre que acometem o indivíduo com resfriado. Portanto, o indivíduo esquizoide se torna menos propenso a esse tipo de adoecimento porque se mantém na condição de congelamento, o que faz com que o resfriado não tenha função na regulação desse organismo.

Por outro lado, expõe outro aspecto do adoecimento esquizoide ao discutir sobre a relação entre a pneumonia e a precária respiração que há nessa estrutura. Lowen (1980, pp. 23-24) ressalta que “Sin embargo, debido a su pobre respiración es susceptible a la neumonía a medida que envejece. En el pasado antes de los antibióticos ésta era a menudo su enfermedad fatal”. Na perspectiva do autor, compreende-se que a falta de estruturação do ego, e, conseqüentemente, a fraqueza corporal, reflete uma defesa precária e pouco estruturada, que o deixa menos resistente às infecções e, portanto, mais suscetível ao adoecimento.

No segundo capítulo, foi discutida a questão da alimentação como uma das formas de carga de energia. Problemas na alimentação do indivíduo esquizoide também são relatados na literatura por Boggio (1980). A anorexia, por exemplo, é uma forma de adoecimento que representa um impacto tanto no psiquismo como no corpo do indivíduo. De acordo com esse

autor, os traços esquizoides são encontrados em muitos pacientes com esse diagnóstico, o que está relacionado com o vazio existencial vivenciado por eles. Os indivíduos privados de uma alimentação adequada também são destituídos da carga energética que deveriam receber por meio dela. É um processo que ocorre nos dois níveis, simultaneamente, uma vez que o grande vazio emocional e a dificuldade existencial que o indivíduo esquizoide vivencia se articulam com o vazio ocasionado no corpo pela ausência de nutrição.

Portanto, para Lowen (1980), a mesma estruturação de defesas apresenta uma predisposição a desenvolver certas enfermidades e também deixa de ser propícia a outras. Desse modo, o ego e o corpo frágeis fazem com que o esquizoide seja menos resistente às infecções. Ademais, o ego e o corpo fragmentados e cindidos, fazem com que os conflitos sejam transferidos para o corpo todo. Podemos considerar essa característica como um ponto positivo e saudável da estrutura, uma vez que poupa certas partes do corpo de adoecerem pela distribuição do conflito para os aspectos globais.

d) Emoções fragmentadas e a fragilidade na relação amor/sexo.

Neste momento, pretende-se discutir sobre o medo e o terror que marcam as emoções no esquizoide. Percebe-se que o medo afeta a sua sexualidade e inibe a expressão do amor, o que acarreta consequências na saúde e o adoecimento do indivíduo.

Uma vez que há uma grande fragmentação no indivíduo com essa estrutura e baixa carga periférica, o esquizoide constantemente se sente “quebrado”. Como já identificado anteriormente, o medo é a emoção básica que perpassa os aspectos de sua vida.

Associando as patologias respiratórias às emoções, o autor aponta que

esse tipo esquizofrênico de respiração, tem um sinal emocional. [...] Não é difícil reconhecer nisso uma expressão de medo. O esquizofrênico respira como se estivesse em estado de pânico. Ocasionalmente, pode-se discernir esse terror na expressão dos olhos e face (Lowen, 1958/1977, p. 327).

Logo, medo é uma emoção que tem sua expressão psíquica por meio do pânico, assim como sua expressão física pela respiração alterada. Além disso, os sentimentos são interiorizados pelo indivíduo, uma vez que a carga energética se afasta da periferia. “A retirada de sentimento da periferia do corpo constitui o mecanismo da defesa esquizoide.” (Lowen, 1967/1979, p. 96). Como forma de defesa, há uma redução do nível de contato com o

ambiente externo, o que inclui as relações interpessoais e a relação com o mundo circundante de forma geral.

Como discutido no tópico sobre o desenvolvimento infantil, o amor não foi vivenciado pelo esquizoide em suas primeiras experiências e se instaura a frieza e o ódio em suas relações. Para Lowen (1967/1979), há uma sexualidade complicada nos indivíduos esquizoides e esquizofrênicos, marcada por ilusões e delírios. Assim como os seus egos se estruturam de forma frágil, a sexualidade é marcada pela não identificação do ego com o corpo. Inclusive, o autor se refere à constrição que ocorre na região da cintura em muitos pacientes esquizoides, relacionando-a à sexualidade.

A constrição na região da cintura dá a forte impressão de que o corpo se divide em duas metades. É possível interpretar esse fato como uma tentativa por parte da pessoa de dissociar a metade superior do corpo, com a qual o ego se identifica, da sexualidade da metade inferior (Lowen, 1967/1979, p. 73).

Em suma, o indivíduo esquizoide possui baixo contato com a realidade e se esquiva de contatos mais íntimos. Os sentimentos e as atitudes predominantes são baseados no medo, o que faz com que utilize muito sua racionalidade como forma de defesa. A pessoa se sente fragmentada, como se estivesse quebrada, o que reflete em sua percepção do mundo e em sua forma de se colocar diante dos outros e da realidade.

e) Contexto sociocultural e o precário contato com a realidade.

Lowen discute a relação entre a cultura moderna e a sanidade mental, definindo os esquizoides como indivíduos pouco ligados à realidade. Para além de um tipo de caráter, Lowen (1967/1979, p. 54) fala de um “funcionamento esquizoide”, que ocorre quando há uma dissociação entre prazer e atividade, comum na cultura moderna.

Para tornar-se parte da mecanização e padronização de uma produção em massa, é preciso força de vontade. Quando a vontade se torna o mecanismo básico da ação, deslocando assim a força motivadora normal que é o prazer, o indivíduo passa a funcionar de maneira esquizoide.

Na citação, o autor se refere à perda de identidade pessoal que ocorre com grande parte dos indivíduos diante da cultura de massa. Também remete à falta existencial que os esquizoides experimentam e afirma que “é compensada através de identificações sociais”

(Lowen, 1967/1979, p. 72). Em sua concepção, o esquizoide supre a carência de si mesmo com o deslocamento dos interesses para as ações coletivas. Esse desmembramento ocorre como forma de defesa contra a própria existência.

A frágil ligação dos indivíduos com a realidade e com o próprio corpo é marca de uma cultura que supervaloriza a imagem e as ilusões em detrimento de uma saudável integração entre o ego e o corpo. A fragmentação que Lowen (1958/1977, 1967/1979) aponta é estimulada pela sociedade contemporânea, bombardeada, a todo o momento, pelo excesso de informações e por novas e múltiplas referências que são apresentadas aos indivíduos. Nessa perspectiva, a cultura atual contribui cada vez mais com as formas de adoecimento ligadas à experiência do vazio, do desamparo e da falta de limites.

4.2 A Estrutura Oral e o Adoecimento Ligado à Falta e à Fragilidade

A questão básica do indivíduo oral é a dificuldade de buscar satisfazer suas necessidades de forma autônoma, se colocando constantemente em uma condição de dependência em relação aos outros e se vitimando em relação ao mundo.

Calegari (2005) apresenta uma diferenciação entre dois subtipos do caráter oral, sendo eles oral repressivo e oral insatisfeito. A diferença está, principalmente, no aspecto de orgulho e de não ceder do primeiro e em uma característica de pedinte e sugador do segundo. Na estrutura corporal, ambos apresentam hipotonia muscular, porém, há uma diferença na alimentação excessiva e no acúmulo de gordura que há no oral insatisfeito. Em contraposição, o oral repressivo se apresenta com uma estrutura mais enrijecida, tendências a uma alimentação precária e pouca gordura no corpo. Embora essa seja uma informação relevante e que pode ser observada na prática clínica, essa diferenciação não foi encontrada na obra de Lowen.

Percebemos que a estrutura oral repressiva apresentada por Calegari (2005) se aproxima mais da estrutura oral descrita por Lowen (1958/1977, 1972/1983, 1975/1982). Para o presente trabalho, manter-nos-emos com a tipologia de Lowen por acreditarmos que, mesmo que os dois subtipos tenham suas formas de lidar com a falta de energia, ambos mantêm as características de um núcleo oral baseado na falta, na carência afetiva e na dependência.

a) Desenvolvimento infantil e a experiência da privação e do desamparo.

A estrutura oral é caracterizada pela privação e pela não satisfação das necessidades de afeto e cuidados durante os primeiros anos de vida. Constitui-se a partir de uma reação ao medo da situação original de abandono e privação que ocorreu no início da vida do indivíduo. Segundo Lowen (1958/1977), a defesa oral se estrutura na primeira infância, mais precisamente na fase oral descrita por Freud (1905/1987), entre os primeiros dias de vida e os dois anos. Freud não fala de um caráter oral especificamente, mas alguns de seus comentadores utilizam o conceito para se referir a um caráter originado de uma fixação na fase oral (Abraham, 1970; Berjeret, 2000).

Lowen (1975/1982, p. 138) também explica a fixação nessa fase do desenvolvimento e define a constituição da estrutura oral da seguinte forma: “a privação inicial pode ser devida à perda real de uma figura materna calorosa e amiga, seja por morte, doença ou ausência determinada pela necessidade de trabalhar”. Logo nos primeiros anos de vida, a situação enfrentada por esses indivíduos é a de não ser amparado e satisfeito em suas necessidades básicas, sejam afetivas ou físicas. Diante de um abandono primário, ele se defende, colocando-se sempre em uma posição de frustração e vitimização diante de uma realidade que o desampara. Acredita que o mundo lhe deve algo, o que sustenta sua relação de dependência.

Para Lowen (1980), o medo ocasionado pela falta de apoio e proteção vivenciada pelos indivíduos seria o responsável, por exemplo, por problemas no intestino e nos olhos. A explicação lógica seria que “El estrés en estos individuos no es causado por la dependencia sino por el esfuerzo para negar la necesidad de apoyo. Esto es hecho apretando el vientre y el intestino de manera de no sentirse ansioso o inseguro.” (Lowen, 1980, p. 21).

Nessa perspectiva, o indivíduo cria uma fachada de independência, negando suas necessidades, e o choque causado por uma situação de desamparo atual se torna maior do que a pessoa pode suportar.

El anhelo o deseo de proximidad es experimentado como un flujo de excitación a lo largo de la parte frontal del cuerpo que carga la boca, labios y brazos. [...] El cumplimiento de ese deseo en un niño conduce a un estado de dicha, pero si las necesidades orales del niño no son satisfechas, el ansia persiste en la adultez como un dolor en el pecho y garganta (Lowen, 1980, p. 13).

Nessa citação, notamos que o indivíduo oral revive a situação original de abandono, e isso gera um estado de angústia em que a energia se mostra insuficiente para combater o

agente estressor, levando o corpo a um estado de esgotamento, o qual caracteriza o adoecimento.

b) Baixa carga de energia.

Em termos energéticos, é uma defesa caracterizada pela baixa carga. A energia não está privada da periferia como na condição esquizoide, mas se encontra apenas de forma “minguada” (Lowen, 1975/1982, p. 136).

O corpo é frágil e a musculatura é subdesenvolvida, além de ser comum que partes do corpo se apresentem “imaturas”. “A respiração é superficial, o que explica o baixo nível energético em seu corpo” (Lowen, 1975/1982, p. 137). Além disso, o *grounding*, nessa estrutura, é insuficiente, embora seja maior que na esquizoide, representando um precário contato com o próprio corpo e com a realidade.

O autor apresenta a distribuição energética da estrutura pelo diagrama seguinte.

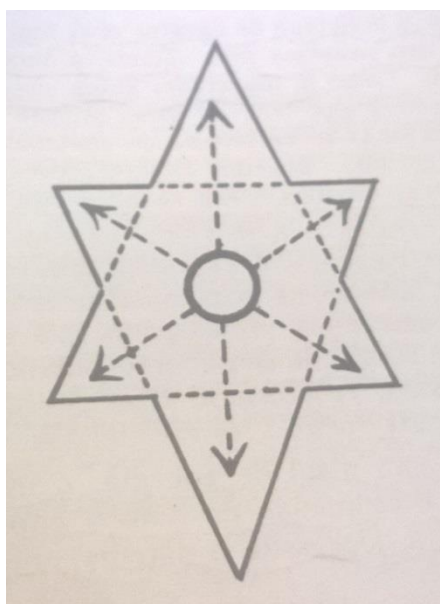


Figura 14 – Distribuição energética da estrutura oral.

Fonte: Lowen (1975/1982, p. 137).

O diagrama é utilizado para representar a direção e a forma de distribuição do fluxo energético nessa estrutura. A superfície possui mais carga energética do que a estrutura

esquizoide, porém, a fragilidade e a escassez do fluxo de energia são representadas pelas setas pontilhadas. A imagem a seguir mostra como ocorre o fluxo energético no corpo do indivíduo.

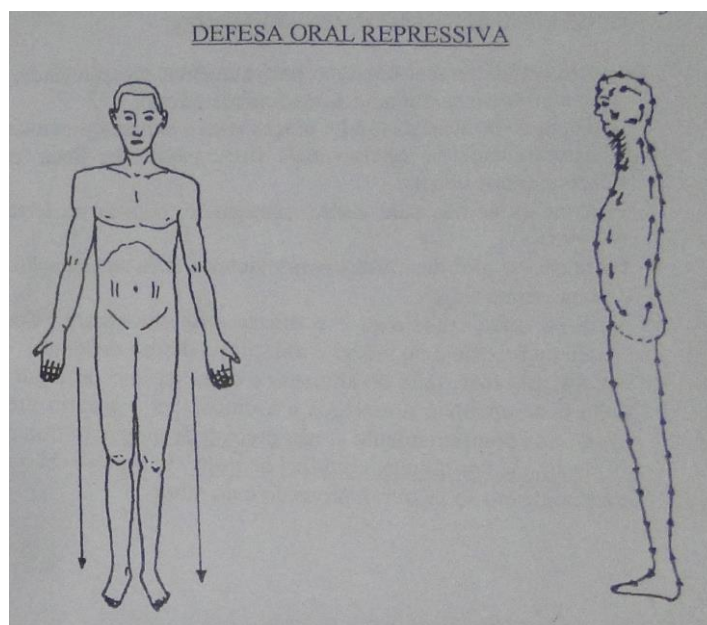


Figura 15 – Representação ilustrativa do corpo típico e o fluxo energético da estrutura oral.

Fonte: Calegari (2005).

A figura à esquerda apresenta o corpo típico oral. As setas longas para baixo mostram o colapso e a baixa carga energética nas pernas, bem como a fragilidade da base. Na figura à direita, as setas indicam como a energia flui melhor ao longo do corpo do que nos indivíduos esquizoide. Porém, é uma energia minguada e que mantém o corpo sempre com baixa carga, o que reflete na musculatura subdesenvolvida.

A estrutura oral apresenta-se constituída por defesas frágeis, com pouca capacidade de reação diante dos agentes estressores. Há uma relação entre essa estrutura e a propensão à fadiga corporal pela baixa carga energética. “Este pressuposto de uma falta de energia é apoiado pelo fato de que sua estrutura está frequentemente associada à baixa pressão arterial e a um metabolismo basal-normal baixo” (Lowen, 1958/1977, p. 163). Portanto, a baixa carga energética, aqui, aparece como um indicador de que seja mais propensa ao colapso diante das situações estressoras, de acordo com a Teoria do Stress, de Hans Selye (Lowen, 1980).

No que diz respeito ao fluxo de energia e às tensões encontradas na estrutura, o autor afirma que:

Cefaleias são uma queixa comum dos caracteres orais. Pode-se explicar sua frequência pelas tensões no pescoço e cabeça. Qualquer esforço que produza um fluxo de energia mais forte para a cabeça pode resultar numa dor de cabeça de pressão ou na tontura, à que são propensos [...] As tensões musculares são particularmente espalhadas no caráter oral. Sempre se encontra um forte anel de tensão ao redor da cintura escapular e na base do pescoço (Lowen, 1958/1977, p. 164).

Nessa citação, percebemos que há muitos pontos de tensão no corpo do indivíduo oral, o que está relacionado com a dificuldade em ter a energia fluindo pelo corpo. Com a falta de energia, os músculos são subdesenvolvidos e a função genital é fraca, o que será discutido nos tópicos seguintes.

c) Fragilidade do Ego e do Corpo.

O indivíduo oral possui o ego fraco, representando uma fragilidade geral e pouca tolerância para lidar com as frustrações advindas do conflito entre as demandas internas e externas.



Figura 16 – Representação ilustrativa do corpo do tipo oral.

Fonte: Cervantes (2011).

A Figura 12 mostra o corpo típico da estrutura oral, em que as pernas subdesenvolvidas representam uma base frágil. Há uma hipotonia nos músculos dorsais, resultando em uma baixa sustentação da coluna e em ombros colapsados.

Da mesma forma, o indivíduo oral se encontra em uma situação de desamparo e de fraqueza emocional, sendo comuns as atitudes de dependência diante da vida e a sensação de vazio e de fraqueza em situações de tensão.

Uma vez que os músculos são o correspondente corporal do ego, ao seguir a lógica da falta de energia e do subdesenvolvimento destes é possível se pensar na incidência de problemas musculares nessa estrutura. Rego (2003) discute a hipotonia muscular, associando-a ao conceito de couraça de Reich. O autor liga o subdesenvolvimento da musculatura à fragilidade constitucional e à repressão dos impulsos e demonstra como a zona oral é afetada pela inibição da agressividade (Rego, 2008). Essa ideia vai ao encontro da apresentada por Lowen (1980) a respeito da negação das necessidades e repressão dos sentimentos hostis no indivíduo oral.

Na mesma perspectiva, “a pele na estrutura de caráter oral é fina e facilmente machucável” (Lowen, 1958/1977, p. 167). Isso mostra, mais uma vez, a relação entre o sentimento generalizado de fraqueza e o adoecimento nesse sentido.

Lowen (1958/1977) relata um de seus casos clínicos, em que o paciente se sentia desamparado inclusive diante dos terapeutas, tendo se mantido pouco tempo em cada um. O paciente sofria de dores de cabeça severas e náuseas e ele próprio relacionou-as com os sentimentos de desamparo que vivenciava constantemente. “Como resultado da deflação de seu ego, o paciente disse ter desenvolvido os sintomas de diarreia, indigestão, insônia e cefaleias” (Lowen, 1958/1977, p. 156). Nesse exemplo, o ego enfraquecido é relacionado aos sintomas físicos apresentados pelo paciente, evidenciando a correspondência que há entre a esfera emocional e a corporal.

d) Emoções – tristeza e raiva, sexualidade frágil e amor dependente.

A emoção básica do indivíduo oral é a tristeza, já que vivenciou, desde muito cedo, o desamparo e as frustrações. Diante do desamparo, o ego enfraquece, há uma depressão energética e os sentimentos se tornam ambivalentes e oscilantes (Sântos, 2009). Para Lowen, (1972/1983), a depressão é a principal comorbidade psiquiátrica associada à oralidade e o autor a considera, acima de tudo, como física e energética, e não só como transtorno psíquico. Outros sentimentos associados ao desamparo e à carência afetiva também se mostram frequentes, como o medo e a raiva. O histórico de abandono gera fortes sentimentos de hostilidade, que, uma vez reprimidos, geram o sentimento de culpa. Por sua vez, a culpa

influencia no desenvolvimento da depressão (Lowen, 1972/1983) como forma de defesa contra o próprio esgotamento do corpo.

Foi possível encontrar, na literatura, que os músculos oculares se tornam tensos e contraídos em uma situação de medo. “O olho míope está num estado de choque parcial bloqueando, deste modo, a manifestação de qualquer emoção por meio desse órgão” (Lowen, 1975/1982, p. 253). O autor associa a propensão à miopia com os traços orais baseados na angústia e no medo, em que os olhos são comprometidos pela inibição dos sentimentos.

Na visão de Lowen (1958/1977), o indivíduo experiencia sua sexualidade de forma frágil e o amor de forma dependente. Isso significa que o oral geralmente se relaciona afetivamente com o objetivo de suprir suas carências afetivas, ser cuidado e acolhido.

e) Cultura, anseios e privação emocional.

Lowen (1980) discute a epidemia de tuberculose pulmonar no século XIX, associando-a ao romantismo vigente nessa época e aos anseios não satisfeitos dos indivíduos. Tendo isso em vista, faz sentido pensar em uma associação entre essa doença e a estrutura em questão.

Apesar de claramente associar uma infecção bacteriana e um estado de privação emocional, o autor ressalta que o fator emocional não é o único responsável pelo desenvolvimento da enfermidade, mesmo porque o indivíduo obviamente deve estar exposto às bactérias para que seja contaminado. Porém, questiona as razões que fazem com que a doença se desenvolva em alguns indivíduos que adquirem a infecção e em outros não (Lowen, 1980).

O autor também não desconsidera os vários outros fatores envolvidos no processo de adoecimento, uma vez que “Condiciones de vida pobres, hacinamiento, nutrición inadecuada falta de aire fresco y ejercicio, y fatiga operan para reducir la energía de una persona y hacerla incapaz de enfrentar una infección.” (Lowen, 1980, p. 13). Entretanto, afirma que “la actitud caracterológica de la persona es el factor que ampliamente determina qué enfermedad va a desarrollar si el estrés de vida se vuelve insoportable.” (Lowen, 1980, p. 13).

Observa-se certo determinismo nessa citação, pois o autor associa a atitude caracterológica ao adoecimento. Notamos que realmente há uma relação entre caráter e adoecimento para ele e que os traços orais estão associados a uma maior propensão a desenvolver enfermidades que acometem o corpo devido à fragilidade psicocorporal.

4.3 A Estrutura Psicopática e a Negação da Realidade e do Adoecimento

Ao descrever as estruturas em seu primeiro livro, Lowen (1958/1977) fez breve referência à estrutura psicopática, acreditando ser uma estrutura de base tão complexa que merecia uma discussão mais aprofundada em outro momento. Posteriormente, quando definiu essa defesa entre os tipos básicos (Lowen, 1975/1982), mostrou mais uma vez a complexidade e a dificuldade em descrever as características dessa estrutura. Em seguida, escreveu um artigo dedicado a discutir a personalidade psicopática, diferenciando-a do que ele chama de caráter psicopático (Lowen, 1976). Aponta como uma das maiores dificuldades em entender essa estrutura o fato de que dificilmente os indivíduos desse tipo se mantêm na terapia, o que dificulta o estudo dos casos.

A defesa psicopática se estrutura na fase anal, mais especificamente na etapa de expulsão descrita por Freud (Abraham, 1970) e surgimento do controle, aproximadamente entre os 18 e os 30 meses. Percebe-se que a questão básica dessa estrutura permeia os temas de sedução e controle. O indivíduo psicopata foi traído em sua essência e manipulado na fase de desenvolvimento da sua autonomia. Para ser aceito e reconhecido, desenvolve a característica de atender às expectativas que os outros projetam nele. Por essa habilidade, é considerado um indivíduo sedutor e/ou manipulador. Isso foi aprendido na relação sedutora com seus genitores, em especial o genitor do sexo oposto (Lowen, 1975/1982, 1976). Dessa forma, na fase em que começa a estruturar sua autonomia, aprende que não pode ser ele mesmo, pois, caso contrário, não será amado, distanciando-se, inclusive, de sua própria sexualidade e controlando a si mesmo e aos outros que estão ao seu redor.

É interessante observar que na obra de Lowen não há referências ao adoecimento ligado à estrutura psicopática. Levantamos algumas hipóteses referentes a esse caso, ligadas às características particulares dessa estrutura e também à falta de literatura sobre ela.

Em relação à falta de literatura, dois fatores devem ser considerados. Primeiramente, Lowen (1958/1977) diz que essa estrutura é tão complicada que mereceria uma análise posterior, como já mencionado. Em segundo lugar, as pessoas com predomínio dessa estrutura quase não procuram ou não se mantêm em terapia (Lowen, 1976). Para o autor, isso se deve à desconexão com sua própria verdade e com as relações afetivas, uma vez que foram traídos em suas relações primárias. Por essa razão, são poucas as possibilidades de estudos de caso, inclusive os de Lowen, uma vez que poucos pacientes com essa estrutura se apresentam e se mantêm em processo terapêutico.

Em relação às características específicas da psicopatia, também podemos questionar se é uma estrutura menos propensa ao adoecimento, o que se configura como uma hipótese, a qual será apresentada e discutida nos subtópicos seguintes.

a) Desenvolvimento infantil, sedução e apego à imagem ideal.

A defesa psicopática se estrutura na relação de sedução estabelecida com o genitor do sexo oposto, sendo uma sedução encoberta, na qual o genitor sedutor rejeita a criança e o que ela é em função da satisfação de suas próprias necessidades. Dessa forma, ela se coloca em uma posição de desafio frente ao genitor do mesmo sexo, dificultando a posterior identificação com ele. Nesse caso, acaba se identificando com o genitor sedutor e com a imagem dele criada. Em decorrência disso, aprende a ser o que esperam que seja, negando sua própria realidade (Lowen, 1975/1982, 1976).

Considerando a constituição dessa estrutura, levanta-se a hipótese de que é possível que esse indivíduo tenha aprendido a negar suas necessidades e as reações do próprio corpo em favor de uma imagem ideal construída, para ele, de sucesso e poder. Esse aprendizado incluiria não demonstrar o adoecimento e a fragilidade, a não ser que houvesse alguma intenção de manipulação.

b) Deslocamento superior da energia.

Nessa estrutura, há uma concentração de energia na parte superior do corpo e uma desproporção com a parte inferior, manifestando uma imagem poderosa sobre bases frágeis. O autor também faz uma diferenciação entre um subtipo manipulador e outro sedutor, tendo esse segundo um corpo mais proporcional.

Lowen (1975/1982, p. 140) apresenta a distribuição energética da estrutura no seguinte diagrama:

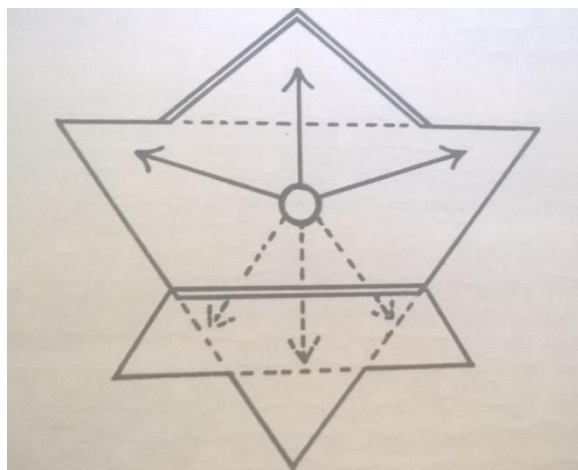


Figura 17 – Diagrama representativo da distribuição energética da estrutura psicopática.

Fonte: Lowen (1975/1982, p. 140).

O diagrama é utilizado pelo autor para representar a direção do fluxo energético para a parte superior do corpo, assim como a fragilidade na parte de baixo, vista pela redução estrutural da parte inferior. As setas maiores e contínuas indicam a força energética direcionada para a parte superior, enquanto as menores e pontilhadas a escassez de energia na base. As linhas duplas na parte de cima mostram a concentração de tensão na cabeça e o poder mental que há nessa estrutura. A imagem a seguir explica como ocorre o fluxo energético no corpo do indivíduo psicopata.

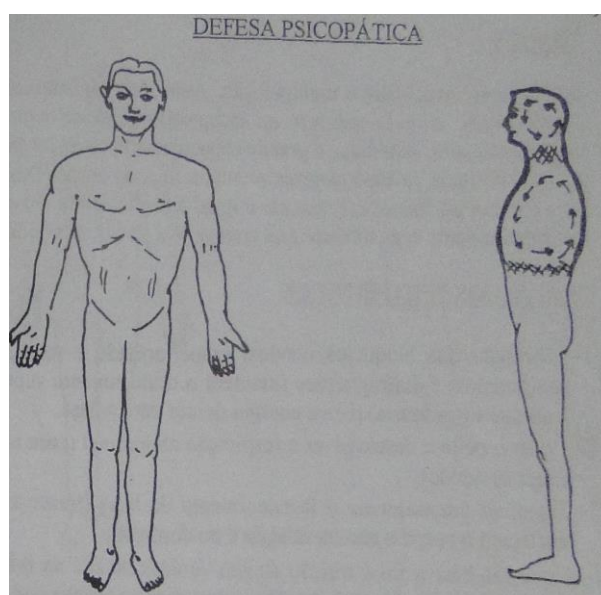


Figura 18 – Representação ilustrativa do corpo típico e o fluxo energético da estrutura psicopática.

Fonte: Calegari (2005).

A figura à esquerda apresenta o corpo típico da estrutura psicopática de perfil manipulador, com uma diferença entre o tônus muscular na parte superior e inferior do corpo. Na à direita, há uma concentração de energia na parte superior do corpo, especificamente no tronco e na cabeça. A energia se distancia das pernas e dos órgãos genitais, mostrando o comprometimento sexual que ocorre nessa estrutura. Consequentemente, a base é frágil e infantilizada, vista tanto pelas pernas desproporcionalmente mais finas quanto pela pelve imatura.

A energia na estrutura psicopática é caracterizada pelo deslocamento para a região superior do corpo, assim como uma cisão no diafragma, separando as metades superior e inferior. Esse deslocamento sugere a construção de uma imagem de poder sobre bases frágeis. A fragilidade oral e a falta de energia nas pernas são supridas por uma alta carga energética no tronco e na cabeça, expondo grande vivacidade nessa região, especialmente nos olhos. Segundo Calegari (2005), a respiração é mantida em atitude inspiratória e há forte contenção diafragmática, assim como uma ausência de respiração abdominal. Há um intenso controle mental e fuga do corpo, o que indica um baixo contato com os próprios sentimentos e com a própria realidade. Levantamos a hipótese de que é possível que o adoecimento seja negado devido ao baixo contato com os próprios sentimentos e em função da baixa carga energética na base e na sexualidade, assim como por sua atitude de sedução ao demonstrar poder e soberania diante de outros.

c) Ego inflado e relação de negação do corpo.

“Na personalidade psicopática, o ego, ou mente, volta-se contra o corpo e seus sentimentos, principalmente os de natureza sexual. [...] A função normal do ego é dar apoio às tentativas do corpo de encontrar prazer e não de subvertê-las a favor da imagem do ego.” (Lowen, 1975/1982, p. 139). Nessa citação, o autor demonstra sua concepção acerca da relação não natural que o ego estabelece com a realidade na estrutura psicopática.

Embora seja mais forte que nas estruturas anteriores, o ego do indivíduo psicopata nega seu próprio corpo e seus sentimentos em função da identificação com a imagem criada sobre ele. Lowen (1983/1988) relaciona a personalidade psicopática ao narcisismo, ressaltando o distanciamento que há entre o ego e o corpo desse indivíduo, entre a ilusão e a realidade.

Lowen (1975/1982) define dois subtipos de psicopatas: um utiliza o controle pela manipulação mental e o outro pela sedução e sexualidade. As figuras seguintes demonstram uma diferenciação entre as estruturas psicopáticas de perfil manipulador e sedutor.

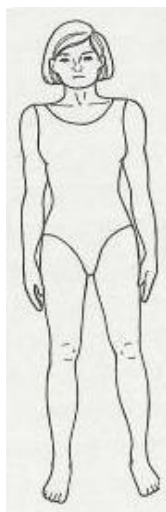


Figura 19 – Defesa Psicopática – perfil manipulador.

Fonte: Cervantes (2011).



Figura 20 – Defesa Psicopática – perfil sedutor.

Fonte: Cervantes (2011).

Sobre o tipo sedutor, apenas faz referência à maior regularidade do corpo e que “as costas são hiperflexíveis” (Lowen, 1975/1982, p. 140). Contudo, mostra que, em ambos os casos, “há um distúrbio do fluxo entre as duas metades do corpo” (Lowen, 1975/1982, p. 140). Apesar de não haver muitas referências a essa diferença, assim como não há muitas descrições sobre o caráter psicopático como um todo, percebe-se que a distinção entre esses dois tipos está na concentração de energia. No perfil manipulador, a energia se concentra na parte superior; já no perfil sedutor, na pelve, conforme podemos observar nas Figuras 15 e 16. Notamos que o perfil sedutor se utiliza da sexualidade para controlar, enquanto o perfil manipulador não possui muita carga sexual, utilizando-se da influência e da imagem para controlar o outro.

Os indivíduos com essas defesas de caráter se estruturam em torno da necessidade de controle e de negação da fragilidade. A existência dessa fraqueza constitucional é descrita por Lowen (1975/1982, p. 141) ao dizer que eles apresentam “uma certa dose de oralidade”. As relações que esses indivíduos estabelecem com a imagem os levam a não suportar o fracasso e a buscar obter um bom desempenho, sobressaindo-se sobre os outros. Negam os seus sentimentos, assim como suas necessidades e fraquezas.

Nessa estrutura, o ego se mostra aparentemente forte, porém, resiste sobre bases frágeis que nem sempre conseguem sustentar a imagem. Há uma grande negação dos próprios sentimentos e uma necessidade de controle que faz com que os músculos na parte superior do corpo se tornem fortes e poderosos, servindo ao propósito de manipulação. Uma vez que os músculos correspondem ao ego e ao controle diante dos conflitos vivenciados, o conflito diante das frustrações e privações de ordem orais é resolvido pelo deslocamento da energia para a imagem, distanciando-se da realidade e dos conflitos emocionais e sexuais. Dessa forma, seguindo esse raciocínio, levantamos a hipótese de que todo o esforço do ego serve ao propósito de manter a imagem criada e o controle sobre si e sobre os outros, não havendo espaço para o colapso e o “fracasso” que a doença representaria para esse indivíduo.

d) Negação das emoções e sexualidade ligada ao poder e dominação sobre o outro.

“A essência da atitude psicopática é a negação do sentimento” (Lowen, 1975/1982, p. 139). Nessa citação, notamos que as emoções são evitadas e negadas em função de uma imagem criada pelo indivíduo para mantê-lo na posição de poder. Há uma forte relação do indivíduo psicopata com a necessidade de controle sobre a realidade e o temor da experiência de traição já vivenciada.

Igualmente, “a sexualidade é invariavelmente empregada neste jogo pelo poder. [...] O prazer dentro da atividade tem importância secundária em relação ao desempenho próprio ou à conquista.” (Lowen, 1975/1982, p. 141). Assim, a vivência da sexualidade é desconectada do próprio corpo e dos próprios sentimentos. O amor não é experienciado de forma genuína, e sim pela relação de controle e dominação sobre o outro.

e) Cultura da imagem e do poder.

Lowen (1976) discute a estrutura psicopática sob um ponto de vista cultural e social. Associa os indivíduos com essa estrutura aos representantes políticos da sociedade, a uma cultura que defende a dominação e o poder sobre o outro e ao controle sobre os próprios sentimentos em função da imagem. Também se refere aos representantes religiosos e aos executantes de cargos altos e poderosos no mundo do trabalho.

É importante observar que há uma cultura que predispõe à negação dos sentimentos e à valorização do controle e do poder. A saúde é considerada em termos da imagem, e não da

realidade corporal e emocional. A fragilidade deve ser negada a todo o custo, da mesma forma que o adoecimento.

Lowen (1975/1982) também aponta a presença de traços masoquistas nessa estrutura, discutindo-os em termos da relação entre submissão e controle e entre masoquismo e sadismo.

4.4 A Estrutura Masoquista, a Sobrecarga e a Resistência ao Adoecimento

Diferentemente das poucas referências que encontramos sobre a estrutura psicopática, o masoquismo é bastante discutido por Lowen (1958/1977, 1970/1990, 1975/1982) e parece ser um conceito cujas bases teóricas se encontram extensamente descritas na literatura reichiana e freudiana. Talvez isso ocorra pelo fato de Reich ter dedicado muitos estudos a essa estrutura, além de Freud ter discutido o termo em vários de seus textos. Entretanto, as concepções de Freud sobre o masoquismo diferem muito das concepções dos dois outros autores.

A defesa masoquista, assim como a defesa psicopática, também se estrutura na fase anal, mais especificamente na fase de retenção (Abraham, 1970). Lowen (1958/1977, p. 184) faz referência aos traços de caráter anal descritos por Freud, sendo eles “senso de ordem, parcimônia, ou obstinação”, e critica a descrição de seu precursor porque não consegue observar essas características em seus pacientes masoquistas. Apesar de não se opor às ideias de seu precursor, o pensamento de Lowen também se diferencia devido à ênfase que Freud atribui aos distúrbios anais como resultantes da formação desse caráter.

Em seu texto “O problema econômico do masoquismo”, Freud (1924/1987) discute essas características como parte de um distúrbio que tem relação com o instinto de morte e discorre sobre a contraposição entre os impulsos de masoquismo e sadismo. Defende que o indivíduo experiencia naturalmente o sadismo em uma primeira fase e que aquilo que seria o masoquismo original normalmente é transferido para fora por esse sadismo. Contudo, em uma fase seguinte, há um mecanismo que faz com que o sadismo se volte contra o próprio indivíduo, constituindo-se em um masoquismo secundário. Nesse caso, ele aprende que pode reter os impulsos e conter as expressões em função de alguma necessidade imediata. O autor também discute um terceiro tipo, o masoquismo moral, e afirma como é complexo entendê-lo em termos de economia da libido. Considera que naturalmente se espera que o indivíduo reaja ao instinto de morte e que o masoquismo contraria essa “tendência natural”. O masoquista experimenta um grande sentimento de culpa e há um conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte. Isso porque, ao invés de ele deslocar os impulsos destrutivos para fora, o internaliza,

contrariando a economia libidinal. Ao mesmo tempo, também se utiliza disso para obter certa satisfação, o que evidencia a contradição.

Lowen (1958/1977) faz referência à complexidade do tema apoiando-se nessas ideias de Freud. Também recorre aos escritos de Reich (1933/1998), nos quais o masoquismo já é discutido em termos de caráter, distanciando-o da ideia de um distúrbio.

[...] fato peculiar e verdadeiramente enigmático de que certos pacientes pareciam não querer desistir de seu sofrimento, e procuravam rapidamente situações desagradáveis. Isso contradizia o princípio do prazer. Assim, tinha-se de admitir que havia uma intenção interna, dissimulada, de manter o sofrimento ou de reexperimentá-lo (Reich, 1998, p. 221).

O autor se apoiou, por um tempo, nas explicações de Freud, as quais direcionavam à “hipótese de uma pulsão de morte, de uma compulsão à repetição para além do princípio do prazer e de uma necessidade de punição como a base do conflito neurótico” (Reich, 1933/1998, p. 224). Entretanto, ele demonstrou não ficar satisfeito com essas hipóteses de seu precursor e, por fim, apresenta suas próprias conclusões:

Investigando em profundidade a função do prazer no masoquista, deparei-me repentinamente com um fato curioso que, de início, foi muito enigmático, mas que ao mesmo tempo proporcionou um esclarecimento completo da economia sexual e, conseqüentemente, da base específica do masoquismo. O surpreendente, e ao mesmo tempo enigmático, foi que a fórmula segundo a qual o masoquista sente o desprazer como prazer provou ser incorreta. Ao contrário, o mecanismo específico do prazer no masoquista consiste exatamente em que, embora ele busque o prazer como qualquer outra pessoa, um mecanismo perturbador leva esse esforço ao fracasso. Isso, por sua vez, o induz a perceber sensações que são experimentadas como prazerosas pela pessoa normal, como desprazerosas quando excedem uma certa intensidade. O masoquista, longe de buscar o desprazer, demonstra forte intolerância a tensões psíquicas e sofre uma superprodução de desprazer em termos quantitativos, não encontrada em qualquer outra neurose. (Reich, 1933/1998, p. 225).

Essa diferença marca a separação entre a concepção anterior de masoquismo e a concepção desenvolvida por Reich (1933/1998). O autor acredita que o indivíduo masoquista não percebe o sofrimento como prazer, conforme se acreditava anteriormente, e sim como uma falha e uma frustração na busca do prazer. Isso ocorre porque há um mecanismo que faz com que identifique as situações, normalmente consideradas como prazerosas, como desprazerosas quando excedem a intensidade suportada por eles.

Essa conclusão apenas abre caminho para uma longa análise e discussão realizada pelo autor em relação ao caráter masoquista. É necessário se ater ao que Lowen se apropriou, uma vez que seu pensamento mantém coerência com as ideias de Reich, principalmente no tocante ao fato de o indivíduo com essa estrutura tender a se queixar e lamentar diante da vida. Assim como Reich, o autor critica a ênfase no conceito de instinto de morte de Freud. Lowen (1975/1982) define a submissão como sendo a tendência predominante na estrutura masoquista, pois permanece submisso aos infortúnios da vida. Entretanto, o masoquista vive um intenso conflito entre a submissão que aparece externalizada na conduta e, no nível emocional mais profundo, os sofrimentos intensos de “despeito, de negatividade, de hostilidade e superioridade” (Lowen, 1975/1982, p. 143). Dessa forma, há um grande medo de perder o controle sobre esses sentimentos e deixar a agressividade extravasar, o que é contraposto a um padrão de contenção emocional que, no nível corporal, se expressa em músculos densos e poderosos.

Há poucas referências, na obra de Lowen, à relação entre o masoquismo e o adoecimento do corpo. Pretendemos apontar hipóteses para se discutir esse fato nos tópicos seguintes.

a) Desenvolvimento infantil, sobrecarga, submissão e humilhação.

Lowen (1958/1977, p. 196) afirma que “o masoquismo se desenvolve a partir de práticas iniciadas durante o segundo ano de vida”, embora só se configure como estrutura bem mais tarde. Entretanto, a defesa masoquista se configura a partir de traumas ocorridos em um momento do desenvolvimento infantil posterior à fase relacionada à psicopatia. O autor define a estrutura como sendo fruto de um lar no qual, apesar de haver amor e acolhimento, há uma mãe dominadora, que atua com uma repressão severa, e um pai submisso (Lowen, 1975/1982). Todas as manifestações da criança, tanto físicas quanto emocionais – como a alimentação, defecação ou acessos de raiva e birra –, foram suprimidas de alguma forma por uma mãe dominadora, que demonstra se sacrificar pela criança, sufocando-a. Dessa forma, origina-se o grande sentimento de culpa, por parte da criança, com qualquer forma de expressão livre. Essa expressão se desenvolve sempre acompanhada de um profundo sentimento de humilhação.

Segundo Lowen (1975/1982), a ansiedade de castração é muito acentuada nessa estrutura e isso se relaciona com o fato de haver um pai submisso e uma mãe opressora. Entretanto, é interessante ressaltar que esta é a última estrutura de caráter pré-genital (Lowen,

1958/1977), pois o problema se desenvolve antes que os conflitos genitais se estabeleçam, conforme já discutido.

Diante da falta de relações encontradas entre essa defesa e o adoecimento na obra de Lowen, podemos pensar em algumas hipóteses a partir de sua teoria. Primeiramente, vimos que é uma estrutura marcada por grande sobrecarga e por uma mãe repressora. Durante o desenvolvimento infantil, o indivíduo masoquista teve qualquer manifestação, seja física ou emocional, suprimida de alguma forma, como vimos no capítulo anterior. Considerando que o adoecimento também aparece como uma manifestação e que se configura como uma reação a um stress, é possível estabelecer a hipótese de que o indivíduo masoquista tenha aprendido a ter essas expressões reprimidas. Seguindo esse raciocínio, ele pode tender a suportar ou até a buscar mais o stress, sem dar ao próprio corpo a possibilidade de se autorregular. Assim, lida com a sobrecarga como se acostumou a fazer desde a infância. Dessa forma, pode se privar da possibilidade de manifestar fraqueza pela doença.

b) Estagnação e contenção da energia.

Diferentemente da estrutura oral, a masoquista é dotada de um alto nível de energia, mas se encontra estagnada e presa no organismo. “Quando se retraça o movimento energético numa tal estrutura com suas severas tensões na parte posterior do pescoço e, na região lombar inferior, pode-se achar uma explicação para o comportamento masoquista” (Lowen, 1958/1977, p. 194). O autor discute como os impulsos agressivos se encontram direcionados para dentro, além de ressaltar a sensação vivida por esse indivíduo que, ao invés de sentir um vazio interior, como o indivíduo oral, sente-se como se fosse estourar. Isso tem relação com a severa carga de energia estagnada em seu organismo, havendo pontos de estrangulamento da energia pelo corpo. “Devido à severa contenção interna, os órgãos periféricos estão pouco carregados, o que impede tanto a descarga quanto a liberação energética, ou seja, as ações expressivas são limitadas” (Lowen, 1975/1982, p. 143).

Lowen (1982, p. 143) apresenta a distribuição energética da estrutura masoquista pelo seguinte diagrama:

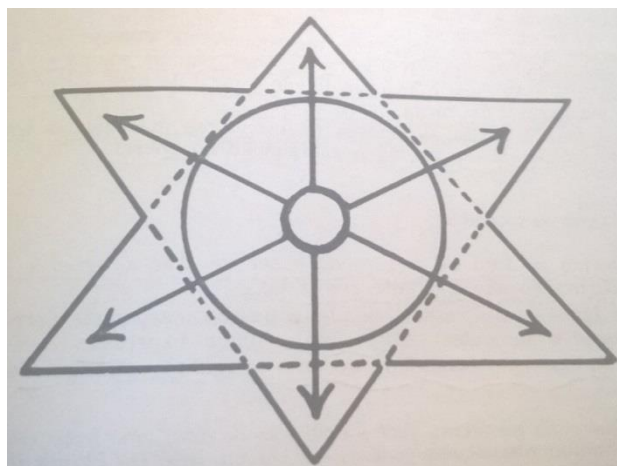


Figura 21 – Diagrama representativo da estrutura masoquista.

Fonte: Lowen (1975/1982, p. 143).

O diagrama é utilizado pelo autor para representar a contenção do fluxo energético nessa estrutura, assim como a densidade energética apresentada pelas bordas espessas e achatadas. A imagem a seguir indica, de forma mais evidente, como ocorre a estagnação do fluxo energético no corpo do masoquista.

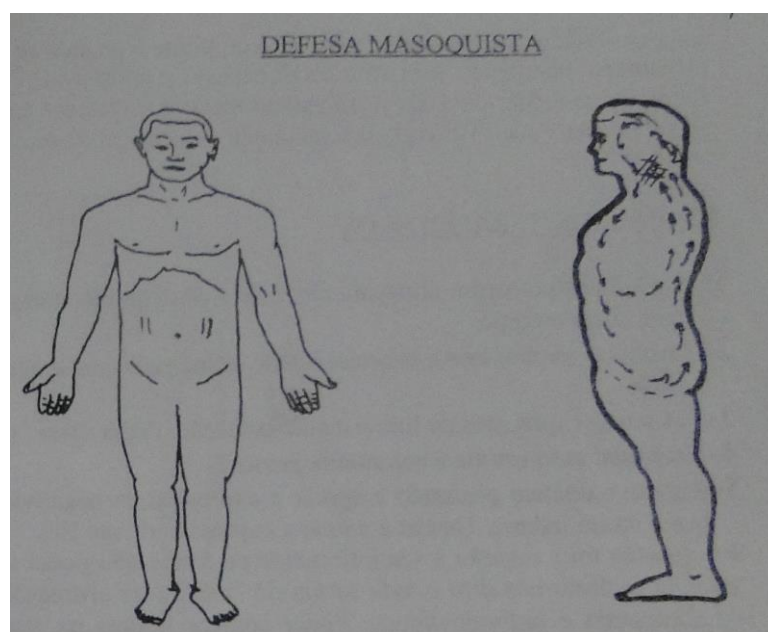


Figura 22 – Representação ilustrativa do corpo e fluxo energético na estrutura masoquista.

Fonte: Calegari (2004).

A figura da esquerda ilustra o corpo masoquista, demonstrando a hipertonia muscular; a da direita mostra sua condição energética, expondo os dois pontos de estrangulamento da

energia, sendo eles o pescoço e a cintura. Também podemos observar que a movimentação da energia se afasta da periferia, concentrando-se no centro. O forte traçado com que foram demarcados os limites laterais apresenta a contenção muscular que impede a livre expressão dos impulsos.

Sobre as tensões nos pacientes masoquistas, o autor descreve uma poderosa tensão na parte posterior do pescoço e um enrijecimento e contração dos músculos abdominais e das nádegas. Também relata uma grande inflexibilidade das juntas dos joelhos e cotovelos, além de uma forte contração dos pés.

Entretanto, é interessante observar que essas características não se configuram como adoecimentos que representem fragilidade. Essas alterações demonstram concretamente, no nível corporal, a sensação de estrangulamento vivenciada por esses indivíduos no psíquico, assim como o fluxo interrompido da energia.

c) Contenção e supressão do ego e do corpo.

Apesar de ainda ser uma estrutura pré-genital, o ego é mais forte do que nas estruturas anteriores, além de ter um superego severo, refletindo em uma estrutura muscular densa e sobrecarregada.

Acompanhando o corpo, o “ego do masoquista está esmagado como se tivesse sido apanhado numa armadilha [...]. Na extremidade superior, é o sentimento forçado e na inferior é a imposição de um treino rígido à limpeza das funções excretoras que constituem as duas repressões” (Lowen, 1958/1977, p. 195). O autor discute como o ego se arma para suportar essa exigência supressora que vêm do externo e que inibe tão fortemente os impulsos internos da criança.

No desenvolvimento desta estrutura de caráter, o sistema muscular da criança em crescimento é subtraído de sua função natural de movimento, para dar lugar à função neurótica de reter. Os músculos se superdesenvolvem a fim de reter impulsos negativos e controlar os naturais (Lowen, 1958/1977, p. 195).

Ele também faz referência à severidade com que o superego se forma nessa estrutura. “Estudos analíticos revelaram que o masoquista tem um superego muito severo. A necessidade de sofrer foi interpretada como uma tentativa de abrandar o superego, de aliviar as dores de uma consciência culpada” (Lowen, 1958/1977, p. 193).



Figura 19 – Representação ilustrativa do corpo típico da estrutura masoquista.

Fonte: Cervantes (2011).

A Figura 19 mostra o corpo típico de uma estrutura masoquista. Esses indivíduos são tidos como “atarracados”, aparentemente encurtados, com o pescoço grosso e curto, músculos densos, pernas fortes. Uma característica típica dessa estrutura é a projeção da pelve para a frente, resultante de um encurtamento para cima e um achatamento das nádegas, lembrando a figura do “cão com o rabo entre as pernas” (Lowen, 1975/1982, p. 144). Em relação às características físicas dessa estrutura, o autor também comenta que “a pele de todas as pessoas de estruturas masoquistas tende ao tom acastanhado devido à estagnação da energia” (Lowen, 1975/1982, p. 144), mas não explica o porquê dessa consideração. Isso possivelmente ocorra pela circulação constante da energia nos mesmos pontos do corpo, deixando a pessoa com um aspecto um pouco mais vivaz que o esquizoide e o oral, que apresentam a pele mais pálida.

O autor ressalta as queixas e os lamentos como sendo a única expressão vocal que realmente sai com facilidade das gargantas estranguladas dos indivíduos masoquistas. “Devido ao fato de a contenção ser severa, a agressão e a autoafirmação são bastante reduzidas” (Lowen, 1975/1982, p. 144). Por outro lado, há a conduta provocativa, na tentativa de receber uma resposta do outro ou do ambiente que justifique e estimule sua própria reação. Os indivíduos masoquistas são tidos como provocadores do ambiente, para que consigam funcionar com a agressividade necessária, porém, isso não se opera conscientemente. Outra característica típica dessa estrutura é o conflito entre a atitude de submissão e cordialidade consciente e os sentimentos hostis que operam no inconsciente.

Considerando que o ego nessa estrutura é forte e mais estruturado do que os tipos de caráter anteriores, é possível pensar que seja uma estrutura que tende a suportar as frustrações e os conflitos.

Em um de seus casos clínicos, Lowen (1958/1977) relata que o paciente se queixa de perda de cabelo e varizes nas pernas. Apesar de haver uma perda dos cabelos nesse caso, o autor contradiz-se ao relatar, posteriormente, um excesso de pelos no corpo dos indivíduos com essa estrutura, inclusive nas mulheres. Ainda, apresenta o seu desconhecimento dos reais motivos que ocasionam essa situação.

Sobre as varizes, levanta-se a hipótese de uma relação com o excesso de peso físico e emocional ao qual esse indivíduo foi submetido, bem como ao que continua se submetendo após a formação do caráter, o que pode gerar uma sobrecarga nas pernas. Essa ideia vai ao encontro do relato de Lowen (1958/1977) sobre uma extrema rigidez nas coxas e pernas de um paciente que ele analisa e diagnostica como masoquista.

d) Emoções contidas e sexualidade reprimida.

Seguindo a mesma linha das outras categorias, notamos que as emoções são contidas e a sexualidade é reprimida em muitos aspectos do indivíduo masoquista. Há uma dificuldade de expressar os sentimentos, especialmente a raiva e a submissão emocional e sexual.

Ao discutir o livre fluxo da energia e ao analisar um de seus casos clínicos, Lowen (1958/1977) identifica algumas questões físicas patológicas, como, por exemplo, a falta de prazer genital e dificuldades na liberação da excitação. O indivíduo analisado pelo autor apresentava diversos episódios nos quais a excitação sexual era contida e “estrangulada”, inclusive interrompendo o orgasmo enquanto se masturbava. Esse caso nos leva a pensar em uma propensão, nessa estrutura, a algumas alterações no funcionamento sexual normal, embora isso não esteja algo claro na literatura.

e) Cultura de contenção e o desejo de transgressão.

É possível levantar algumas hipóteses acerca da relação entre o masoquismo e a influência cultural sobre o indivíduo. Considerando que há uma dificuldade em expressar os sentimentos e impulsos, o indivíduo masoquista possui uma relação negativa com o ambiente cultural e social. Há um comportamento típico de provocar o ambiente para ser atacado e poder se defender (Lowen, 1958/1977). Pode-se inferir que ele lida com a realidade cultural e

social de forma aparentemente submissa, aceitando-a. Entretanto, há uma forte presença de sentimentos negativos ligados à aceitação da realidade e aos desejos reprimidos de ir contra o sistema e negar as imposições externas, o que gera um intenso conflito sobre o ego e muita raiva reprimida.

4.5 A Estrutura Rígida e o Adoecimento pela Cisão entre Amor e Sexo

As estruturas de caráter classificadas como rígidas envolvem as denominadas estruturas genitais, uma vez que as questões básicas que permeiam a constituição desses tipos de caráter são decorrentes de conflitos na fase edipiana, aproximadamente entre os quatro e sete anos de vida. Conseqüentemente, por se estruturar na fase de desenvolvimento da sexualidade, há problemas na sua estruturação, decorrentes de relações conflituosas de amor objetal que a criança estabelece com seus genitores. Lowen (1958/1977, p. 217) diferencia as estruturas genitais das anteriores, alegando que são de “pouca ansiedade, onde o bloqueio afetivo é médio, sendo a estrutura de ego ancorada na função genital”. Em contraposição, as estruturas pré-genitais (esquizoide, oral, psicopata e masoquista) são consideradas “estruturas de ego deficientes, derivadas do domínio de impulsos pré-genitais” (1958/1977, p. 215).

Apesar de fazer parte da tipologia mais recente de Lowen, a classificação dessa estrutura em “rígida” foi encontrada somente em seu sexto livro (Lowen, 1975/1982) e abarca um conjunto de defesas definidas anteriormente e discutidas por Reich (1933/1998). Os estudos de Freud (1924/1987) sobre as neuroses histéricas e obsessivo-compulsivas forneceram as bases para se pensar nas características dessa estrutura, assim como os estudos sobre a sexualidade e sua relação com o Complexo de Édipo. Lowen (1958/1977) associa o que ele chama de estrutura rígida às estruturas neuróticas descritas por seus precursores. São marcadas por relacionamentos mais seguros com a realidade e mais baseadas na genitalidade. Também faz referência ao termo “encouraçamento”, utilizado por Reich para designar as tensões neuróticas, e reforça que as estruturas rígidas são mais próximas do que seu precursor entende por “encouraçadas”, em contraste com a ausência de armaduras que marcam as estruturas pré-genitais (Lowen, 1958/1977). Essa diferenciação na utilização do conceito de couraça já foi discutida no presente trabalho como sendo uma das maiores diferenças entre os dois autores.

O termo “caráter rígido” foi adotado, na bioenergética, para descrever o fator comum a várias personalidades diversamente denominadas. Sendo assim, inclui

os tipos fálicos, narcisistas (masculinos) – nos quais o elemento central é a potência eretiva – e o tipo vitoriano da mulher histérica, como o descreveu Reich em seu *Character Analysis*, a qual usa o sexo como defesa contra a sexualidade. O caráter compulsivo já bem conhecido também faz parte desta ampla categoria. (Lowen, 1975/1982, p. 148).

Em seu livro *O corpo em terapia*, Lowen (1958/1977) faz referência ao termo “rígido”, mas classifica essas estruturas em três: histérica, fálico-narcisista e passivo-feminino, descrevendo-as detalhadamente. Posteriormente (Lowen, 1975/1982), sintetiza-as em um único tipo de caráter, com características comuns aos três subtipos. Como especificado, utilizamos, nesta pesquisa, a tipologia mais recente, descrevendo o caráter rígido em geral e sem nos atermos aos subtipos.

Há uma contradição na concepção de saúde do autor que é importante ressaltar. Lowen (1967/1979) considera que as estruturas genitais são as mais saudáveis. Entretanto, na literatura, essa estrutura está mais associada ao adoecimento corporal, principalmente quando há traços orais por trás da fachada de rigidez. Essa contradição será mais discutida ao longo deste capítulo. Encontramos, em Lowen (1980, 1988/1990), a associação com as enfermidades que acometem o coração, as cardiopatias, assim como o resfriado comum, problemas gastrointestinais e a artrite, bem como problemas de ordem sexual, como a frigidez (Lowen, 1958/1977), decorrentes do conflito sexual instaurado.

a) Desenvolvimento infantil e o período edipiano.

Essa estrutura se desenvolve por um trauma no período edipiano. O autor resume bem a constituição da rigidez da seguinte forma:

O trauma relevante deste caso é a experiência de uma frustração na busca da gratificação erótica, principalmente a nível genital. Essa frustração acontece através da proibição da masturbação infantil e também em relação ao pai do sexo oposto. [...] A rejeição das suas buscas de prazer erótico e sexual é considerada pela criança como uma traição de sua ânsia de amar. O prazer erótico, a sexualidade e o amor são termos sinônimos em sua mentalidade infantil (Lowen, 1975/1982, p. 148).

Daí a relação entre a estrutura rígida e a oral no que diz respeito ao adoecimento. Calegari (2005) estabelece uma relação entre a defesa oral repressiva e a rígida, afirmando que geralmente uma acompanha a outra. Percebemos em Lowen (1980, 1988/1990), assim como em Nascimento (2012), que a falta e a dependência de ordem oral podem ser encobertas

por uma estrutura rígida que suprime os sentimentos hostis decorrentes da frustração oral e cria uma espécie de fachada de autoconfiança e segurança. Dessa forma, as fraquezas orais são disfarçadas, mas não deixam de atuar contra a armadura criada pelo indivíduo. Portanto, a manutenção dessa defesa despende uma grande quantidade de energia, o que leva o corpo ao esgotamento.

Notamos, pela pesquisa de Nascimento (2012), que praticamente todas as pacientes de sua amostra possuem elementos orais na personalidade e uma configuração rígido-histérica na superfície, que funciona para encobrir os sentimentos de falta materna.

b) Alta carga de energia e cisão energética.

Lowen (1975/1982, p.146) define a energia do tipo rígido como sendo aquela de “carga razoavelmente poderosa [...] em todos os pontos periféricos de contato com o meio ambiente”. Ainda, apresenta a distribuição energética da estrutura pelo diagrama seguinte.

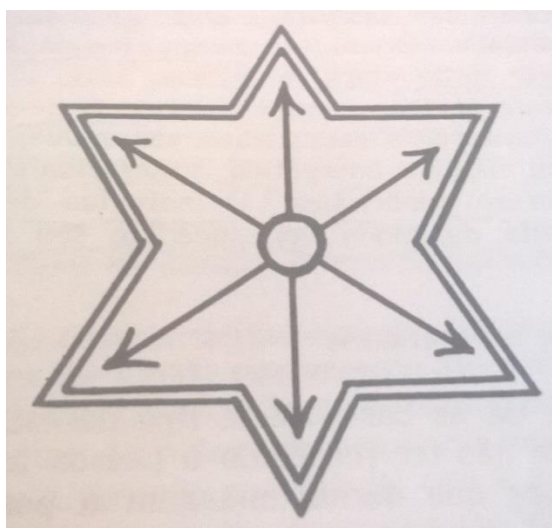


Figura 2023 – Diagrama representativo da estrutura rígida.

Fonte: Lowen (1975/1982, p. 147).

O diagrama é utilizado pelo autor para representar o enrijecimento do corpo e do fluxo energético nessa estrutura, representado pelas bordas reforçadas e pelas setas dispostas de forma rigidamente proporcionais. A imagem a seguir mostra como ocorre o fluxo energético no corpo rígido e a cisão que há entre a região do coração e a região genital.

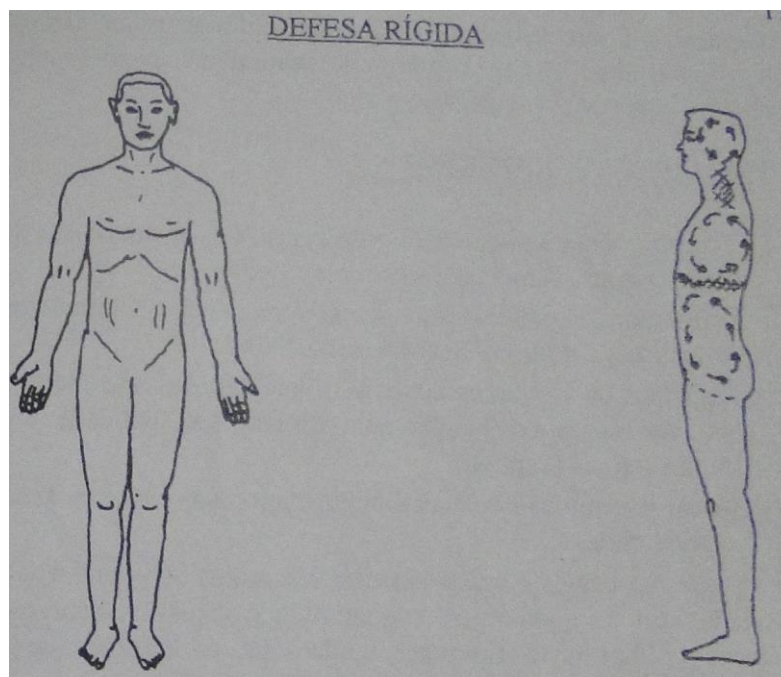


Figura 24 – Representação do corpo e fluxo energético da estrutura rígida.

Fonte: Calegari (2005).

A figura apresenta a proporcionalidade corporal encontrada na estrutura rígida. O fluxo de energia representa uma intensa carga energética na periferia, porém, há uma grande separação entre sentimentos e sexualidade, que pode ser observada pelo bloqueio cervical (Calegari, 2005).

Lowen (1958/1977) considera que a cisão entre amor e sexualidade é patológica e representada por um movimento energético pendular. Isso significa que a energia se direciona ou para o coração ou para os genitais, sendo uma grande defesa contra a vivência plena da própria sexualidade.

c) Força e controle do ego e do corpo.

“A capacidade de se conter deriva de uma forte posição do ego ao lado de um elevado teor de controle comportamental” (Lowen, 1975/1982, p. 146). Segundo o autor, a questão básica dessa estrutura é o conflito resultante de uma ênfase no atendimento às exigências externas, utilizado como meio de defesa contra os impulsos que buscam o prazer. “Devido ao forte desenvolvimento egoico da pessoa, o caráter rígido não abandona sua consciência.” (Lowen, 1975/1982, p. 148).



Figura 25 – Representação do corpo típico na estrutura rígida.

Fonte: Cervantes (2011).

A Figura 22 mostra que há uma proporção entre os membros do corpo no indivíduo com essa estrutura. “O corpo do indivíduo de caráter rígido é proporcional e mostra harmonia entre as partes. A pessoa se sente integrada e conectada” (Lowen, 1975/1982, p. 147). Além disso, o autor aponta que há uma “vivacidade do corpo: olhos brilhantes, boa cor de pele, leveza de gestos e movimentos” (Lowen, 1975/1982, p. 147). Notamos que ele supervaloriza o caráter rígido e o associa com um modelo de saúde. Por outro lado, é importante ressaltar que existem diferentes graus de rigidez e que um grau elevado leva a uma redução do lado positivo das características citadas. A contenção excessiva pode fazer com que a pessoa perca um pouco dessa vivacidade de que fala o autor.

O autor também afirma que comumente esses indivíduos têm orgulho em função do medo de ceder e o temor a uma submissão que acarrete uma perda de sua liberdade. “Os indivíduos com esta estrutura de caráter são geralmente mundanos, ambiciosos, competitivos e agressivos. A passividade é experienciada como vulnerabilidade” (Lowen, 1975/1982, p. 147.). Os rígidos geralmente são considerados bem-sucedidos em seu meio ambiente, lidando bem com as exigências externas, mas à custa de certo desprezo aos próprios sentimentos.

d) Sexualidade e emoções e a cisão entre sexo e amor.

Considerando que o ego, nessa estrutura, é forte e bem estruturado, as defesas que o indivíduo rígido constrói para se proteger do mundo e de sua própria sexualidade são suficientemente poderosas para que ele tenha um grande controle de seus impulsos e de seus comportamentos.

Há um grande bloqueio da expressão dos sentimentos de amor, decorrentes das frustrações vivenciadas. Da mesma forma, há inúmeros pontos de tensão ao longo do corpo, demonstrando o enrijecimento, configurado como forma de defesa contra os sentimentos e sensações. Esse bloqueio do livre fluxo energético demonstra ter relação com o bloqueio do fluxo sanguíneo no sistema cardiovascular, com a dificuldade de expressão dos sentimentos e com disfunções da excitação sexual (Lowen, 1975/1982, 1980, 1988/1990).

Ao discutir os problemas do coração, o autor se refere à estrutura rígida pelo medo de amar usual a esses indivíduos. “Somente a pessoa sem medo de amar pode ter uma segurança relativa de que seu coração continuará saudável” (Lowen, 1988/1990, p. 107). Discute pontos em comum encontrados nos pacientes cardiopatas, entre eles a autocobrança, a competitividade, a impaciência, entre outros.

“A rigidez é o principal mecanismo utilizado no controle inconsciente de sentimentos e sensações” (Lowen, 1988/1990, p. 118). Nesse ponto, considera a supressão dos sentimentos como um stress que todo o corpo vivencia, desde o enrijecimento dos músculos aos pontos de tensão ao longo do corpo, em especial no sistema cardiovascular. “Quando a rigidez está instalada nos vasos sanguíneos periféricos, provoca hipertensão, problema que causa um estresse tremendo no músculo cardíaco e está consagrado como fator de risco para a doença coronária” (Lowen, 1988/1990, p. 118). Posteriormente, identifica que o fechamento completo de uma artéria coronária leva ao ataque cardíaco. Segundo ele, isso é consequência de um “estresse extraordinário” que o coração sofre. Essa ideia vai ao encontro da teoria do stress apresentada anteriormente (Lowen, 1980).

Quando descreve a artrite como um transtorno de mobilidade, Lowen (1980) associa a doença ao bloqueio inconsciente dos impulsos. Nesses momentos, o autor também apresenta uma perspectiva negativa sobre a rigidez, associando a negação da necessidade de apoio a essa e outras doenças, como o resfriado comum, por exemplo.

As pacientes de Nascimento (2012) tiveram dois pontos relevantes em relação à sexualidade. Primeiramente, todas elas possuíam um vínculo profundo com a figura paterna, demonstrando uma excitação latente, mas com “coberturas caracteriais históricas como

formas de defesa para não adentrar na depressão e falta oral de afeto materno” (Nascimento, 2012, p. 118). Em segundo lugar, suas pacientes mostraram uma sexualidade comprometida pelo adoecimento, o qual assume a função de escudo contra a feminilidade e as sensações de prazer sexual. Esses dados evidenciam a ambivalência presente nas defesas de caráter.

Portanto, segundo Nascimento (2012), a rigidez pode ser utilizada como uma postura que encobre e mascara os sentimentos de fraqueza e dependência de ordens orais. Essa afirmação tem relação com o pensamento de Lowen (1980), ao dizer que o adoecimento, nesses casos, é gerado pela repressão dos sentimentos hostis de revolta e pelo desamparo e abandono sofridos na primeira infância.

Com conclusões semelhantes ao pesquisar a estrutura de caráter predominante nas pacientes com câncer de mama, Ferreira (2004) identifica que todas as entrevistadas possuem fortes traços orais. De acordo com a autora, elas demonstraram ter passado por perdas significativas, além de terem perdido a fé em si mesmas e no mundo, projetando-a para algo fora de si. Lowen (1980) relaciona o câncer à negação do desespero, em que a pessoa, diante de situações de sofrimento e desespero, assume uma fachada de coragem e esperança. Essa ideia vai ao encontro das conclusões da autora e também mostra a presença de traços rígidos.

Lowen (1988/1990) também analisa os estudos de Friedman e Roseman sobre a relação entre os pacientes cardiopatas e o tipo B de personalidade, um tipo caracterizado por autocoerção, perfeccionismo, negação das fraquezas e adaptação às exigências sociais. O autor compara com os indivíduos que classifica como rígidos e resume suas características na dificuldade que possuem de cederem ao amor. Além disso, apresenta uma série de pesquisas com a importância do amor para o coração e a pressão sanguínea, confirmando a associação que faz entre as cardiopatias e os traços rígidos de caráter (Lowen, 1988/1990).

e) Cultura, adaptação à sociedade e controle dos impulsos.

Lowen (1958/1977, 1975/1982) se refere à boa adaptação que o indivíduo rígido tem à sociedade em que vive. Atende às exigências externas com facilidade, lida bem com as frustrações do ego diante do conflito entre a realidade interna e externa e suprime os impulsos internos com facilidade.

O autor também discute a questão cultural da masculinidade, que leva à repressão dos sentimentos, e como isso pode explicar o maior índice de problemas cardíacos em homens do que em mulheres (Lowen, 1988/1990).

El estrés, en esta situación, es creado por el deseo de soltarse y ser libre y el temor de soltarse o por el deseo de amar y el temor de ser herido. Atrapado en este conflicto, la persona está profundamente frustrada y tiene un gran resentimiento. Pero estos sentimientos no son expresados debido a una poderosa sensación de culpa que deriva del temor al amor. Esta dinámica interna conduce al individuo a situaciones en las que se siente atrapado: puede ser un trabajo o un matrimonio insatisfecho. Incapaz de ser libre, es vulnerable a un ataque cardíaco (Lowen, 1980, p. 15).

Da mesma forma, apresenta estudos de caso de certas culturas que possuíam um índice baixíssimo de cardiopatias entre seus integrantes (Lowen, 1988/1990). Ao analisá-los, o autor discute a importância da livre expressão do amor na vida desses indivíduos, assim como a importância de ceder quando necessário.

4.6 A Concepção de Hierarquia dos Tipos de Caráter

Lowen (1975/1982) apresenta o conceito de hierarquia dos tipos de caráter. Para compreendê-lo, foi necessário retomar as bases psicanalíticas que sustentam a ideia de um percurso do desenvolvimento infantil (Freud, 1905/1987) e as bases reichianas que apoiam a teoria da formação do caráter (Reich, 1933/1998). Reich (1933/1998) apresenta como as defesas podem ser mais superficiais ou mais profundas, de acordo com os diferentes fatores que as influenciaram.

Lowen (1975/1982, p. 149) organiza as estruturas em uma configuração hierárquica, na qual “num extremo coloca-se a posição esquizoide, que é a fuga da intimidade e do contato por serem muito ameaçadores e, no outro, a saúde emocional, onde prevalece a ausência de contenções dos impulsos de sair abertamente em busca de amor, de contato, da intimidade”. Para o autor, a legítima saúde emocional está em uma posição além da rigidez, em que as defesas e tensões se tornam flexíveis e a energia percorre o corpo livremente. Por outro lado, a esquizoidia, que representa o oposto, é colocada no mesmo patamar da enfermidade. Isso expressa uma contradição, uma vez que, se pensarmos que a estrutura rígida não é sinônima de saúde emocional, a esquizoide também não deveria se igualar ao extremo da doença.

Apesar do termo talvez não ser o apropriado, foi possível identificar, pelas categorias criadas para analisar o caráter no presente trabalho, que há realmente uma hierarquia.

Para Lowen, as defesas de caráter se configuram a partir de uma quebra do fluxo natural de desenvolvimento que cada pessoa deve seguir para se tornar um indivíduo saudável. A tipologia final desenvolvida pelo autor mostra uma ordem das estruturas de

caráter, que segue uma cronologia com as fases do desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, os possíveis traumas vivenciados em cada uma. Esses traumas são formados a partir da frustração referente às diferentes necessidades básicas advindas de cada fase do desenvolvimento do indivíduo. Quanto mais precocemente os traumas ocorrem, mais comprometido estará o indivíduo, pois dispõe de poucos recursos para enfrentá-los. Os traços esquizoides são formados em uma fase muito primitiva, enquanto a rigidez se estrutura em uma fase posterior.

A ordem também representa uma progressão no nível de estruturação e fortalecimento do ego, assim como o concomitante fortalecimento corporal. Considera que o indivíduo rígido possui o ego mais forte e o esquizoide uma grande fragilidade egoica, a ponto de dissociar-se de si próprio. Além disso, percebe-se que o autor ressalta que a força egoica é um indicativo de saúde.

Também há uma progressão no nível de carga energética de uma estrutura para a seguinte. A posição esquizoide representa a estrutura de menor carga energética, o que vai aumentando até chegar à rígida, descrita como tendo a maior carga energética.

O contato com as próprias emoções também aumenta de uma estrutura para a outra, assim como a vivência da sexualidade. As estruturas esquizoide e oral possuem baixo contato com o próprio corpo e com as próprias emoções, além de terem a sexualidade fragilizada. Por outro lado, o rígido possui mais contato com os próprios sentimentos e mais vitalidade na vivência de sua sexualidade, embora haja uma dissociação entre amor e sexo.

Além disso, de uma estrutura para outra há um aumento da capacidade de adaptação à sociedade e à cultura. Nesse sentido, a estrutura mais adaptada é a rígida, enquanto o indivíduo esquizoide pode claramente demonstrar uma patologia no nível da esquizofrenia e perder a conexão com os valores sociais que o cercam. Por outro lado, o autor afirma que viver em uma cultura adaptada é sinal de patologia, mas considera que os indivíduos com baixa conexão consigo mesmos são mais propensos a vivenciar esses conflitos. Acredita que o rígido consegue lidar melhor com a frustração, o que também está ligado à sua força egoica.

De forma sintética, esquematizamos essa hierarquia da seguinte forma:

Hierarquia dos tipos de caráter

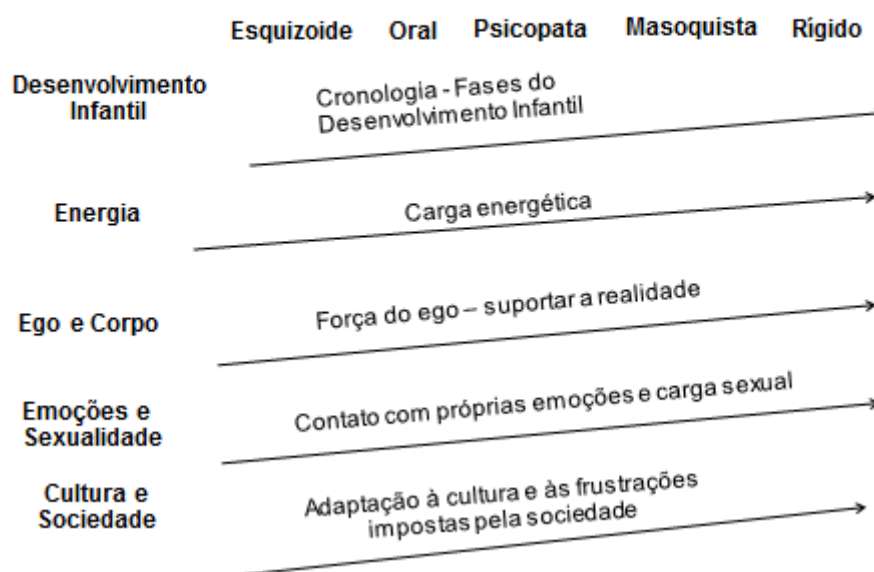


Figura 26 – Esquema representativo da hierarquia dos tipos de caráter a partir das categorias de análise.

Há um aumento progressivo de uma estrutura para a outra nos aspectos referentes a cada categoria. Essa relação de progressão se encontra em diversos momentos no pensamento do autor. Entretanto, sabe-se que é complicado definir essas diferenças em hierarquias, sendo essa uma concepção dominante e conservadora de saúde presente em seu pensamento. É importante explicar que o termo é utilizado por Lowen (1975/1982) e que, nesse momento de sua obra, a concepção de saúde envolve claramente uma desigualdade entre as estruturas. Esses valores se atrelam às concepções do autor naquele período e ao seu histórico pessoal e profissional. Apesar da diferença em termos de grau entre as estruturas em todos os pontos do esquema, consideramos que ela não deve atribuir valor, o que ocorre com base em uma perspectiva conservadora da concepção de normalidade. Essa distinção deve indicar as particularidades de cada estrutura a partir dos traços formados pela história de vida de cada um.

As estruturas se formam a partir de frustrações das demandas básicas de cada fase e, ao mesmo tempo, se expressam como uma defesa contra essas mesmas frustrações que a originaram. Isso significa que a defesa é importante para proteger o indivíduo, mas, ao mesmo tempo, sabe-se que a necessidade primitiva de existir é natural a qualquer indivíduo. Quando há o acolhimento que o bebê precisa, estão presentes as bases para que ele possa expressar suas necessidades vitais, como fome ou afeto. Se o indivíduo não se sente amparado em sua

existência, se defenderá de qualquer possibilidade de buscar suprir suas demandas. Da mesma forma, se não tem suas necessidades satisfeitas pelo outro na fase oral, dificilmente saberá satisfazer-se de forma mais autônoma. Conseqüentemente, aplicará o controle na fase seguinte. Nesse caso, o indivíduo se mantém em uma posição de eterna dependência, como se não “avançasse” para a posição seguinte. E isso também ocorre nas outras defesas.

Essa construção das estruturas de defesa se dá a partir das necessidades que os indivíduos buscam satisfazer, típicas de cada fase do desenvolvimento, pela declaração de direitos, ou seja, segundo “o grau de intimidade e contato que se permitem ter” (Lowen, 1975/1982, p. 149). Dessa forma, o autor define os conflitos de cada caráter do seguinte modo: “Esquizóide: existência X necessidades; Oral: necessidades X independência; Psicopático: independência X intimidade; Masoquista: intimidade X liberdade; Rígido: liberdade X ceder ao amor” (Lowen, 1975/1982, p. 151). Sendo assim, somente quando o indivíduo se sentir aberto e acolhido em sua existência se abrirá para a busca de satisfação de suas necessidades por meio do outro. Do mesmo modo, apenas ao conseguir essa “satisfação” poderá caminhar em direção à autonomia, e assim por diante. O drama de cada caráter, antes sintetizado, se dá pelo conflito entre abandonar uma posição da hierarquia e “prosseguir” para a posição seguinte.

Nesse sentido, o caráter é constituído em uma hierarquia de necessidades, e “cada estrutura de caráter se configurou enquanto uma defesa contra a posição imediatamente abaixo na hierarquia dos tipos de caráter” (Lowen, 1975/1982, p. 150). O autor exemplifica essa questão em alguns pontos de seu texto, como quando diz que “a rigidez torna-se uma defesa contra uma tendência masoquista subjacente” (Lowen, 1975/1982, p. 146). Ele afirma isso considerando que o masoquismo expressa certa submissão e que a rigidez mostra um grande medo de ceder. Portanto, há uma defesa construída contra as frustrações típicas da fase anterior. Da mesma forma, ao falar da psicopatia, Lowen (1975/1982) ressalta a predominância de elementos orais nessa estrutura, ou seja, da fase anterior. O autor acredita que a psicopatia e a forte imagem construída sobre o ego são uma forma de lidar com a falta experienciada na fase anterior (fase oral).

Essa forma de apresentar as estruturas reforça a ideia de que a concepção de saúde envolve, para Lowen, uma superação dos conflitos advindos em cada fase do desenvolvimento e uma flexibilização das defesas de caráter. No início de sua obra, há uma supervalorização da estrutura neurótica e rígida em detrimento das estruturas pré-genitais. Entretanto, ao longo de seus estudos, o autor amplia sua visão sobre as estruturas, considerando os aspectos ambivalentes e conflituosos de todas as formas de defesa.

Embora Lowen considere inicialmente a estrutura rígida como mais saudável, é evidente a contradição que essa afirmação apresenta. Em muitos momentos, a estrutura esquizoide é apresentada por ele como a mais próxima da enfermidade emocional e de uma concepção de patologia. Contudo, vimos, neste capítulo, que o esquizoide é propenso a determinados tipos de adoecimento por sua dificuldade de elaborar os conflitos e fragilidade constitucional, mas também mantém os órgãos específicos saudáveis por deslocar o conflito para o corpo todo. A mesma dissociação que o faz se afastar da realidade e assumir uma postura patológica também o protege de determinados conflitos. Essa ambivalência indica a complexidade das defesas de caráter e a função dual que assumem para o indivíduo. Pode ser comparada à função ambivalente de uma armadura em uma batalha: ao mesmo tempo em que protege quem a usa, seu peso também limita os movimentos e a agilidade, fazendo com que os aspectos positivos e negativos da defesa coexistam.

Além disso, o autor ressalta que a divisão é feita em termos de posições de defesas e que ninguém é um tipo puro, mas uma combinação de traços, em que um conjunto deles se mostra predominante, definindo sua estrutura. Em um de seus estudos de caso, por exemplo, Nascimento (2012) diagnostica a paciente como tendo a estrutura esquizoide devido aos fortes sentimentos de cisão e fragmentação vivenciados por ela e por um padrão corporal de tensão diafragmática e peito encolhido. Porém, ressalta a presença de fortes tendências masoquistas em sua personalidade, inclusive evidenciando os aspectos corporais, uma vez que possuía uma densidade muscular grande, com muita força e contenção aparentes. Dessa forma, como todo indivíduo passa por todas as fases do desenvolvimento, terá elementos de cada caráter em sua constituição. Entretanto, aquelas experiências mais intensas e a fase em que ocorreram definirão as principais marcas que comporão sua estrutura.

Lowen (1958/1977, 1975/1982) aponta a dificuldade em se realizar esse diagnóstico. Alguns autores inclusive criticam sua hierarquização caracterológica, comparando-a com uma visão mais singular de Reich (Rego, 2008). Segundo Zink (1999, citado por Cipullo, 2002), mesmo a visão diagnóstica caracterológico-analítica da Bioenergética e os exercícios propostos por Lowen estão passando por muitas modificações, deixando de ter o peso que tinham antes. A utilização indiscriminada do diagnóstico de caráter e a importância atribuída a esse método corriam o risco de se sobressair à singularidade de cada sujeito.

[...] uma importância que acabou por colocá-los acima da singularidade do cliente [...] Hoje, o trabalho enfatiza o vínculo do terapeuta com o cliente, o respeito e a consideração do que há de singular no indivíduo, acima da maior ou menor transparência do caráter, acima dos exercícios – o que significa observar

o modo como o sujeito se coloca no mundo, como o corpo dele se transforma (Zink, 1999, p. 9, citado por Cipullo, 2002, p. 79).

De acordo com a citação, percebe-se a importância de se considerar a singularidade dos indivíduos e que a visão sobre o caráter tem se reconfigurado nesse sentido, embora não possamos desprezar a importância do diagnóstico como pano de fundo para orientar o trabalho do terapeuta.

Conclusões

A Análise Bioenergética e os conceitos desenvolvidos por Lowen são importantes para o desenvolvimento da Psicologia como ciência por apresentarem uma nova perspectiva sobre o caráter como possibilidade de integração entre a mente, o corpo e os processos sociais.

A discussão sobre a integração entre corpo e mente se dá de diferentes formas ao longo da produção de Lowen. No início de suas produções, propõe solucionar a cisão existente entre mente e corpo. De forma geral, pode-se dizer que a relação entre os conceitos ocorre de forma integrativa, sendo instâncias diferentes, mas que se interligam e exercem influência mútua.

Apesar de ser uma teoria controversa em muitos momentos, é evidente que o autor traz diversos conceitos importantes para defender sua tese, apresentando uma perspectiva diferente sobre o caráter, em que o considera sob seus aspectos psicocorporais. Dessa forma, uma das hipóteses levantadas para o presente trabalho – de que o caráter demonstra ser um ponto de articulação entre corpo e mente –, é confirmada pela revisão da literatura.

Para se compreender como se constroem as teorias de Lowen, foi necessário recorrer às bases que fundamentaram os principais conceitos utilizados pelo autor. Suas ideias sobre a integração entre corpo e mente e sobre o caráter foram amplamente influenciadas por seus precursores. Freud forneceu as bases para se pensar as principais categorias presentes na obra de Lowen, como energia, ego e desenvolvimento infantil, enquanto o pensamento de Reich sobre o corpo se configura como uma mudança paradigmática na forma de pensar o caráter em seus aspectos psicocorporais.

Por meio do percurso biográfico de Lowen (2004/2007), notamos que a cisão entre mente e corpo é um conflito presente desde os primeiros anos de sua vida, o que o impulsionou a desenvolver seus estudos e estruturar sua teoria. O encontro com Reich foi um evento marcante em sua vida, pois lhe possibilitou mais contato com seu próprio corpo, bem como o reconhecimento de suas próprias contradições como pessoa e profissional. Foi a partir do encontro com ele que decidiu estudar Medicina na Europa e investigar o corpo. Além disso, Reich foi o fundador da Análise do Caráter, o que forneceu as bases teóricas para que Lowen pudesse desenvolver o conceito.

Lowen tem um vasto percurso bibliográfico, tendo iniciado seus estudos com foco nas estruturas de caráter. Ao analisar as alterações nas formas de pensamento do autor ao longo do tempo, concluímos que, devido às pressões da sociedade capitalista em que vivia, seus

escritos foram adquirindo um formato cada vez menos acadêmico e mais voltado a temas de interesse popular, utilizando linguagens mais acessíveis ao grande público.

O contexto histórico propiciou que o caráter se tornasse um tema de referência na época em que iniciou suas publicações. O pensamento de Lowen foi amplamente influenciado pelos aspectos sociais, históricos, políticos e econômicos que permeavam a sua produção. Tais aspectos se atrelam ao período entre guerras e à necessidade de categorização existente no militarismo alemão.

O corpo é inicialmente analisado sob uma perspectiva categórica, mais ligada ao caráter, para depois se desenvolver para uma perspectiva mais ampla, ligada à saúde e aos aspectos que permeiam o bem-estar físico e mental. A definição de corpo pelo autor não é fechada e estática, uma vez que se desenvolve historicamente pela articulação com os processos psicológicos e somáticos.

Criamos cinco categorias para se pensar a integração entre corpo/mente e o caráter na obra de Lowen: o desenvolvimento infantil; o conceito de energia; a relação entre o ego e o corpo; as emoções e a sexualidade; e a relação do indivíduo com o ambiente social e cultural em que vive. Esses aspectos são apresentados pelo autor como conceitos importantes para nortear o complexo estudo sobre a relação entre as duas instâncias e a estruturação do caráter. São diversos os conceitos que o autor trabalha, dada a amplitude de sua obra, mas percebemos que a definição dessas cinco categorias oferecem uma melhor sistematização de seu arcabouço teórico e uma maior delimitação do estudo do caráter.

Apesar da extrema complexidade da relação entre corpo e mente na Análise Bioenergética, concluímos que o caráter é um eixo que norteia a discussão, um conceito que se mostra como uma resultante dos processos de integração entre mente e corpo e expressa as defesas formadas ao longo da vida para lidar com as frustrações advindas dos traumas e das situações estressantes das primeiras experiências do indivíduo. Para compreendê-lo, foi necessário identificar os fatores do desenvolvimento infantil que justificam a estruturação das defesas, como a energia se distribui e se movimenta no indivíduo e como o ego e a musculatura se configuram como forma de mediação diante das exigências internas e externas, além dos fatores que permeiam a relação entre emoções e sexualidade e a influência da cultura na constituição das defesas. Essas categorias articulam os processos envolvidos na definição do caráter com os processos envolvidos na definição de saúde e doença. Por isso, são importantes para sistematizarem e delimitarem a nossa discussão, conforme nosso objetivo de relacionar o caráter ao adoecimento corporal.

Em suma, podemos sintetizar os conceitos da seguinte forma: desenvolvimento infantil é o percurso pelo qual o indivíduo passa para se constituir e se desenvolver em seus aspectos psicocorporais; energia é a força que flui por corpo e mente e que é responsável pela sustentação do organismo e manutenção da vida; ego é a instância mediadora entre as demandas internas e externas, que tem a musculatura como seu correspondente corporal; emoções são reações a estímulos internos ou externos, que perpassam os aspectos psíquicos e corporais e que movimentam o indivíduo na busca pela satisfação de suas necessidades; contexto sociocultural é o ambiente externo que circunda o indivíduo desde o início de seu desenvolvimento.

A concepção de adoecimento para Lowen deve ser avaliada a partir de um contraponto com a concepção de saúde, o que é influenciado pelo contexto histórico de desenvolvimento das teorias do autor. O autor discute pouco sobre o adoecimento, o que acreditamos ocorrer pela visão mais positiva do autor e seu foco no processo de saúde. Há uma série de indicativos de saúde para Lowen, incluindo mobilidade, flexibilidade, vitalidade, fluidez energética, boa respiração e alimentação, bom contato com o ambiente e com a terra (*grounding*), entre outros. O adoecimento ocorre quando há uma quebra do processo natural de desenvolvimento do indivíduo.

Foram encontradas duas definições de adoecimento corporal para Lowen. Primeiramente, todo adoecimento é psicossomático, no sentido de envolver concomitantemente aspectos do corpo e da mente. No presente trabalho, utilizamos o termo “psicocorporal” para designar essa característica. A segunda definição envolve a concepção de doença como uma reação extrema a um agente estressor que se torna crônico. Lowen (1980) se utiliza da Teoria do Stress, de Hans Selye, para explicar a formação do adoecimento. Nessa perspectiva, ele é resultado de uma falha na defesa de caráter, ou seja, ocorre quando há um colapso do sistema de defesa construído pelo indivíduo.

A partir dessas duas definições, a nossa hipótese sobre a relação entre caráter e adoecimento se evidencia por assumirem a mesma função, que é a defesa do organismo a uma situação de stress, visando garantir a autorregulação. Além disso, foi possível observar que os traços de caráter orientam a maneira de ser do indivíduo diante da saúde e do adoecimento e, por isso, são importantes para se compreender certos aspectos envolvidos nas enfermidades que acometem o corpo e a mente.

É importante considerar que, inicialmente, o próprio caráter é avaliado pelo autor como patológico. Isso porque é um estado estruturado e rígido em oposição à fluidez, mobilidade e graciosidade que constituem um corpo e mente saudáveis. Essa concepção se

mostrava limitada por desconsiderar os aspectos positivos das defesas e suas funções na proteção do indivíduo. Assim, a função do caráter é ambivalente, pois a mesma defesa que protege o indivíduo o priva de exercer sua liberdade e seus direitos básicos de forma fluida e saudável.

Em nenhum momento o caráter deixa de ser considerado pelo autor, mas a ideia de estruturas vai sendo substituída pela de defesas. Lowen e os autores atuais da Bioenergética reconfiguraram a concepção de patologia ligada ao caráter, considerando que não há indivíduos sem defesas, uma vez que elas são necessárias e fundamentais à sua sobrevivência.

Acreditamos que essa mudança se dá porque o primeiro conceito indica uma estruturação estática, o que limita o indivíduo, enquanto a ideia de defesas indica o movimento e a transitoriedade inerentes ao humano. Além disso, essas mudanças acompanham as transições epistemológicas do período.

Portanto, a saúde é identificada como uma condição em que as defesas continuam existindo, mas se tornam flexíveis, caracterizando uma estrutura de caráter mais permeável a seus traumas e à abertura de possibilidades. A relação entre caráter e adoecimento para Lowen exemplifica essa ambivalência, uma vez que a doença se forma quando há um excesso de stress e a defesa de caráter, que deveria servir para proteger o indivíduo, acaba colapsando e se voltando contra ele próprio.

Além disso, o autor sistematiza as estruturas de caráter, definindo uma tipologia que se altera ao longo de sua produção. A mais recente abrange as estruturas de caráter esquizoide, oral, psicopata, masoquista e rígida. Podemos caracterizar a defesa esquizoide pela cisão e desconexão do indivíduo com a realidade e consigo próprio, a oral pela dependência e carência afetiva, a psicopática pela sedução e controle, a masoquista pela submissão e contenção, e a rígida pela dificuldade de ceder e pela dissociação entre amor e sexo. Cada estrutura pode ser analisada a partir das cinco categorias que criamos, podendo ser discutidas sob cada uma delas.

É importante ressaltar que a sua tipologia é construída e discutida para fins didáticos e como forma de orientar a compreensão clínica e contribuir para o manejo da transferência. Decidimos utilizá-la com o objetivo de sistematizar e pensar a saúde e o adoecimento a partir de formas estruturadas de se estabelecer no mundo.

No início da obra de Lowen, percebe-se que há uma tentativa de associar determinadas estruturas a doenças específicas e que algumas estruturas são mais passíveis de cederem ao adoecimento por suas formas particulares de lidar com as defesas. Um exemplo seria dizer que um indivíduo oral tem mais propensão à miopia ou que um indivíduo rígido

possui mais propensão a problemas cardíacos. Nos momentos iniciais de seus escritos, o autor considera que há uma maior propensão ao adoecimento quando ocorre a combinação de traços orais e rígidos. Segundo ele, isso ocorre pela dificuldade de sustentar a rigidez quando as bases energéticas e egóicas são frágeis. Também realiza uma associação entre a esquizoidia e os adoecimentos ligados a problemas articulares, de respiração e de contato, devido às tensões e à falta de elaboração simbólica.

Com o tempo, ele deixa de realizar essa associação, provavelmente por desenvolver uma visão mais ampla e mais aberta sobre a saúde. A discussão sobre o conceito de caráter se torna menos frequente em suas obras. O próprio termo “caráter” deixa de aparecer. Por outro lado, a essência do funcionamento das estruturas persiste, mesmo que de forma diluída.

Entretanto, vale lembrar que as características caracterológicas ocorrem como traços de defesa, que se combinam para formar a personalidade do indivíduo, e que nenhuma classificação deve ser determinante. Compreendemos que a classificação em tipos de caráter não deve ser rígida, uma vez que não há formas pré-estabelecidas e determinadas de se construir e se posicionar no mundo. Por outro lado, o conhecimento das estruturas e dos traços de caráter baseados nas defesas fornece um material valioso para a compreensão da relação entre a mente e o corpo e para o estudo do indivíduo em sua amplitude e complexidade.

Embora não seja um termo apropriado, percebe-se que há realmente uma hierarquia dos tipos de caráter, como afirma Lowen (1975/1982), e isso se torna evidente quando verificamos cada estrutura a partir das categorias. Além disso, ressalta-se a relação entre estruturas de caráter e adoecimento ao se observar que há um aumento em termos de grau em cada categoria, de uma estrutura para a outra. Há uma progressão cronológica das fases do desenvolvimento, um aumento da carga energética, da força egoica, da vivência das próprias emoções e da própria sexualidade e do nível de adaptação à cultura e à sociedade. Por outro lado, acreditamos que essas diferenças entre as estruturas não devem ser consideradas em termos de valor, e sim de diferenças, uma vez que cada uma possui pontos positivos e negativos. A classificação em saudável ou patológico dependerá do contexto, das necessidades próprias de cada indivíduo e das condições em que se encontram.

As estruturas de caráter não podem ser consideradas apenas como reações patológicas, pois expressam uma ambivalência entre aspectos positivos e negativos. A mesma estrutura que apresenta tensões e bloqueios no fluxo natural da energia também protege o indivíduo de acessar os conteúdos de sofrimento intenso gerados por traumas na infância. Portanto, cada

uma tem características saudáveis e patológicas de acordo com o contexto em que são avaliadas.

A busca pelas correlações entre caráter e adoecimento, apesar de não ser determinante e nem categórica, orienta o estudo e a pesquisa, uma vez que pode contribuir para uma compreensão mais ampla dos processos de adoecimento e possibilidades de intervenção sobre a saúde mental, corporal e emocional dos indivíduos. Para uma futura pesquisa, propõe-se aprofundar a temática da integração corpo/mente e continuar desenvolvendo as relações entre as estruturas de caráter e o adoecimento a partir de uma análise empírica de pacientes que vivenciam o sofrimento por meio de enfermidades que se expressam no corpo.

Referências

- Abraham, K. (1970). *Teoria psicanalítica da libido – sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (C. M. Oiticica, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Albertini, P. (2003). Reich e a possibilidade do bem-estar na cultura. *Psicologia USP*, 14(2), 61-89. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000200006&lng=en&tlng=pt.
- Andrade, T. M. R., Castro, M. G., & Muller, M. C. (2006, janeiro/abril). Conceito mente e corpo através da história. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 39-43.
- Ávila, L. A. (2012). O corpo, a subjetividade e a psicossomática. *Tempo Psicanalítico*, 44(1), 51-69.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes.
- Berjeret, J. (2000). *A personalidade normal e patológica* (3a ed.). Lisboa: Ed: Climepsi.
- Bertschi, H., Gerhard, U., & Ventling, C. D. (2008). Efficacy of Bioenergetic Psychotherapy with Patients of known ICD-10 Diagnosis: a retrospective evaluation. *USABPJ*, 7(2).
- Blanch, M.R. (2007). *El paradigma reichiano en la actualidad. Utopía o potencialidad*. Adaptación de la Conferencia impartida en Santiago de Chile, dentro de las Jornadas en conmemoración del 50 aniversario de la muerte de W. Reich. El 5 de octubre de 2007. Documento publicado en: Psicoterapia y otras posibilidades. Recuperado de <http://mariaclararuz.com>.
- Boggio, L. G. (1980). *Anorexia y bulimia: entre el vacío y la pérdida de límites*. New York. Recuperado de <http://www.clinicabioenergetica.org/docs/IVJornadasdePU.pdf>.
- Bueno, J. L. O. (1997). Corpo, consciência e psicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1), 95-107.
- Caldeira, G. (2003, janeiro/junho). Psicossomática hoje. *Medicina psicossomática ontem, hoje e amanhã, Revista da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática*, 7(1/2).

- Calegari, D. (2005). Síntese das defesas. In *Terapia energética corporal*. São Paulo: Pulsar: Centro de Estudos Energéticos.
- Castro, J. R. S. (2001). Psicossomática: uma atividade interdisciplinar. In G. Caldeira & J. D. Martins, *Psicossomática: Teoria e Prática*. (2a ed., pp. 161-192). Rio de Janeiro: MEDSI Editora Médica e Científica.
- Castro, J. R. S. (1999, novembro). Psicossomática: uma atividade interdisciplinar. In *I Jornada Interdisciplinar do Hospital das Clínicas da UFMG*. Belo Horizonte: UFMG.
- Cerchiari, E. A. N. (2000). Psicossomática um estudo histórico e epistemológico. *Psicol. cienc. prof.*, 20(4), 64-79. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932000000400008>.
- Cervantes, M. M. C. (2011). *Blog da Biossíntese*. Lisboa: Centro de Psicoterapia Somática em Biossíntese. Recuperado de <http://blogdabiossintese.blogspot.com.br/2011/05/crianca-indesejada-por-w-reich.html>.
- Cipullo, M. A.T. (2002). *Decifrando posturas: corpo e existência na compreensão psicodiagnóstica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cipullo, M. A. T. (2000). *Falando do corpo - o papel do verbo na Bioenergética*. São Paulo: Summus.
- Cruz, M. Z.; Pereira Junior, A. (2011, dezembro). Corpo, mente e emoções: referenciais teóricos da psicossomática. *Rev. Simbio-Logias*, 4(6).
- Danziger, K. (1994). *Constructing the subject: historical origins of psychological research*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Donice, M. G. (2007). *O significado da pesquisa científica em Análise Bioenergética*. Recuperado de http://www.analisebioenergetica.com/flaab/extra/2011_03_17_16_18_53_o+significado+d+a+pesquisa+e+monografia++cientifica+para+a.b.pdf.
- Franco, M. B. (2003). *Análise do conteúdo*. Brasília: Plano.
- Ferreira, I.M.S. (2004). *A influência do caráter na constituição do câncer de mama* (Monografia de Especialização). Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

- Fleck, P., Hoffman, F. S., Muller, M. C., & Zogbi, H. (2005). A integração mente e corpo em psicodermatologia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(1), 51-60.
- Freud, S. (1894/1987). As neuropsicoses de defesa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. II). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1895/1987). Estudos sobre a histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. II). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/1987). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908/1987). Caráter e erotismo anal. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. IX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1987). As pulsões e suas vicissitudes. In *Textos essenciais da psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XIV). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1916/1987). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1917/1987). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XVII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923/1987). O ego e o id. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XIX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924/1987). Neurose e psicose. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XIX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924/1987). O problema econômico do masoquismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1926/1987). Inibições, sintomas e angústia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/1987). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XXI). Rio de Janeiro: Imago.
- Fulgencio, L. (2002). *A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa*. *Ágora*, 5 (1), 101-111. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v5n1/v5n1a08.pdf>.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas.
- Gressler, L. A. (2004). *Introdução à pesquisa – projetos e relatórios*. São Paulo, Loyola.
- Gudat, U. (2002). The Efficacy of Bioenergetic Analysis as a Method of Psychotherapy. *Bioenergetic Analysis*, 13(1).
- Koemeda-Lutz, M., Kaschke, M., Revenstorf, D., Scherrmann, T., Weiss, H., & Soeder, U. (2008, Summer). Evaluation of the effectiveness of body psychotherapy in outpatient settings (EEBP): a multi-centre study in Germany & Switzerland. *Hakomi Forum*, Issue 19-20-21.
- Lowen, A. (1958/1977). *O corpo em terapia*. São Paulo: Summus.
- Lowen, A. (1965/1978). *Amor e orgasmo: guia revolucionário para a plena realização sexual* (M. S. Mourão Netto, trad.). São Paulo: Summus.
- Lowen, A. (1967/1979). *O corpo traído* (G. Schlesinger, trad.). São Paulo: Summus.
- Lowen, A. (1970/1990). *Prazer – uma abordagem criativa da vida* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Círculo do livro.
- Lowen, A. (1972/1983). *O corpo em depressão: as bases biológicas da fé e da realidade*. São Paulo: Summus.
- Lowen, A. (1975/1982). *Bioenergética*. São Paulo: Summus.

- Lowen, A. (1976). *Comportamento psicopático e a personalidade psicopática*. (L. R. O. Reghin, trad.). In *The voice of the body* (2005). Versão ampliada da Conferência proferida na Igreja da Comunidade de New York, novembro de 1995 – IIBA 1976, New York.
- Lowen, A., & Lowen, L. (1977/1985). *Exercícios de Bioenergética – o caminho para uma saúde vibrante* (8a ed., V. L. Marinho e S. D. de Castro, trad.). São Paulo: Ágora.
- Lowen, A. (1980). *Estrés y enfermedad*. Traducción: Psic. Luis Gonçalvez Boggio. [tradução do artigo *Stress and illness: a bioenergetic view*. In: *The voice of the body* (2005)] Monografias IIBA. New York. Recuperado de <http://www.clinicabioenergetica.org/docs/cuadernosiiibanro1.pdf>.
- Lowen, A. (1980/1986). *Medo da vida: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo* (M. S. Mourão Netto, trad.). São Paulo: Summus.
- Lowen, A. (1983/1988). *Narcisismo: negação do verdadeiro “self”*. [Tradução: Álvaro Cabral]. São Paulo: Círculo do livro.
- Lowen, A. (1988/1990). *Amor, sexo e o seu coração*. São Paulo: Summus.
- Lowen, A. (1990/1995). *A espiritualidade do corpo: Bioenergética para a beleza e a harmonia* (P. C. de Oliveira, trad.). São Paulo: Editora Cultrix.
- Lowen, A. (1995/1997). *Alegria: a entrega ao corpo e à vida* (M. S. Mourão Netto, trad.). São Paulo: Summus.
- Lowen, A. (2004/2007). *Uma vida para o corpo*. São Paulo: Summus, 2007.
- Lowen, A. (2005). *The voice of the body – selected public lectures 1962-1982*. Hinesburg, USA: Alexander Lowen Foundation.
- Maami, S. (1999). O problema mente/corpo e a Psicanálise (M. A. F. trad.). In E. Leinfellner. (Ed.), *Metaphysik im postmetaphysischen Zeitalter, Krchberg am Wechsel: Österreichish Ludwig Wittgenstein Gesellschaft* (pp. 15-22, v. 2).
- Melo, C. (2010). Conversando sobre Alexander Lowen e o desenvolvimento da Análise Bioenergética. In *XV Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias*

Corporais. Curitiba: Centro Reichiano. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Recuperado de www.centroreichiano.com.br/artigos.

Miller, J. A. (2010). Alexander Lowen (1910–2008): reflections on his life. *Body, movement and dance in Psychotherapy: an international journal for theory, research and practice*, 5(2), 197-202. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1080/17432979.2010.494854>.

Nascimento, P. D. (2012). *Análise Bioenergética do sofrimento orgânico: diagnóstico e eficácia do tratamento* (tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Nascimento, P. D. (2008). Psicossomática e psicoterapia corporal: diálogos entre Reich, Navarro e Franz Alexander. In *XIII Encontro Paranaense, VIII Congresso Brasileiro, II Convenção Brasil/Latino-América*. Curitiba: Centro Reichiano. Recuperado de www.centroreichiano.com.br.

Navarro, F. (1995). *Characterologia pós-reichiana*. São Paulo: Summus.

Navarro, F. (1991). *Somatopsicodinâmica das biopatias: interpretação reichiana das doenças com etiologia “desconhecida”* (M. E. Araújo, trad.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Oliveira e Silva, J. R. (2001). *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Oliveira Júnior, W. R., Hur, D. U. (2015). A integração corpo/psiquismo e o desenvolvimento do conceito de caráter em Freud, Reich e Lowen. In: *Anais do XX Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais*. Curitiba: Centro Reichiano. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Oliveira Júnior, W. R.; Hur, D. U. (2015). A relação entre o adoecimento corporal e as estruturas de caráter na perspectiva da análise bioenergética. In: *XX Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais*. Curitiba: Centro Reichiano. Recuperado de www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Pedreira, C. M., & Cerqueira, E. M. M. (1984, janeiro/julho). Doenças hereditárias: um enfoque atual. *Sitientibus*, 2(4), 29-34.

- Rego, R.A. (2003). A clínica pulsional de Wilhelm Reich: uma tentativa de atualização. *Psicologia USP*, 14(2), 35-59. São Paulo. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n2/a05v14n2.pdf>.
- Rego, R. A. (2008). *A vida é dura para quem é mole: considerações sobre aspectos psicológicos da hipotonia muscular* (Monografia). Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <http://www.ibpb.com.br/RicardoRegohipotonia2008.pdf>.
- Reich, W. (1933/1998). *Análise do caráter* (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Reich, W. (1985). *La Biopatía del cancer*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.
- Reich, W. (1995). *A função do orgasmo* (19a ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Rodrigues, H.J.L.S. (2008). *A relação entre o corpo e a mente nos escritos de Freud, Lacan e Reich: do fenômeno psicossomático à unidade funcional soma-psyché* (Dissertação de Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Recuperado de <http://www.ifp-reich.com.br/publicacoes/henrique/A%20rela%20E3o%20entre%20o%20corpo%20e%20a%20mente%20nos%20escritos%20de%20Freud,%20Lacan%20e%20Reich.pdf>.
- Santos, R. (2009). *Biotipos – Alexander Lowen. Quadro-Síntese*. Recuperado de xa.yimg.com/kq/groups/24763960/1997737362/name/biotipos.pdf.
- Scliar, M. (2007). História do conceito de saúde. *PHYSIS – Rev. Saúde Coletiva*, 17(1), 29-41.
- Seguin, R.C., Roland, F. G., & Sampaio, M. (2004). Enfoque bioenergético no trabalho corporal e o câncer. In: *Anais da Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais*. Foz do Iguaçu: Centro Reichiano.
- Teo, T. (2009). Philosophical concerns in critical psychology. In D. Fox, & I. Prilleltensky (Eds.), *Critical psychology: an introduction* (2nd ed., pp. 36-53). London: Sage.
- Trotta, E. E. (2008). Visão contemporânea da psicossomática reichiana e novos enfoques clínicos. In *XIII Encontro Paranaense, VIII Congresso Brasileiro, II Convenção Brasil/Latino-América*. Curitiba: Centro Reichiano. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Recuperado de www.centroreichiano.com.br.

- Vásquez, F. (1997). *El dispositiu d'anàlisi de dades: l'Anàlisi de contingut temàtic/categorial*. (Investigació i Coneixement Psicosocial). Mimeografado.
- Volpi, J. H. (2004). *Particularidades sobre o temperamento, a personalidade e o caráter, segundo a psicologia corporal*. Curitiba: Centro Reichiano. Recuperado de www.centroreichiano.com.br/artigos.htm.
- Volpi, J. H., & Volpi, S. M. (2003). *Psicologia corporal – um breve histórico*. Curitiba: Centro Reichiano. Recuperado de <http://www.centroreichiano.com.br/>.
- Weigand, O. (2005). *Grounding na análise bioenergética: uma proposta de atualização* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- World Health Organization (WHO). (1946). *Constitution of the World Health Organization*. Basic Documents. WHO. Geneva.